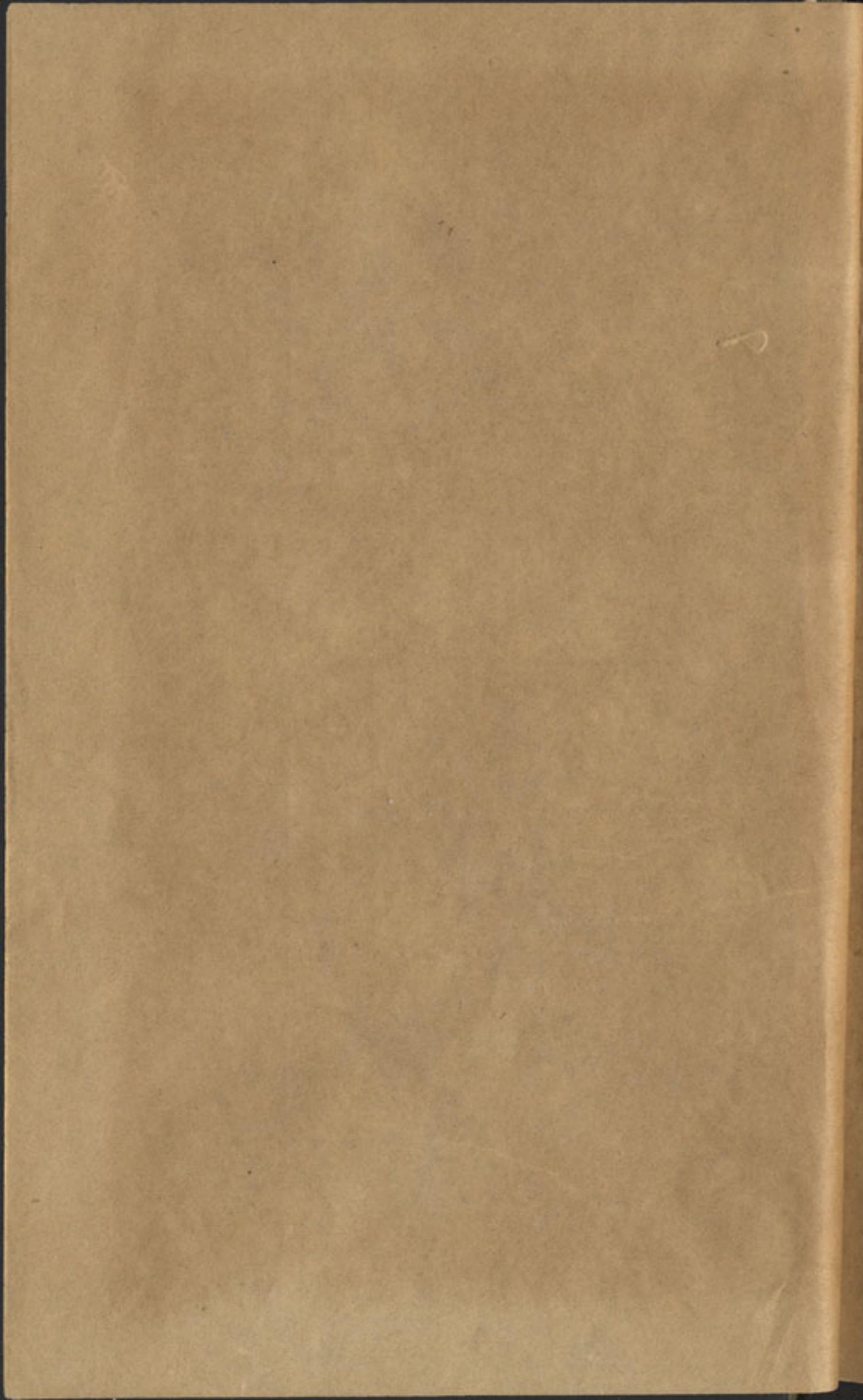


8
118
2

8

118

2



ANNUARIO

DA

UNIVERSIDADE
DE COIMBRÁ

ANNO LECTIVO DE 1907-1908

43



COIMBRÁ
Imprensa da Universidade

MDCCCXVII

ANNUARIO

DA

UNIVERSIDADE DE COÍMBRA

1907-1908

1877

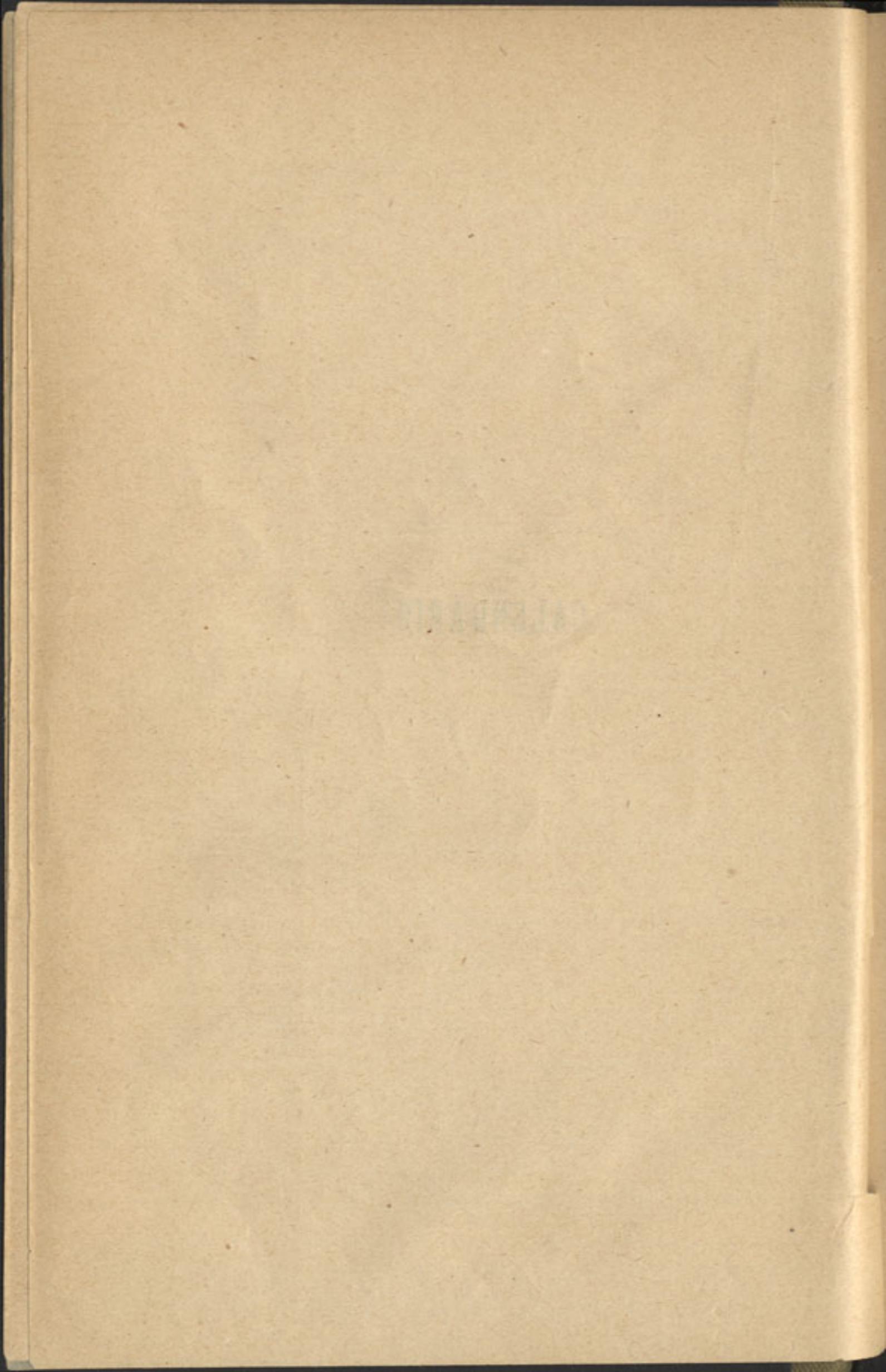
1877

1877

1877

R. 4806

CALENDÁRIO



CALENDÁRIO

Ecclesiástico e académico para o anno lectivo de 1907-1908,
e para a primeira época do de 1908-1909

Este calendário é o da Real Capella da Universidade, usado por todo o seu pessoal ecclesiástico. É o commum da Diocese de Coímbra, com algumas alterações ou particularidades, exigidas pelas leis litúrgicas; por isso se omittiu, por desnecessária, a indicação de muitas commemorações e outras especialidades, nos dias em que elle se não afasta da folhinha diocesana. Os dias em que se afasta sam indicados pelo signal * collocado à margem.

Encontram-se impressas a tinta preta as indicações dos dias lectivos, e a tinta vermelha as dos dias feriados.

Serviço divino na Real Capella da Universidade

Durante o anno lectivo ha, todos os dias não santificados, pelo menos uma missa rezada, às horas que as conveniências do serviço aconselharem; aos domingos e dias santificados ha missa cantada às 10 horas, e rezada às 11. A missa cantada é solenne nos dias singularmente indicados no calendário, que vai em seguida. Este horário não se observa quando na Real Capella haja alguma solennidade, a que assista o Prelado universitário, a quem pertence escolher e determinar a hora. Nesses dias passa para as 10 horas a missa rezada.

Todos os dias, desde 16 de outubro até sábbado d'alleluia (18 de abril), abre a Real Capella às 7 horas da manhã; da Páschoa em deante, até ao fim do anno escolar, abre às 6 horas. Nos dias não santificados fecha às 10 horas até à Páschoa, às 9 da Páschoa em deante; aos domingos e dias santificados conserva-se aberta até ao meio-dia.

Abreviaturas usadas neste calendário

Ab.	— Abbade	Oit.	— Oitava de...
Ap.	— Apóstolo	P.	— Papa
App.	— Apóstolos	Pasch.	— depois da Páschoa
Arch.	— Archanjo	Pent.	— depois do Pentecostes
B.	— Bispo	Pp.	— Papas
Bb.	— Bispos	pr.	— côr <i>preta</i> (nos paramentos)
Bv.	— Bemaventurado.	Pref.	— Prefácio
br.	— côr <i>branca</i> (nos paramentos)	(Req.)	— Sam permittidas neste dia Missas de <i>Réquiem</i> (ou quaisquer Missas votivas)
C.	— Confessor	ros.	— côr de <i>rosa</i> (nos paramentos)
Cc.	— Confessores	rox.	— côr <i>rôxa</i> (nos paramentos)
Com.	— Commemoração	ult.	— último
Comp.	— Companheiro	V.	— Virgem
Compp.	— Companheiros	ver.	— côr <i>verde</i> (nos paramentos)
Cr.	— a Missa neste dia tem <i>Credo</i>	Vig.	— Vigília de...
D.	— Doutor (da Igreja)	Viu.	— Viúva
Dom.	— Domingo	Vp.	— Vésperas
enc.	— côr <i>encarnada</i> (nos paramentos)	Vv.	— Virgens
Epiph.	— depois da Epiphania	✠	— Dia santo.
Ev.	— Evangelho (ou Evangelista)		
Fer.	— Féria		
M.	— Mártyr		
Mm.	— Mártires		

ANNO LECTIVO DE 1907-1908

1.º mês

OUTUBRO

1.ª época

- * 1 Ter. S. Remígio, B. C., *br.*
Com. da Oit. Dedic. de S. Miguel, *Cr.* — *Principia a assignatura dos termos de matricula, que continúa em todos os dias não santificados, até ao dia 15 inclusivè.*
- * 2 Quar. Santos Anjos da Guarda, *br.* Com. da Oit., *Cr.*
- * 3 Quin. S. Leodgário, B. M., *enc.* Com. da Oit., *Cr.*
- 4 Sex. S. FRANCISCO D'ASSÍS, C, *br.* Mis. própria, *Cr.*, nenhuma Commemoração.
- * 5 Sab. S. Beregísio, Ab. C., *br.* Com. da Oit. e de S. Plácido etc., Mm., *Cr.* — Vp. do seguinte, Com. da Oit. de S. Miguel, e de S. Bruno C., e de S. Beregísio, e do Dom. seguinte.
- * 6 Dom. SOLENNIDADE DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA, *br.* Com. da Oit. de S. Miguel, e de S. Bruno, e do Dom. 20.º Pent., do qual se lê o ult. Ev.
- 7 Seg. Estigmatização de S. Francisco, *br.* — ☉ L. N. às 9 h. e 47 min. da m.
- 8 Ter. Santa Birgitta, Viu., *br.*
- 9 Quar. Santos Dionysio, Rústico e Eleuthério, Mm., *enc.* (*Req.*)
- 10 Quin. S. FRANCISCO DE BORJA, Padroeiro do Reino, C., *br.*
- 11 Sex. Trasladação 1.ª de Santo Agostinho, B. C. D., *br.*
- 12 Sab. S. João Eboracense, C., *br.*
- 13 Dom. S. Giraldo, C., *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 21.º Pent.
- 14 Seg. S. Gaudêncio Ariminese, B. M., *enc.* — ☉ Q. C. às 9 h. e 28 min. da m.
- 15 Ter. Santa Therêsa de Jesus, V., *br.*
- 16 Quar. S. Cerbónio, B. C. *br.* — Na Missa votiva solenne do Espírito Santo, *enc.*, nenhuma Com., *Glória* e *Cr.*, Pref. do Espírito Santo, omitindo as palavras *hodierna die.* — *Anniversário natalício de S. Majestade a Rainha Senhora D. Maria Pia. Grande gala.* — *Abertura solenne da Universidade e inauguração do novo anno lectivo. Missa votiva solenne (1.ª classe) do Espírito Santo na Real Capella; celebra o Dr. Manuel d'Azevedo Araújo e Gama, e prega o dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães. Veni Creator com profissão de fé e juramento dos lentes. Oração de Sapiencia na sala grande dos actos, por um dos lentes da faculdade de medicina. Distribuição solenne dos diplomas de prémios e accessits aos estu-*

- dantes classificados no anno pretérito. A todas estas funções assistem o Prelado e o Corpo docente com insígnias.*
- 17 Quin. Oit. S. Francisco de Borja, C., *br.* — *Principiam os exercicios escolares.*
- 18 Sex. S. LUCAS, Ev., *enc.*
- 19 Sab. S. Pedro d'Alcântara, C., *br.* — *Aniversário do fallecimento de S. M. el-Rei o Senhor D. Luís I. Missa solenne de Requiem e Absolvição (pr.) na Real Capella. Assistem o Prelado e o Corpo docente sem insígnias. — Luto nacional. — Feriado.*
- 20 Dom. S. João de Cância, C., *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 22.º Pent. — *Festa de S. Miguel, titular da Real Capella. — Missa votiva solenne (2.ª classe) como no dia 29 de setembro, br., sem Com. alguma, Glória e Cr.. Pref. da Trindade, ult. Ev. In principio.*
- 21 Seg. Santas Úrsula e Compp. Vv. Mm., *enc.* — ☉ L. C. às 8 h. e 43 min. da m.
- 22 Ter. Dedicção da Real Basílica de Mafra, *br.*
- 23 Quar. S. Pedro de Arbués, M., *enc.*
- 24 Quin. S. Raphael Arch., *br.*
- 25 Sex. Santa Hedwiges, Viu., *br.* (Req.).
- 26 Sab. S. Fulco, B. C., *br.* Com. e ult. Ev. da Vig. S. Simão, etc.
- 27 Dom. S. Callisto, P. M., *enc.* Com. e ult. Ev. do Dom. 23.º Pent.
- 28 Seg. SANTOS SIMÃO E JUDAS THADEU, App., *enc.*
- 29 Ter. Trasladação de Santa Isabel, Rainha de Portugal, Viu., *br.* — ☾ Q. M. às 7 h. e 18 min. da m.
- 30 Quar. Victória dos Christãos na batalha do Salado, *enc.*
- 31 Quin. (Jejum) S. Josaphat, B. M., *enc.* Com. e ult. Ev. da Vig. de Todos os Santos.

2.º mês

NOVEMBRO

1.ª época

- 1 Sex. ✠ TODOS OS SANTOS, *br.* — Missa solenne (3.ª classe) na Real Capella. — Pelas 5 horas da tarde Vésperas solennes de Defunctos (*pr.*)
- 2 Sab. COMMEMORAÇÃO DOS FIEIS DEFUNCTOS, *pr.* (3 missas) — Pelas 9 horas da manhã Matinas e Laudes solennes de Defunctos na Real Capella. — Missa solenne (1.ª clas-

se) de Réquiem e Absolvição pelas almas dos fallecidos: Reitores, Lentes, Estudantes, Beneficentes e restantes pessoas da Universidade. Celebra o dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcellos, e prega o dr. Luis Maria da Silva Ramos. Assistem o Prelado e o Corpo docente sem insígnias. — Feriado.

- 3 Dom. S. Malachias, B. C.,
br. Com. e ult. Ev. do
Dom. 4.º Epiph.
- 4 Seg. S. Carlos Borromeo,
B. C., *br.*—*Nome de S. M.*
el-Rei o Senhor D. Car-
los. Pequena gala.
- 5 Ter. S. Guiraldo, B. C., *br.*
— ☉ L. N. às 10 h. e 5
min. da t.
- 6 Quar. S. Thomás Oxonien-
se, B. C., *br.*
- 7 Quin. Santa Gertrudes, V.,
br.
- 8 Sex. Oit. Todos os Santos,
br.
- 9 Sab. Dedicção da Archi-
basílica do Salvador, em
Boma, *br.*
- 10 Dom. Patrocínio de Nossa
Senhora, *br. Com. e*
ult. Ev. do Dom. 5.º
Epiph.
- 11 Seg. S. Martinho, B. C.,
br.
- 12 Ter. S. Rufo, B. C., *br.*
- 13 Quar. S. Flórido, B. C., *br.*
— ☽ Q. C. às 4 h. e 41
min da t.
- 14 Quin. S. Lourenço Dubli-
nense, B. C., *br.*
- 15 Sex. Dedicção da Real Ba-
sília do Sagr. Coração
de Jesus à Estrella, em
Lisbôa, *br.*—*Anniversá-*
rio natalício de S. A. o
- Senhor Infante D. Ma-*
nuel. Pequena gala.
- 16 Sab. Santo Euchério, B. C.,
br.
- 17 Dom. 26.º Pent. Missa do
Dom. 6.º Epiph. ver.
- 18 Seg. Dedicção das Basí-
licas de S. Pedro e S.
Paulo, em Roma, *br.*
- 19 Ter. S. Frigidiano, B. C., *br.*
— ☽ L. C. às 5 h. e 21
min. da t.
- 20 Quar. S. Gelásio, P. C., *br.*
- 21 Quin. Apresentação de
Nossa Senhora no tem-
plo, *br.*
- 22 Sex. Santa Cecília, V., M.,
enc.
- 23 Sab. S. Trudo, C., *br.*
- 24 Dom. S. Próspero, B. C.,
br. Com. e ult. Ev. do
Dom. 24.º Pent.
- 25 Seg. Santa Catharina, V.,
M., *enc.*
- 26 Ter. S. Pedro Alexandri-
no, B. M., *enc.*
- 27 Quar. S. Gonçalo de Lagos,
C., *br.*
- 28 Quin. Santos Papiniano e
Compp. Mm., *enc.* — ☽
Q. M. 3 h. e 57 min. da m.
- 29 Sex. S. Romão, M., *enc.*
Com. e ult. Ev. da Vig.
Santo André.
- 30 Sab. SANTO ANDRÉ, Ap.
enc.

3.º mês

DEZEMBRO

1.ª época

- 1 Dom. 1.º do ADVENTO,
rox.—*Anniversário da*
restauração de Portugal
em 1640. Pequena gala.
- 2 Seg. Santo Aniano, B. C.,
br.
- 3 Ter. S. Francisco Xavier,
C., *br.*
- 4 Quar. Santa Bárbara, V.
M., *enc.*
- 5 Quin. S. Pedro Chrysó-
logo, B. C. D., *br.*— ☉
L. N. às 9 h. e 49 min. da m.
- 6 Sex. (*Jejum.*)—S. Nicolau,
B. C., *br.*
- 7 Sab. (*Jejum.*)—Santo Am-
brósio, B. C. D., *br.*
Com. e ult. Ev. da Vig.
Immaculada Conceição.
— Na tarde deste dia ha

- Vésperas solennes da Immaculada Conceição (br.) na Real Capella. Assistem o Prelado e o Côrpo docente sem insignias.*
- 8 Dom. IMMACULADA CONCEIÇÃO DE MARIA, Padroeira da Universidade, br. Com. e ult. Ev. do Dom. 2.º do Advento. — *Festa na Real Capella (1.ª classe). Celebra o dr. Francisco Martins, e prega o dr. Bernardo Augusto de Madureira. Assistem o Prelado e o Côrpo docente sem insignias. — Pequena gala.*
- 9 Seg. S. Félix de Valois, C., br.
- 10 Ter. TRASLADAÇÃO DA SANTA CASA DO LORETO, br.
- 11 Quar. S. Dámaso, P. C., br. (Req.)
- 12 Quin. Santa Begga, Viu., br. — ☽ Q. C. à 1 h. e 42 min. da m.
- 13 Sex. (Jejum) — Santa Luzia, V. M., enc.
- 14 Sab. (Jejum) — S. Clemente, P. M., enc.
- 15 Dom. 3.º DO ADVENTO, *roz.* (ou *ros.* na Missa principal.
- 16 Seg. Santo Eusébio, B. M., enc.
- 17 Ter. S. João da Cruz, C., br.
- 18 Quar. (Témporas. Jejum). — Nossa Senhora da Expectação, br. Com. e ult. Ev. da féria.
- 19 Quin. S. Silvestre, Ab., C., br. — ☉ L. C. às 5 h. e 21 min. da t.
- 20 Sex. (Témporas. Jejum) — S. Martinho, P. M., enc. Com. e ult. Ev. da féria. (Req.)
- 21 Sab. (Témporas. Jejum). — S. THOMÉ, Ap., enc. Com. e ult. Ev. da féria.
- 22 Dom. 4.º do ADVENTO, *roz.* Com. pro Episcopo, pelo anniversario da confirmação episcopal do Ex.º Prelado diocesano.
- 23 Seg. S. Sérvulo, C., br
- 24 Ter. (Jejum). VIGÍLIA DO NATAL, *roz.* — *Começam as férias do Natal.*
- 25 Quar. ✠ NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, br. (3 missas) — Missa solenne (2.ª classe) na Real Capella. — *Pequena gala.*
- 26 Quin. SANTO ESTÊVÃO, Prôto-mártir, enc.
- 27 Sex. S. João, Ap. e Ev., br. — ☾ Q. M. às 10 h. e 37 min. da t.
- 28 Sab. SANTOS INNOCENTES, Mm., *roz.*
- 29 Dom. S. Thomás Cantuariense, B. M., enc. Com. e ult. Ev. do Dom. do Oitavário do Natal.
- 30 Seg. Santa Bibiana, V. M., enc.
- 31 Ter. S. Silvestre, P. C., br. — *Último dia do anno. Pequena gala.*

4.º mês

JANEIRO

2.ª época

- 1 Quar. ✠ CIRCUNCISÃO DE NOSSO SENHOR, *br.* — Missa solenne (3.ª classe) na Real Capella. — *Entrada do anno novo. Grande gala.*
- 2 Quin. Oit. Santo Estêvão, M., *enc.*
- 3 Sex. Oit. S. João, Ap. e Ev. *br.* — ☉ L. N. às 9 h. e 10 min. da n.
- 4 Sab. Oit. Santos Inocentes, Mm., *enc.*
- 5 Dom. VIGÍLIA DA EPIPHANIA, *br.*
- 6 Seg. ✠ EPIPHANIA DE NOSSO SENHOR, *br.* — Missa solenne (2.ª classe) na Real Capella. Publicação das festas moveis, depois do Ev. da Missa. — *Terminam as férias do Natal.*
- 7 Ter. OIT. EPIPHANIA, *br.*
- 8 Quar. OIT. EPIPHANIA, *br.*
- 9 Quin. OIT. EPIPHANIA, *br.*
- 10 Sex. OIT. EPIPHANIA, *br.* — ☽ Q. C. à 1 h. e 18 m. da t.
- 11 Sab. OIT. EPIPHANIA, *br.*
- 12 Dom. DO OITAVÁRIO DA EPIPHANIA, *br.*
- 13 Seg. OITAVA DA EPIPHANIA, *br.*
- 14 Ter. Santo Hilário, B. C. D., *br.*
- 15 Quar. Santo Amaro, Ab. C., *br.*
- 16 Quin. SANTOS MARTYRES DE MARROCOS, *enc.*
- 17 Sex. Santo Antão, Ab. C., *br.*
- 18 Sab. Cadeira de S. Pedro em Roma, *br.* — ☽ L. C. à 1 h. e 3 min. da t.
- 19 Dom. Santíssimo Nome de Jesus, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 2.º Epiph.
- 20 Seg. Santos Fabião e Sebastião, Mm., *enc.*
- 21 Ter. Santa Ignês, V. M., *enc.*
- 22 Quar. Santos Vicente e Anastásio, Mm., *enc.*
- 23 Quin. Casamento de Nossa Senhora, *br.*
- 24 Sex. Nossa Senhora da Paz, *br.*
- 25 Sab. Conversão de S. Paulo, Ap., *br.*
- 26 Dom. S. Polycarpo, B. M., *enc.* Com. e ult. Ev. do Dom. 3.º Epiph. — ☽ Q. M., à 2 h. e 28 min. da t.
- 27 Seg. S. João Crysóstomo, B. C. D., *br., rox.*
- 28 Ter. S. Gonçalo d'Amarante, C., *br.*
- 29 Quar. Santo Aquilino, M., *enc.*
- 30 Quin. Santa Martinha, V. M., *enc. (Req.)*
- 31 Sex. S. Pedro Nolasco, C., *br.*

5.º mês

FEVEREIRO

2.ª época

- 1 Sab. (*Jejum*) Santa Brígida, V., *br.*
- 2 Dom. PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHOEA, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 4.º Epiph. — *Bênção das Candelas (rox.) e Missa solenne (br.) na Real Capella (2.ª classe).* — ☽ L. N. às 8 h. e 3 min. da m.

- 3 Seg. S. Bras, B. M., *enc.*
 4 Ter. S. Gilberto, C., *br.*
 5 Quar. Santa Águeda, V. M.,
enc.
 6 Quin. AS CINCO CHAGAS DE
 NOSSO SENHOR, *enc.*
 7 Sex. S. Romualdo, Ab. C.,
br.
 8 Sab. Santo Invêncio, B. C.,
br.
 9 Dom. S. Vedasto, B. C., *br.*
 Com e ult. Ev. do Dom.
 5.º Epiph. — ☿ Q. C. às
 3 h. e 54 min. da m.
 10 Seg. Santa Escolástica, V.,
br.
 11 Ter. Aparição de Nossa
 Senhora (Lourdes), *br.*
 12 Quar. Santo Ildefonso, B.
 C., *br.*
 13 Quin. S. Gregorio II, P. C.,
br.
 14 Sex. S. Julião, M., *enc.*
 15 Sab. Trasladação de Santo
 António de Lisbôa, C., *br.*
 Com. e ult. Ev. do Dom.
 6.º Epiph.
 16 Dom. DA SEPTUAGESIMA,
rox.
- 17 Seg. Santo Ignácio, B. M.,
enc. — *Anniversário na-*
talicio de S. A. a Senho-
ra Infanta D. Antónia.
Pequena gala. — ☉ L. C.
 às 8 h. e 32 m. da m.
 18 Ter. S. THEOTÓNIO, C., *br.*
 19 Quar. S. Simeão, B. M.,
enc.
 20 Quin. S. Fulgêncio, B. C.,
br.
 21 Sex. S. Marcello, P. M.,
enc. (*Req.*)
 22 Sab. Cadeira de S. Pedro
 em Antiochia, *br.*
 23 Dom. DA SEXAGÉSIMA, *rox*
 24 Seg. S. Francisco de Sales,
 B. C. D., *br.* Com. e ult.
 Ev. da Vig. S. Mathias.
 25 Ter. S. Mathias, Ap., *enc.*
 — ☾ Q. M., às 2 h. 51 m.
 da m.
 26 Quar. S. Felix III, P. C., *br.*
 27 Quin. Santo Alexandre, B.
 C., *br.*
 28 Sex. S. Leandro, B. C., *br.*
 29 Sab. 2.ª Trasladação de
 Santo Agostinho, B. C.
 D., *br.*

6.º mês

MARÇO

2.ª época

- 1 Dom. DA QUINQUAGÉSIMA,
rox. — (*Carnaval*).
 2 Seg. Santo Herculano, B.
 M., *enc.* — (*Carnaval*) —
Feriado. — ☉ L. N. às 6 h.
 e 23 min. da t.
 3 Ter. Santo André Corsino,
 B. C., *br.* — (*Carnaval*) —
Feriado.
 4 Quar. DE CINZA, *rox.* —
Feriado. — (Jejum todos
 os dias, com excepção
 dos domingos, até 18 de
 abril, *inclusivé*).
 5 Quin. S. Tito, B. C. *br.* Com.
 e ult. Ev. da féria.
- 6 Sex. Santo Ollegário, B.
 C., *br.* Com. e ult. Ev.
 da féria.
 7 Sab. S. Thomás d'Aquino,
 C. D., *br.* Com. e ult. Ev.
 da féria.
 8 Dom. 1.º DA QUARESMA,
rox.
 9 Seg. Santa Francisca Ro-
 mana, Viu., *br.* Com. e
 ult. Ev. da féria. — ☿ Q.
 C. às 9 h. e 8 min. da n.
 10 Ter. Santos 40 Martyres,
enc. Com. e ult. Ev. da
 féria. (*Req.*)
 11 Quar. (*Témporas*). — S. João

- da Matha, C., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 12 Quin. S. Gregório I, P. C. D., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 13 Sex. (*Témporas*). — Santo Ansovino, B. C., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 14 Sab. (*Témporas*). — S. Cyrillo Alexandrino, B. C. D., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 15 Dom. 2.^o DA QUARESMA, *rox.*
- 16 Seg. Santos Sete Fundadores da Ordem dos Servos de Nossa Senhora, Cc., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 17 Ter. S. Patrício B. C., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 18 Quar. S. Gabriel Archanjo, *br.* Com. e ult. Ev. da féria. — ☉ L. C. à 1 h. e 58 min. da m.
- 19 Quin. ✠ S. JOSÉ, ESPOSO DE NOSSA SENHORA, C., Padroeiro da Igreja Católica, *br.* Com. e ult. Ev. da féria. — Missa solenne (3.^a classe) na Real Capella.
- 20 Sex. S. Pedro Damiano, B. C. D., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 21 Sab. S. Bento Ab. C., *br.* Com. e ult. Ev. da féria. — *Anniversário natalício de S. Altêza Real o Principe D. Luís. Grande gala. Feriado.*
- 22 Dom. 3.^o DE QUARESMA, *rox.*
- 23 Seg. Santa Margarida de Cortona, *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 24 Ter. Instituição do Santíssimo Sacramento, *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 25 Quar. ✠ ANUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA, *br.* Com. e ult. Ev. da féria. — Missa solenne (3.^a classe) na Real Capella. — ☉ Q. M. às 11 h. e 58 min. da m.
- 26 Quin. S. Ludgero, B. C. *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 27 Sex. S. Guilherme, B. C. *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 28 Sab. S. Braulio, B. C. *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 29 Dom. 4.^o DA QUARESMA, *rox.* (ou *ros.* na Missa principal)
- 30 Seg. Bv. Sancha, V., Princesa de Portugal, *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 31 Ter. S. Cyrillo de Jerusalem, B. C. D., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.

7.^o mês

ABRIL

2.^a-3.^a época

- 1 Quar. S. João Damasceno, C. D., *br.* Com. e ult. Ev. da féria — ☉ L. N. às 4 h. e 49 min. da m.
- 2 Quin. S. Francisco de Paula, C. *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 3 Sex. S. João de Capistrano, C. *br.* Com. e ult. Ev. da féria. (*Req.*)
- 4 Sab. Santo Isidoro, B. C. D., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 5 Dom. DA PAIXÃO, *rox.*
- 6 Seg. S. Vilhelmo Ab. C., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 7 Ter. S. Raymundo de Penhaforte, C., *br.* Com. e ult. Ev. da féria. (*Req.*)

- 8 Quar. Santo Alberto, B. C. *br.* Com. e ult. Ev. da féria. — ☽ Q. C. às 3 h. e 58 min da t.
- 9 Quin. S. Gauchério, C., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 10 Sex. Nossa Senhora das Dôres, *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 11 Sab. S. Leão I, P. C. D., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 12 DOM. DE RAMOS, *rox.* — Bênção das palmas e Missa solenne (2.^a classe) na Real Capella. — *Começam as férias da Páschoa.*
- 13 Seg. DA SEMANA SANTA, *rox.*
- 14 Ter. DA SEMANA SANTA, *rox.*
- 15 Quar. DE TREVAS, *rox.*
- 16 Quin. DE ENDOENÇAS (☩ desde o meio dia), *br.* à Missa, *rox.* ao officio. — *Missa solenne (1.^a classe) na Real Capella, seguida de exposição. Incumbida a Missa ao dr. Joaquim Mendes dos Remedios, prega o dr. Manuel de Jesus Lino. Assistem o Prelado e o Côrpo docente sem insignias. — ☽ L. C. às 4 h. e 22 min. da t.*
- 17 Sex. DA PAIXÃO (☩ até ao meio dia), *pr.* — *Missa dos presantificados (1.^a classe) na Real Capella incumbida ao mesmo doutor. Assistem o Pre-*
- lado e o Côrpo docente sem insignias.*
- 18 Sab. D'ALLELUIA, *rox.* antes de Missa, *br.* à Missa e d'aí em diante. — Bênção do círio e Missa solenne (2.^a classe) na Real Capella.
- 19 DOM. DE PÁSCHOA, *br.* — *Festa (1.^a classe) na Real Capella. Celebra o dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos, prega o dr. Manuel d'Azevedo Araújo e Gama. Assistem o Prelado e o Côrpo docente sem insignias. — Pequena gala.*
- 20 Seg. OIT. PÁSCHOA, *br.*
- 21 Ter. OIT. PÁSCHOA, *br.*
- 22 Quar. OIT. PÁSCHOA, *br.*
- 23 Quin. OIT. PÁSCHOA, *br.* — ☽ Q. M. às 6 h. e 33 min. da t.
- 24 Sex. OIT. PÁSCHOA, *br.* —
- 25 Sab. (*Ladainhas*). — OIT. PÁSCHOA, *br.*
- 26 DOM. DA PASCHOÉLA, *br.* — *Terminam as férias da Páschoa.*
- 27 Seg. NOSSA SENHORA DOS PRAZERES, *br.*
- 28 Ter. S. MARCOS, Ev., *enc.*
- 29 Quar. S. Pedro, M., *enc.* — *Anniversário da outorga da Carta Constitucional. Grande gala. — Feriado.*
- 30 Quin. Santa Catharina de Sena, V., *br.* — ☽ L. N. às 3 h. da t.

8.º mês

MAIO

3.ª época

- 1 Sex. SANTOS PHILIPPE E TIAGO MENOR, App., *enc.* — *Pronome de S. A. o Principe Real Senhor*
- D. Luis Philippe. Pequena gala.*
- 2 Sab. Santo Athanásio, B. C. D., *br.*

- 3 **Dom. INVENÇÃO DA SANTA CRUZ, *enc.*, Com. e ult. Ev. do Dom. 2.º Pásch.**
- 4 Seg. SANTA MÓNICA, Viu., *br.*
- 5 Ter. CONVERSÃO DE SANTO AGOSTINHO, B. C. D., *br.*
- 6 Quar. S. João *ante portam latinam, enc.*
- 7 Quin. S. Estanislau, B. M., *enc.*
- 8 Sex. Festa da Corôa de Espinhos, *enc.* — ☽ Q. C. às 10 h. e 50 min. da m.
- 9 Sab. S. Gregorio de Nazianzo, B. C. D., *br.*
- 10 **Dom. Patrocínio de S. José, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 3.º Pásch.**
- 11 Seg. S. Gualtero, Ab. C., *br.*
- 12 Ter. Bv. Joanna, V., Princesa de Portugal, *br.*
- 13 Quar. Bv. Mafalda, V., Princesa de Portugal, *br.*
- 14 Quin. S. Pio V., P. C., *br.*
- 15 Sex. S. João Baptista de la Salle, C., *br.*
- 16 Sab. Santo Ubaldo, B. C., *br.* — ☽ L. C. às 3 h. e 59 min. da m.
- 17 **Dom. Santas Relíquias, *enc.* Com. e ult. Ev. do Dom. 4.º Pasch.**
- 18 Seg. S. Venâncio, M., *enc.*
- 19 Ter. S. Dunstano, B. C., *br.* Com. *pro Episcopo* pelo anniversário da sagração episcopal do Ex.^{mo} Prelado diocesano.
- 20 Quar. Santo Ivo, B. C., *br.*
- 21 Quin. Santo Antonio, B. C., *br.*
- 22 Sex. Santa Rita de Cassia, Viu., *br.* — *Anniversário do consórcio de SS. MM. Pequena gala.* — ☽ Q. M. às 11 h. e 44 min. da n.
- 23 Sab. Santo Basileu, B. M., *enc.*
- 24 **Dom. S. João Nepomuceno, M., *enc.* Com. e ult. Ev. do Dom. 5.º Pasch.**
- 25 Seg. (*Ladaínhas. Abstinencia*). — S. Gregorio VII, P. C., *br.* Com. e ult. Ev. da fêria. — (Neste dia e nos dois seguintes celebra-se no fim das Ladaínhas a missa respectiva, *rox.*)
- 26 Ter. (*Ladaínhas. Abstinencia*). — S. Philippe Nery, C., *br.*
- 27 Quar. (*Ladaínhas. — Vigília da Ascensão. Jejum*). — S. Beda Veneravel, C. D., *br.* Com. e ult. Ev. da Vigília.
- 28 **Quin. ✠ ASCENSÃO DE NOSSO SENHOR, *br.* — Missa solenne (3.ª classe) na Real Capella.**
- 29 Sex. Santa Maria Magdalena de Pazzis, V., *br.* (*Req.*)
- 30 Sab. S. Fernando III, Rei de Castella, C., *br.* — ☽ L. N. às 2 h. e 41 min. da m.
- 31 **Dom. Santa Ángela Merícia, V., *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. do Oitavário da Ascensão. — *Terminam as aulas.***

9.º mês

JUNHO

Época de exames

- 1 Seg. S. Pedro Celestino, P. C., *br.*
- 2 Ter. S. Agostinho de Canterbury, B. C., *br.*
- 3 Quar. Santos Nereu e Compp. Mm., *enc. (Req.)*
- 4 Quin. Oit. da Ascensão, *br.*
- 5 Sex. S. Bonifácio, B. M., *enc.*
- 6 Sab. (*Jejum*) — Vigília do Pentecostes, *br.* ao officio, *roz.* às prophcias, *enc.* à missa.
- 7 **DOM. DESCIDA DO ESPIRITO SANTO (Pentecostes), *enc.* — Missa solenne (2.ª classe) na Real Capella. — ☩ Q. C. às 4 h. e 22 min. da m.**
- 8 Seg. OIT. PENTECOSTES, *enc.*
- 9 Ter. OIT. PENTECOSTES, *enc.*
- 10 Quar. (*Témporas. Jejum*). — OIT. PENTECOSTES, *enc.*
- 11 Quin. OIT. PENTECOSTES, *enc.*
- 12 Sex. (*Témporas. Jejum*). OIT. PENTECOSTES, *enc.*
- 13 Sab. (*Témporas. Jejum*) OIT. PENTECOSTES, *enc.*
- 14 **DOM. FESTA DA SANTÍSSIMA TRINDADE, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 1.º Pent. — Missa solenne (3.ª classe) na Real Capella. — ☩ L. C. à 1 h. e 22 min da t.**
- 15 Seg. Santo António de Lisboa, C., *br.* — (*Transferido do dia 13*).
- 16 Ter. S. Bennónio, B. C. *br.*
- 17 Quar. Bv. Terêsa, Princesa de Portugal, Rainha de Leão, Viu. *br.*
- 18 **Quin. ✠ SOLENNIDADE DO CÔRPO DE DEUS, *br.* — Missa solenne (2.ª classe) na Real Capella. — *Pequena gala.***
- 19 Sex. OIT. CÔRPO DE DEUS, *br.*
- 20 Sab. OIT. DO CÔRPO DE DEUS, *br.*
- 21 **DOM. DO OITAVÁRIO DO CÔRPO DE DEUS, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 2.º Pent. — ☩ Q. M. às 4 h. e 52 min. da m.**
- 22 Seg. OIT. DO CÔRPO DE DEUS, *br.*
- 23 Ter. (*Jejum*) OIT. DO CÔRPO DE DEUS, *br.* Com. e ult. Ev. da Vig. de S. João.
- 24 Quar. ✠ NASCIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA, *br.* — Missa solenne (3.ª classe) na Real Capella.
- 25 Quin. OIT. DO CÔRPO DE DEUS, *br.*
- 26 Sex. ✠ SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, *br.* — Missa solenne (3.ª classe) na Real Capella — *Pequena gala.*
- 27 Sab. (*Jejum.*) Santos Cyrillo e Methódio. Bb. Cc., *br.* Com. e ult. Ev. da Vig. de S. Pedro e S. Paulo.
- 28 **DOM. NOSSA SENHORA DO PILAR, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 3.º Pent. — ☩ L. N. às 3 h. e 58 min. da t.**
- 29 Seg. ✠ S. PEDRO e S. PAULO, App., *enc.* — Missa solenne (2.ª classe) na Real Capella.
- 30 Ter. Commemoração de S. Paulo, Ap., *enc.*

10.º mês

JULHO

Época de exames

- 1 Quar. Oit. de S. João Baptista, *br.*
- 2 Quin. VISITA DE NOSSA SENHORA A SANTA ISABEL, *br.*
- 3 Sex. S. Rumoldo, B. M., *enc.*
- 4 Sab. SANTA ISABEL, RAINHA DE PORTUGAL, e Padroeira de Coimbra, Viu., *br.*—*Na tarde deste dia ha Vésperas solennes da Rainha Santa Isabel (br.) na Real Capella. Assistem o Prelado e o Córpo docente sem insignias.*
- 5 Dom. PRECIOSÍSSIMO SANGUE DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, *enc.* Com. e ult. Ev. do Dom. 4.º Pent. — (Na missa votiva solenne da Rainha Santa Isabel, *br.*, nenhuma Com., *Glória e Cr.*, Pref. dos Apóstolos, ult. Ev. *In principio*). — *Festa da Rainha Santa Isabel (1.ª classe) na Real Capella. Celebra o dr. José Joaquim d'Oliveira Guimarães, e prega o dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcellos. Assistem o Prelado e o Córpo docente sem insignias.*
- 6 Seg. Oit. de S. Pedro e S. Paulo, *enc.* — ☉ Q. C. às 7 h. e 51 min. da t.
- 7 Ter. Santa Pulchéria, V., *br.*
- 8 Quar. S. Raymundo de Tolosa, C., *br.*
- 9 Quin. S. João e Compp., Mm., *enc.*
- 10 Sex. Santos Sete Irmãos, Mm., *enc.* (Req.) — *Nome de S. M. a Rainha Senhora D. Maria Amélia. Pequena gala.*
- 11 Sab. Oit. Santa Isabel, *br.*
- 12 Dom. S. João Gualberto, Ab., C., *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 5.º Pent.
- 13 Seg. Santo Anacleto, P. M., *enc.* (Req.) — ☉ L. C. às 9 h. e 14 min. da n.
- 14 Ter. S. Boaventura, B. C. D., *br.*
- 15 Quar. S. Marcellino, C., *br.*
- 16 Quin. Nossa Senhora do Carmo, *br.*
- 17 Sex. S. Leão IV, P. C., *br.*
- 18 Sab. S. Frederico, B. M., *enc.*
- 19 Dom. SANTO ANJO CUSTÓDIO DO REINO, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 6.º Pent.
- 20 Seg. S. Pedro Foreiro, C., *br.* — ☉ Q. M. às 11 h. e 28 min. da m.
- 21 Ter. Triumpho da Santa Cruz, *enc.*
- 22 Quar. Santa Maria Magdalena, *br.*
- 23 Quin. Santo Appollinário, B. M., *enc.*
- 24 Sex. S. Camillo, C., *br.* * Nada da Vig. no Offício e na Missa. — Vp. do seguinte, or. *Praesta . . . ut qui*, nenhuma Com.
- 25 Sab. S. CHRISTÓVÃO, M., * Padroeiro do lugar, *enc.* — Offício commum de um M., lições do 1.º Nocturno *Fratres debitores* do commum de muitos Mm., lições do 3.º Nocturno como no *Oitavário romano* ao Ev. *Nolite arbitrari*, nenhuma Comemoração. — Missa *In virtute* do commum, *Cr.*, Pref. commum. — Nas Vp. Com. sòmente do seguinte.

- * 26 Dom. S. TIAGO MAIOR, Ap. enc. Cr. Pref. dos App. Com. e ult. Ev. do Dom. 7.º Pent.
- * 27 Seg. S. Jerónimo Emiliano, C., br. Com. das Oit. de S. Christóvão e S. Tiago, e de S. Pantaleão, M., Cr., Pref. dos App.
- * 28 Ter. Santos Nazário e Compp. Mm., enc. Com. das Oit. de S. Christóvão e S. Tiago, Cr., Pref. dos App. (Req.) — ☉ L. N. às 6 h. e 43 m. da m.
- * 29 Quar. Santa Martha, V., br. Com. das Oit. de S. Christóvão e S. Tiago, e dos Santos Félix P. e Comp. Mm., Cr. Pref. dos App. (Req.)
- * 30 Quin. Santa Gudulla, V., br. Com. das Oit. de S. Christóvão e S. Tiago, e dos Santos Abdão e Comp., Mm., Cr. Pref. dos App.
- * 31 Sex. Santo Ignácio de Loyola, C., br. Com. das Oit. de S. Christóvão e S. Tiago, Cr. Pref. dos App. — Vp. desde a capitula da guinte Oit., Com. de Santo Ignácio, da Oitava de S. Tiago, e dos Santos Machabeus, Mm. — *Aniversário do juramento da Carta Constitucional. Grande gala. — Feriado. — Aniversário natalício de S. A. o Senhor Infante D. Affonso. — Termina o anno lectivo.*

11.º mês

AGOSTO

Época de férias

- * 1 Sab. Oit. S. Christóvão, M., enc. — Offício como na festa, lições do 1.º Nocturno da fêria presente, lições do 2.º e 3.º Nocturnos como no *Oitavário romano*, 9.ª lição dos Santos Machabeus, Com. da Oitava de S. Tiago, e dos Santos Machabeus. — Missa como na festa, Cr. Pref. dos App. — Vp. da seguinte Festa, Com. das 1.ªs Vp. da Oit. de S. Tiago, e do Dom. seg. — *Começam as férias grandes.*
- * 2 Dom. SANTA ANNA, MÃE DE NOSSA SENHORA, br. Com. da Oit. de S. Tiago, e do Dom. 8.º Pent. Cr., Praef. dos App., ult. Ev. do Dom. — Nas Vp. com. da Oit., do Dom., e do seguinte.
- 3 Seg. Invenção do Córpo de Santo Estevão, Prôtomártir, enc. (Req.)
- 4 Ter. S. Domingos C., br. Com., pro Papa pelo aniversário da eleição de S. Santidade Pio X.
- 5 Quar. Dedicção de Nossa Senhora das Neves, br. — ☉ Q. C. às 9 h. e 7 min. da m.
- 6 Quin. Transfiguração de N. S. Jesus Cristo, br.
- 7 Sex. S. Caetano, C., br.
- 8 Sab. Santos Cyriaco e Compp. Mm., enc. Com. e ult. Ev. da Vig. de S. Lourenço. (Req.)
- 9 Dom. S. Pedro *ad vincula*, br. Com. e ult. Ev. do Dom. 9.º Pent. Com. pro

- Papa pelo 5.º anniversário da coroação de S. Santidade Pio X.*
- 10 Seg. S. LOURENÇO, M., *enc.*
 11 Ter. S. Marçal, B. C., *br.*
 12 Quar. Santa Clara, V., *br.*
 ☉ L. C. às 4 h. e 25 min. da m.
 13 Quin. Santo Henrique, Imperador, C., *br. (Req.)*
 14 Sex. (*Jejum.*) S. Aleixo, C. *br.* Com. e ult. Ev. da Vig. da Assumpção. (*Req.*)
 15 Sab. ✠ ASSUMPÇÃO DE NOSSA SENHORA, *br.*
 16 Dom. S. JOAQUIM, PAE DE NOSSA SENHORA, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 10.º Pent.
 17 Seg. Oit. de S. Lourenço, M., *enc.*
 18 Ter. S. Roque, C., *br.* — ☾ Q. M. às 8 h. e 52 min. da n.
 19 Quar. S. Jacintho, C., *br.*
 20 Quin. S. Bernardo, Ab. C. D., *br.*
- 21 Sex. Santa Joanna Francisca, Viu., *br.*
 22 Sab. Oit. Assumpção de Nossa Senhora, *br.* Com. e ult. Ev. da Vig. S. Bartholomeu.
 23 Dom. Puríssimo Coração de Maria, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 11.º Pent.
 24 Seg. S. BARTHOLOMEU, Ap., *enc.*
 25 Ter. S. Gregório, B. C., *br.*
 26 Quar. S. Luís, Rei de França, C. *br. (Req.)* — ☉ L. N. às 10 h. e 25 min. da n.
 27 Quin. S. José Calasáncio, C., *br.* Com. e ult. Ev. da Vig. Santo Agostinho.
 28 Sex. SANTO AGOSTINHO, B. C. D., *br.*
 29 Sab. Degolação de S. João Baptista, *enc.*
 30 Dom. Santa Rosa de Lima, V., *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 12.º Pent.
 31 Seg. DEDICAÇÃO DA SÉ VELHA DE COÍMBRA, *br.*

12.º mês

SETEMBRO

Épocha de férias

- 1 Ter. Santo Estêvão, Rei, C., *br.* Com. das Oitavas da Dedicção da Sé e de Santo Agostinho, *Cr. (Req.)*
 2 Quar. Santo Antonino, M., *enc.* Com. das Oitt. *Cr.*
 3 Quin. Santo Eduardo, Rei, C., *br.* Com. das Oitt., *Cr. (Req.)* — ☽ Q. C., às 8 h. e 17 min. da n.
 4 Sex. Oit. Santo Agostinho, *br.* Com. da Oit. da Dedicção da Sé, *Cr.*
 5 Sab. S. Lourenço Justiniano, B. C., *br.* Com. da Oit. da Dedicção, *Cr.*
- 6 Dom. TODOS OS SANTOS CÓNegos REGULARES, *br.* Com. do Dom. 13.º Pent. *Cr.*
 7 Seg. Oit. Dedicção da Sé Velha de Coímbra, *br.* Com. de Santo Emírcio, B. C. *Cr.*
 8 Ter. NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA, *br.* — *Nome de S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia. Pequena gala.*
 9 Quar. S. Sérgio, P. C., *br.*
 10 Quin. S. Nicolau Tolentino, C., *br.* — ☽ L. C. às 11 h. e 50 min. da m.

- 11 Sex. S. Pedro Piperacense, C., *br.*
- 12 Sab. Santa Rosa de Viterbo, V., *br.*
- 13 Dom. Santíssimo Nome de MARIA, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 14.º Pent.
- 14 Seg. EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ, *enc.*
- 15 Ter. Oit. da Natividade de Nossa Senhora, *br.*
- 16 Quar. (*Temporas. Jejum.*) — Santos Cornélio e Cypriano, Mm. *enc.* Com. e ult. Ev. da féria. (*Req.*)
- 17 Quin. Trasladação de S. Vicente, M., *enc.* — ☿ Q. M. às 7 h. da m.
- 18 Sex. (*Temporas. Jejum.*) — S. José de Cupertino, C., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 19 Sab. (*Temporas. Jejum.*) S. Januário e Compp. Mm. *enc.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 20 Dom. Nossa Senhora das Dôres, *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 15.º Pent.
- 21 Seg. S. MATHEUS, Ap. e Ev., *enc.*
- 22 Ter. S. Thomás de Villanova, B. C., *br.*
- 23 Quar. S. Lino, P. M., *enc.* (*Req.*)
- 24 Quin. Nossa Senhora das Mercês, *br.* — *Anniversário do fallecimento de S. M. Imperial e Real o senhor D. Pedro IV.*
- 25 Sex. S. Firmino, B. M., *enc.* — ☉ L. N. às 2 h. e 26 min. da t.
- 26 Sab. Santas Ripsímia e Compp., Vv. Mm., *enc.*
- 27 Dom. Santos Cosme e Dumião, Irmãos, Mm., *enc.* Com. e ult. Ev. do Dom. 16.º Pent.
- 28 Seg. S. Venceslau, M., *enc.* (*Req.*) — *Anniversário natalicio de S. M. el-Rei o Senhor D. Carlos I, e de S. M. a Rainha Senhora D. Maria Amélia. Grande gala.*
- 29 Ter. DEDICAÇÃO DE S. MIGUEL ARCHANJO, Titular da Real Capella, *br.* Cr. — (A festa é transferida para o primeiro domingo depois do dia 16 de outubro).
- 30 Quar. S. Jerónimo, C. D., * *br.* Com. da Oit. Dedic. de S. Miguel, Cr. — *Terminam as férias grandes.*

ANNO LECTIVO DE 1908-1909

1.º mês

OUTUBRO

1.ª época

- * 1 Quin. S. Remígio, B. C., *br.* Com. da Oit. Dedic. de S. Miguel, *Cr.* — *Principia a assignatura dos termos de matrícula, que continúa em todos os dias não santificados, até ao dia 15 inclusivè.*
- * 2 Sex. Santos Anjos da Guarda, *br.* Com. da Oit., *Cr.*
- * 3 Sab. S. Leodgário, B. M., *enc.* Com. da Oit., *Cr.* — *Q. C. às 5 h. e 40 min. da m.*
- 4 Dom. S. FRANCISCO D'ASSIS, C., *br.* Mis própria, *Cr.* Commemoração e ult. Ev. do Dom. 17.º Pent.
- * 5 Seg. S. Beregísio, Ab. C., *br.* Com. da Oit. e de S. Plácido etc., Mm., *Cr.* — Vp. da seguinte Oit., e de S. Bruno C., e de S. Beregísio.
- * 6 Ter. Oit. da Dedicção de S. Miguel Arch., Titular da Real Capella, *br.* Offício como na festa, lições do 1.º Nocturno da Escriptura occorente, lições do 2.º e 3.º Nocturnos como no *Oitavário romano*, 9.ª lição e Commemoração de S. Bruno C. — Missa como na festa, Com. de S. Bruno, *Cr.* — Vp. da festa seguinte. Com. sòmente de S. Bruno, e das Chagas de S. Francisco.
- 7 Quar. Nossa Senhora do Rosário, *br.*
- 8 Quin. Santa Birgitta, Viu., *br.*
- 9 Sex. Santos Dionysio, Rustico e Eleuthério, Mm., *enc.* (*Req.*) — *L. C. às 8 h. e 30 min. da n.*
- 10 Sab. S. FRANCISCO DE BORJA, Padroeiro do Reino, C., *br.*
- 11 Dom. Trasladação 1.ª de Santo Agostinho, B. C. D., *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 18.º Pent.
- 12 Seg. S. João Eboracense, C., *br.*
- 13 Ter. S. Geraldo, C., *br.*
- 14 Quar. S. Gaudêncio Ariminese, B. M., *enc.*
- 15 Quin. Santa Therêsa de Jesus, V., *br.*
- 16 Sex. S. Cerbónio, B. C., *br.* — (Na Missa votiva solenne do Espirito Santo, *enc.*, nenhuma Com., *Glória* e *Cr.*, Pref. do Espirito Santo, omittindo as palavras *hodierna die.*) — *Anniversário natalicio de S. Majestade a Rainha Senhora D. Maria Pia. Grande gala. — Abertura solenne da Universidade e inauguração do novo anno lectivo. Missa votiva solenne (1.ª classe) do Espirito Santo na Real Capella; celebra o dr. Luís Maria da Silva Ramos, e préga o dr. Francisco Martins. Veni Creator com profissão de fé e juramento dos lentes. Oração de Sapiëntia na sala grande dos actos, por um dos lentes*

- da faculdade de mathe-
mática. Distribuição so-
lenne dos diplomas de
prêmios e accessits aos
estudantes classifica-
dos no anno pretérito.
A todas estas funções
assistem o Prelado e o
Côrpo docente com insi-
gnias.*
- 17 Sab. Oit. S. Francisco de
Borja, C., *br.* — *Princi-
pium os exercicios esco-
lares.* — ☉ Q. M., às 3 h.
e 2 min. da m.
- 18 Dom. S. LUCAS, Ev., *enc.*
Com. e ult. Ev. do Dom.
19.º Pent. -- Festa de S.
Miguel, titular da Real
Capella. — Missa votiva
solenne (2.ª classe) como
no dia 29 de setembro,
br., sem Com. alguma,
Glória e Cr., Pref. da
Trindade, ult. Ev. *In
principio.*
- 19 Seg. S. Pedro d'Alcân-
tara, C., *br.* — *Anniver-
sário do fallecimento de
S. M. el-Rei o Senhor
D. Luís I. Missa solenne
de Requiem e Absolvição
(pr.) na Real Capella.*
- Assistem o Prelado e o
Côrpo docente sem in-
signias. Luto nacional.
— Feriado.*
- 20 Ter. S. João de Cândia, C.,
br.
- 21 Quar. Santas Úrsula e
Compp. Vv. Mm., *enc.*
- 22 Quin. Dedicção da Real Ba-
síllica de Mafra, *br.*
- 23 Sex. S. Pedro de Arbués,
M., *enc.*
- 24 Sab. S. Raphael Arch., *br.*
- 25 Dom. 20.º Pent., *ver.* — ☉
L. N. às 6 h. e 13 min.
da m.
- 26 Seg. S. Fulco, B. C., *br.*
- 27 Ter. S. Callisto, P. M., *enc.*
Com. e ult. Ev. da Vig.
dos Santos App.
- 28 Quar. SANTOS SIMÃO E
JUDAS THADEU, App.,
enc.
- 29 Quin Trasladação de Santa
Isabel, Rainha de Portu-
gal, Viu., *br.*
- 30 Sex. Victória dos Chris-
tãos na batalha do Sa-
lado, *enc.*
- 31 Sab. (*Jejum*) S. Josaphat,
B. M., *enc.* Com. e ult.
Ev. da Vig. de Todos os
Santos.

2.º mês

NOVEMBRO

1.ª época

- 1 Dom. TODOS OS SANTOS,
br. Com. e ult. Ev. do
Dom. 21.º Pent. — Missa
solenne (3.ª classe) na
Real Capella. — Pelas 5
horas da tarde Vésperas
solennes de Defuntos (*pr.*)
— ☽ Q. C. à 1 h. e 43 min.
da t.
- 2 Seg. COMMEMORAÇÃO DOS
FIEIS DEFUNCTOS, *pr.*
(3 missas). — Pelas 9 ho-
ras da manhã Matinas e
Laudes solennes de De-
functos na Real Capella.
— *Missa solenne (1.ª clas-
se) de Réquiem e Absol-
vição pelas almas dos
fallecidos: Reitores, Len-
tes, Estudantes, Benfei-
tores e restantes pessoas
da Universidade. Cele-
bra o dr. Bernardo Au-
gusto de Madureira, e*

- prega o dr. Joaquim Mendes dos Remedios. Assistem o Prelado e o Corpo docente sem insígnias. — Feriado.*
- 3 Ter. S. Malachias, B. C., *br.*
- 4 Quar. S. Carlos Borromeu, B. C., *br.*—*Nome de S. M. el-Rei o Senhor D. Carlos. Pequena gala*
- 5 Quin. S. Guiraldo, B. C., *br.*
- 6 Sex. S. Thomás Oxonien-
se, B. C., *br.*
- 7 Sab. Santa Gertrudes, V., *br.*
- 8 Dom. Oit. Todos os Santos *br.* Com. e ult. Ev. do Dom. 22.º Pent. — ☉ L. C. às 7 h. e 25. min. da m.
- 9 Seg. Dedicção da Archi-
basílica do Salvador, em
Roma, *br.*
- 10 Ter. Santo André Avelino,
C., *br.*
- 11 Quar. S. Martinho, B. C.,
br.
- 12 Quin. S. Rnfo, B. C., *br.*
- 13 Sex. S. Flórido, B. C., *br.*
- 14 Sab. S. Lourenço Dubli-
nense, B. C., *br.*
- 15 Dom. Dedicção da Real
Basílica do Sagr. Coração
de Jesus à Estrella, em
Lisbôa, *br.* Com. e ult. do
Dom. 23.º Pent. — *Anni-
versário natalício de S.*
- A. o Senhor Infante D.
Manuel. Pequena gala.*
— ☉ Q. M. às 11 h. e 8
min. da n.
- 16 Seg. Santo Euchério, B. C.,
br.
- 17 Ter. S. Gregório Thaumaturgo,
B. C., *br.* (Req.)
- 18 Quar. Dedicção das Basí-
licas de S. Pedro e S.
Paulo, em Roma, *br.*
- 19 Quin. S. Frigidiano, B. C.,
br.
- 20 Sex. S. Gelásio, P. C., *br.*
- 21 Sab. Apresentação de
Nossa Senhora no tem-
plo, *br.*
- 22 Dom. Santa Cecília, V. M.,
enc. Com. e ult. Ev. do
Dom. 24.º e último depois
do Pent.
- 23 Seg. S. Trudo, C., *br.* — ☉
L. N. às 9 h. e 20 min.
da n.
- 24 Ter. S. Próspero, B. C., *br.*
- 25 Quar. Santa Catharina, V.
M., *enc.*
- 26 Quin. S. Pedro Alexandri-
no, B. M., *enc.*
- 27 Sex. S. Gonçalo de Lagos,
C., *br.*
- 28 Sab. Santos Papiniano e
Compp. Mm., *enc.* Com.
e ult. Ev. da Vig. S. André.
- 29 Dom. 1.º DO ADVENTO, *roz.*
- 30 Seg. SANTO ANDRÉ, App.,
enc. — ☉ Q. C. às 9 h. e
11 min. da n.

3.º mês

DEZEMBRO

1.ª época

- 1 Ter. Santa Isabel da Hun-
gria, Viu., *br.*—*Anniver-
sário da restauração de
Portugal em 1640. Pe-
quena gala.*
- 2 Quar. Santo Aniano, B. C.,
br.
- 3 Quin. S. Francisco Xavier,
C., *br.*
- 4 Sex. (Jejum.) Santa Bárba-
ra, V. M., *enc.*
- 5 Sab. (Jejum.) S. Pedro
Chrysólogo, B. C. D., *br.*
- 6 Dom. 2.º DO ADVENTO, *roz.*

- 7 Seg. Santo Ambrósio, B. C. D., *br.* Com. e ult. Ev. da Vig. Immaculada Conceição. — *Na tarde deste dia ha Vésperas solennes da Immaculada Conceição (br.) na Real Capella. Assistem o Prelado e o Côrpo docente sem insígnias.* — ☉ L. C. às 9 h. e 11 in. da n.
- 8 Ter. ✠ IMMACULADA CONCEIÇÃO DE MARIA, Padroeira da Universidade, *br.* — *Festa na Real Capella (1.ª classe). Celebra o dr. Manuel de Jesus Lino, e prega o dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos. Assistem o Prelado e o Côrpo docente sem insígnias.* — *Pequena gala.*
- 9 Quar. S. Félix de Valois, C., *br.*
- 10 Quin. TRASLADAÇÃO DA SANTA CASA DO LORETO, *br.*
- 11 Sex. (*Jejum.*) S. Dámaso, P. C., *br.* (*Req.*)
- 12 Sab. (*Jejum.*) Santa Begga, Viu., *br.*
- 13 Dom. 3.º DO ADVENTO, *roz.* (ou *ros.* na Missa principal).
- 14 Seg. S. Clemente, P. M., *enc.*
- 15 Ter. Oit. da Immaculada Conceição, *br.* — ☉ Q. M. às 8 h. e 39 min. da n.
- 16 Quar. (*Témporas. Jejum.*) Santo Eusébio, B. M., *enc.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 17 Quin. S. João da Cruz, C., *br.*
- 18 Sex. (*Témporas. Jejum.*) — Nossa Senhora da Expectação, *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 19 Sab. (*Témporas. Jejum.*) — S. Silvestre, Ab., C., *br.* Com. e ult. Ev. da féria.
- 20 Dom. 4.º DO ADVENTO, *roz.*
- 21 Seg. S. Thomé, Ap., *enc.*
- 22 Ter. S. Diôgo, C., *br.* Com. *pro Episcopo*, pelo anniversário da confirmação episcopal do Ex.º Prelado diocesano (*Req.*).
- 23 Quar. S. Sérvulo, C., *br.* — ☉ L. N. às 11 h. e 16 min. da n.
- 24 Quin. (*Jejum*) VIGÍLIA DO NATAL, *roz.* — *Começam as férias do Natal.*
- 25 Sex. ✠ NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, *br.* (3 missas). — Missa solenne (2.ª classe) na Real Capella. — *Pequena gala.*
- 26 Sab. SANTO ESTÊVÃO, Prôto-mártir, *enc.*
- 27 Dom. S. João, Ap. e Ev, *br.*
- 28 Seg. SANTOS INNOCENTES, Mm., *roz.*
- 29 Ter. S. Thomás Cantuariense, B. M., *enc.*
- 30 Quar. Officio e Missa do Domingo do Oitavário do Natal, *br.* — ☉ Q. C. às 5 h. e 6 min. da m.
- 31 Quin. S. Silvestre, P. C., *br.* — *Último dia do anno. Pequena gala.*

ALLOCUÇÃO DO REITOR DA UNIVERSIDADE

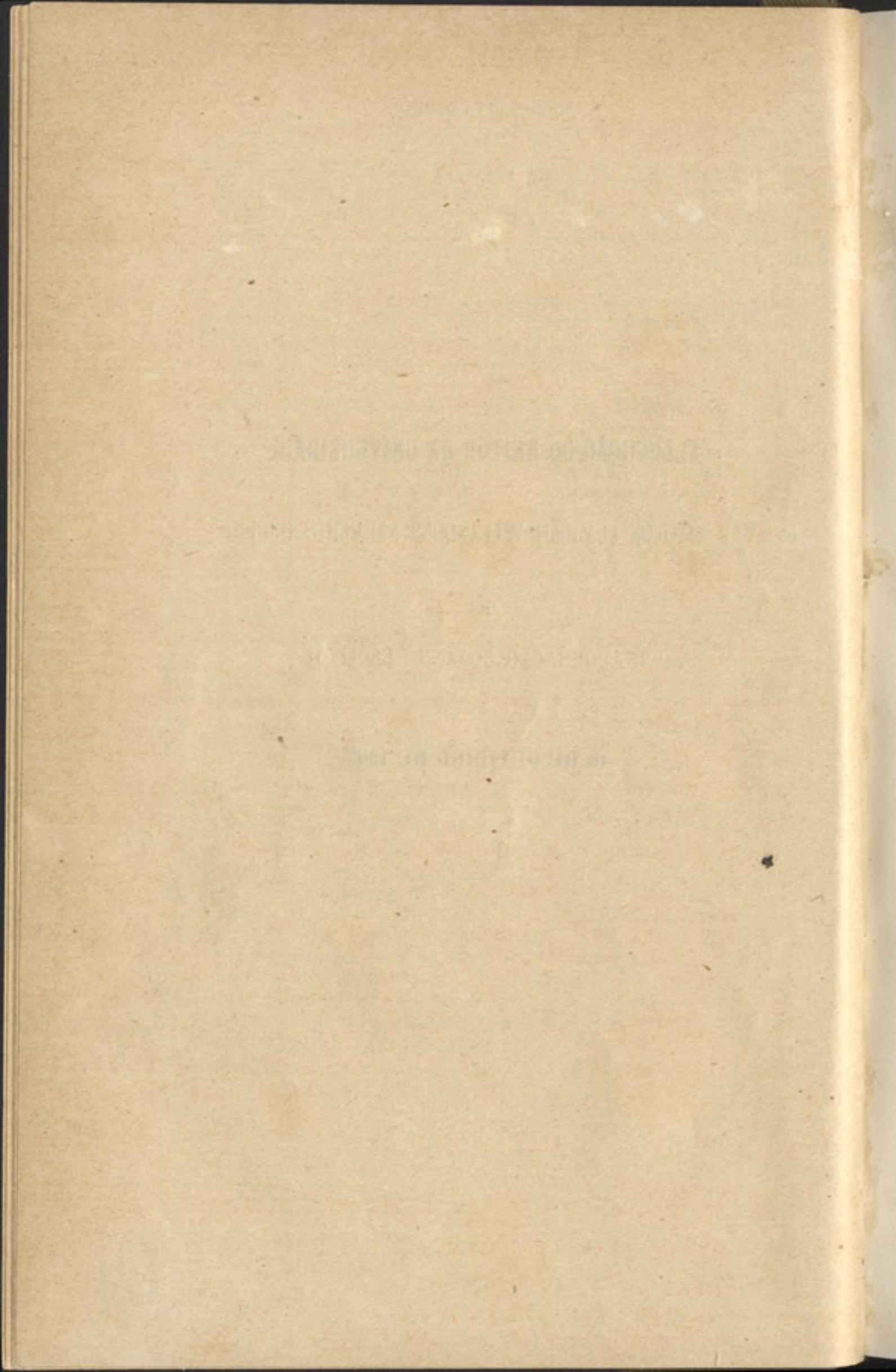
D. JOÃO DE ALARCÃO VELLASQUES SARMENTO OSORIO

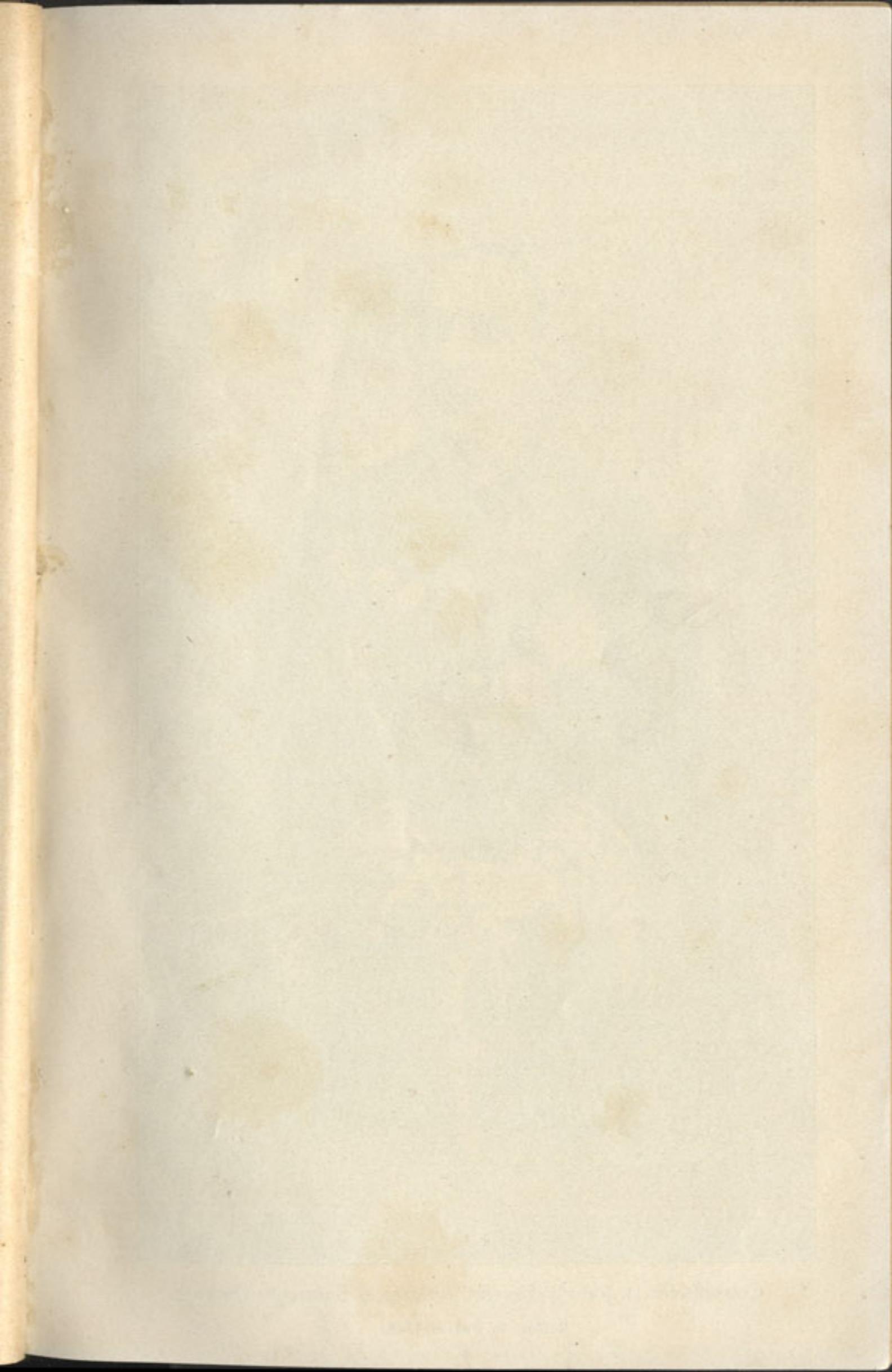
NA

INAUGURAÇÃO DO ANNO LECTIVO

EM

16 DE OUTUBRO DE 1907







Conselheiro D. João d'Alarcão Vellasques Sarmiento Osorio

Reitor da Universidade

Cabe-me a subida honra de presidir à festa mais sympathica da nossa Universidade — a sessão inaugural da abertura das suas aulas e a solemne distribuição dos premios aos alumnos que mais se distinguiram no último anno lectivo.

Mal pensava eu, estudante modesto e obscuro desta escola, que um dia os accasos da fortuna me guindariam a este elevado pôsto, que nem a cultura do meu espírito nem a desvalida importancia dos meus serviços por caso algum justificam. Trouxeram-me aqui os baldões da vida pública, num momento grave da vida universitaria, quando em todo o país se turbava a ordem e a disciplina escolar, impellida a mocidade academica por um movimento de revolta, accaso inspirado por sentimentos generosos que logo se transformaram em reivindicações tumultuarias. Reclamava-se então de toda a parte o restabelecimento da ordem e pedia-se a calma e a serenidade para apaziguar a excitação de momento, que levara o desassocêgo a tantas familias, a inquietação a todo o país e um alarme singular à vida nacional. Eram de ver os riscos de tamanha emprêsa, quantas difficuldades, quantos embarcos, quantos incidentes surgiriam durante o desenrolar do conflicto acadêmico, que animava e aquecia o que ha de mais nobre e sympathico na vida das escolas — a solidariedade academica, — e o que ha de mais descaravel na vida pública — a excitação politica.

E, contudo, sopesando bem os encargos da campanha, acceitei a custosa missão para que me chamavam, porque se me afigurava lastimavel pusilanimidade minha, recusar ao

meu país, ao Rei e à Universidade, de quem fui filho, o esforço da minha boa vontade e a dedicação dos meus serviços. E vim, não por que temerariamente confiasse nos acanhados recursos do meu engenho ou nas debéis forças dos meus talentos, — demais sabia eu quanto uns e outros me falsciam e minguavam, — mas porque me sentia forte daquella fé, que nunca me abandonou, de que encontraria aqui, na cordura dos estudantes que logo se accentuou, no conselho dos seus mestres em cujo prudente criterio procurei sempre as inspirações da minha acção, e no empenho de todos os que interessavam na paz, aquelle desejo vehemente de cooperar commigo no restabelecimento da ordem e normalidade das escolas. E não me illudí. A reflexão, a prudencia e a boa vontade de todos triunfou a final do que a muitos se affigurava insuperavel difficuldade.

Quasi todos os estudantes encerraram as suas matrículas, accitando a salutar providencia do decreto de 22 de maio, e fizeram os seus exames com toda a regularidade, provando assim o seu zêlo, bom senso e boa vontade em recuperar o perdido. Recentemente a graça real veio saldar as últimas quebras do conflicto acadêmico, readmittindo os estudantes excluídos, em attenção ao pedido dos seus camaradas, que o illustre corpo docente da Universidade acômpañou com a sua sympatia. E agora, terminado o período annual do descanso, reabre-se a Universidade e a sua primeira festa é, como sempre, a distribuição dos prémios àquelles dos seus alumnos que mais se distinguiram pelas manifestações do seu talento, pelo seu zêlo e applicação ao estudo. É pois a elles que primeiro me dirijo, porque esta festa é principalmente sua, para os felicitar pelo seu glorioso triunfo, apothèose merecida dos seus trabalhos. E ao entregar-lhes os diplômas das suas distincções, que são como que os pergaminhos da sua nobreza litteraria, faço votos para que estes prémios sejam estímulo a novas victorias, onde engrandeçam o seu saber e illustrem o seu nome. Não será perdido o seu esforço nem sáfaro o sacrificio dos seus lazêres às provações do estudo. Maistarde, quer nos altos cargos da administração pública, realizando as ideias meditadas, quer no remanso do gabinete, observando na experiencia ou analysando na crítica os postulados da sciencia; na vida prática, traduzindo em utilidade

o saber aprendido, e na vida pública, evangelizando ideias ou applicando princípios; agora nas luctas da existencia a reivindicar direitos, logo nas lides da política a affirmar princípios; umas vezes auscultando na natureza o secreto murmúrio dos seus mysterios, outras derramando com a eloquencia da sua palavra o evangelho da verdade, inundando de luz os horizontes da civilização, desbravando d'antiquilhas as sendas do progresso, e prègando os dogmas da sua fé, e affirmando os artigos do seu credo, e sempre, sempre, na laboriosa actividade do seu cérebro e do seu coração, eloquente como um apóstolo, austero como um sacerdote, defendendo o bem e a justiça, o homem culto tem na illustração da sua intelligencia e na cultura dos seus talentos, mais que a defêsa da sua pessoa e amparo da sua existencia, o lustre do seu nome e o engrandecimento da sua patria. Felicitemos pois estes illustres académicos, gloria da Universidade, e tambem os seus mestres, contentes do triumpho dos discipulos que tão nobremente provaram que não fôra inutil o seu ensino e infecundo o seu trabalho.

E agora que vão começar os trabalhos escolares, não será descabido que o Reitor, forte da auctoridade que lhe dá mais que o exercício de um cargo a dura experiencia da vida, se permitta aconselhar aquelles que a lei collocou sob a sua direcção superior. Cabe isso bem nas funcções que lhe fôram commettidas e que eu quisera sempre exercer com a mais amavel benevolencia, pondo nellas aquelle affecto que é sempre de dar à mocidade ingênua e inexperiente.

É para toda a academia que vou fallar, e peço-lhes attendam um pouco nas minhas palavras, que eu quero saiam doces e meigas como doce e affectuoso é o sentimento que as inspira.

Aos velhos, como eu, praz sempre a alegria dos moços. Nelles revivem todo o seu passado, que as tristezas da vida ensombraram de lágrimas, atapetando de perpétuas e medindo por cruces a dolorosa trilha dos seus passos. Accaso os distrae da saudade dos que fôram a expansão festiva dos que vêem, despreoccupados de pênas e limpos ainda das fezes da dôr. Essa alegria honesta e boa, nascida duma consciencia lisa, onde se não escuta o uivar dum crime ou o latir dum remorso, é propria da mocidade, em cujo ceu azul se recortam os dourados sonhos do seu ideal e as adoraveis visões do seu

sentimento. É a época do gôzo e do prazer, quando ainda não doe a pena de viver, nem o remorso de consciencia vem tyrannico tolher de rir quem tanto terá de chorar.

Ora o estudo e o severo cumprimento do dever não exclue as explosões dessa alegria lavada e sã, quando a não turbe o travo do doésto ou a não macule o azêbre da protêrvia; antes é ella até necessaria e legítima e indispensavel à alma humana que não deve ennevoar-se de tristezas prematuras; nem a doce paisagem do Mondego, tão cantada pela lyra académica, poderia passar-se daquelle rumor festivo do estudante coimbrão, que põe na cidade a nota viva e animada da sua despreoccupação e enthusiasmo juvenil. Coímbra, sem a vivacidade da sua academia e a ruidosa expansão dos seus estudantes, teria o aspecto desolador e triste dum êrmo, onde pesasse a lôbrega melancolia da soledade e do silencio . . .

Mas se é legítimo sorrir e folgar de bom humor e boa avença, os desmandos e desvarios em que padece a dignidade ou soffre o respeito não são de permittir nem de desculpar. Então a diversão innocente é antes criminosa culpa de educação pervertida, ou mente desvairada que desmerece logo a estima dos mestres e a protecção dos superiores. O cumprimento exacto do dever, o respeito à disciplina e a obediencia à lei são condições d'ordem que não é lícito esquecer, porque o estudante não tem apênas que illustrar aqui o seu espirito, enriquecendo a intelligencia de ideias, tem tambem que educar o seu character, apurando na alma a nobreza de sentimentos. Na escola forma-se o homem para a sciencia e o cidadão para a patria; e que cada um se compenetre bem de que, para se engrandecer e respeitar a si, tem que engrandecer e respeitar os outros: nem ha dignidade propria que se não firme na dignidade alheia.

Na vida académica a liberdade é muitas vezes imperdoavel licença e aos que começam arrepiam-se-lhes o caminho de escolhos que as seducções da inexperiencia occultam e até disfarçam. Evitem-nas e fujam-lhes, para que se não escorchem nas puas da desordem, onde atrás das carnes se lacera a alma na nobreza dos seus sentimentos.

E quando lhes falleça a coragem para reagir às tentações da sua fraqueza ou lhes mingüe a força para resistir às temulencias do mau prazer, pensem e recordem que lá longe,

no esbatido canto do seu berço natal, ficou trémulo de cuidado e palpitante d'anciedade o amoravel coração de sua mãe, gemendo na ternura infinita do seu amor, a custosa amargura da saudade; pensem que dia a dia, hora a hora, o seu pensamento constante se fixa carinhosamente no filho ausente, que tanto pode illustrar-se na escola, como perder-se na voragem da desordem.

Pensem e recordem a dura pena que impuseram a seus paes quantas vezes arrancando ao seu suor, às torturas da insomnia e às privações do seu cómodo os recursos necessarios para lhes crear uma situação docemente acarinhada no sonho azul da sua ternura. Pensem e meditem ainda na benção que os despediu, nas lágrimas que os ungeram, e no júbilo que os espera quando depuserem no regaço dos seus as palmas da sua victoria, justo salario daquelles affagos.

E se uma grande difficuldade lhes preoccupar o espirito ou um mau cuidado lhes sacudir o ânimo, se os mortificar a pênna duma magua ou lhes doer a angustia dum desgosto, se lhes puir uma dôr ou lhes morder uma lástima, procurem no seu Reitor o desabafo dos proprios males, que o encontrarão sempre de braços abertos para os aconselhar e proteger; procurem nos seus mestres os seus protectores mais caroaveis, os seus amigos mais proximos, por aquella intimidade e affecto espiritual que nasce sempre da communhão do trabalho e do convívio do estudo.

Nelles encontrarão sempre a mesma tradicional benevolencia que não repugna com a severa austeridade do ensino, onde ha tambem uma elevada função educativa a cumprir — crear no espirito illustrado dos discipulos os sentimentos da dignidade e do respeito cívicos.

Acabo de referir-me ao illustre corpo docente desta Universidade e não desejo terminar as minhas palavras sem que lhe affirme, o mais pública e solemnemente que posso, não só o profundo reconhecimento da minha alma às provas de deferencia e consideração com que me honraram, mas tambem o meu caloroso louvor e sincera admiração pela maneira alevantada e nobre por que todos e cada um têm sabido elevar e manter o prestígio desta Universidade, em que pése à proterva maledicencia duma ignorancia injusta, que architecta em palavras vãs a inanidade dos seus libellos. Do pouco que já pude

vêr, que muito e muito significa e revella, — documentos do seu esmerado estudo ou provas do seu prolífico trabalho, que a ignavia nacional desconhece e menospreza, vê-se o acrisolado zêlo, o brilhante talento e sincera devoção científica com que o illustre professorado da Universidade procura desempenhar a sua alta missão instructiva e educadora. Assim eu podesse secundar esse eloquente esforço e auxiliar tão benemérita corporação a realizar as aspirações do seu ideal, as contínuas reivindicações professionaes do seu programma, tantas vezes defenido e affirmado nas reuniões dos seus conselhos.

MEUS SENHORES. — Coïncide com a nossa uma festa nacional — o anniversario de Sua Majestade a Rainha, Senhora D. Maria Pia. Pertence a illustre princesa a uma casa soberana que tem na historia a consagração do heroísmo. Trouxe da Italia, o adoravel país da luz, a mágica candura das suas graças, e do thrôno em que nasceu e da familia que a gerou a inefavel ternura da sua piedade. Eu creio interpretar os sentimentos da Universidade felicitando em seu nome a Familia Real Portuguêsa.

Resta-me commemorar um triste acontecimento.

Durante o período das ferias falleceu um illustre homem publico que foi tambem um grande ornamento da Universidade. Refiro-me ao Sr. Conselheiro Dias Ferreira, lente da faculdade de Direito, que deixou na regencia da sua cadeira uma tradição gloriosa, e que foi um notavel causidico e illustre jurisconsulto. Engrandeceu-se com o seu trabalho e com o seu talento e soube elevar a sua estatura em todos os movimentos da sua actividade, na cadeira do ensino, na banca de advogado, na tribuna parlamentar e nos conselhos da corôa. Paz á sua alma.

E para terminar agradeço às auctoridades e a todas as pessoas que se dignaram honrar a nossa festa com a sua presença, testemunhando a todos o meu sincero reconhecimento pela sua delicada gentileza.

ORAÇÃO DE SAPIENTIA

NA

INAUGURAÇÃO DO ANNO LECTIVO

A

16 DE OUTUBRO DE 1907

ORAÇÃO DE SAPIENTIA

Recitada na sala grande dos actos da Universidade, no dia 16 de outubro de 1907, pelo Dr. José de Mattos Sobral Cid, lente cathedratico da Faculdade de Medicina

EXCELLENTISSIMO PRELADO!
MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES!

Alguns espiritos simplistas, impressionados pela existencia secular da Universidade e sobrevivencia dos symbolos da sua vida tradicional e corporativa, a isso attribuem, sem outra critica, os vicios da sua organização e os defeitos do seu ensino e julgam-n'a, summariamente, como uma instituição do passado immobilizada nas suas formas originaes, vivendo ainda fechada dentro de um estreito espirito de corporação e da mais estreita disciplina mental do escolasticismo.

Erro. Assim como a grande revolução demoliu as velhas universidades francezas, arrastando-as na queda estrepitosa das instituições tradicionaes, entre nós, quarenta annos volvidos, a implantação pelas armas do regimen constitucional destruiu a autonomia e a organização corporativa da Universidade, interrompendo quasi abruptamente a continuidade historica da sua evolução.

Antes mesmo de o absolutismo ter deposto as armas pela convenção de Evora-Monte, os decretos que o genio politico de Mousinho da Silveira dictava da Ilha Terceira, estabelecendo o estado moderno sobre a base da egualdade dos direitos, aluiram a velha Universidade nos seus fundamentos tradicio-

A Universidade não é dentro do nosso systema d'instrução, nem no ambito mais vasto da nossa sociedade, um organismo singular, destoante da obra geral do constituciona-ismo.

naes, mesmo quando contra ella não eram expressamente dirigidos.

Aguiar e os primeiros ministros da Regencia consummaram essa obra, e todos os nossos privilegios, altos cargos na magistratura e desembargo do Paço, prebendos doutoraes, os velhos collegios universitarios para oppositores e porcionistas, o nosso opulento patrimonio — dizimas, bens, rendas senhoriaes —, tudo que as velhas universidades inglezas de Oxford e Cambridge conservam ainda, se subverteu com o velho regimen.

Que nos ficou da Universidade tradicional? Apenas os symbolos.

Foi sobre estes destroços que o Estado moderno, centralizador e auctoritario, assumindo elle proprio a superintendencia e o desempenho das grandes funcções sociaes, reconstruiu a Universidade e todo o nosso systema actual de instrucção — primaria, média e superior —, como organisou a administração civil, o exercito, a magistratura, e até a fé e a religião, sob a sua auctoridade suprema, e na sua dependencia economica e administrativa.

A Universidade não é, pois, nem dentro do nosso systema de instrucção, nem no ambito mais vasto da nossa sociedade, um organismo singular, uma sobrevivencia historica e pedagogica, destoante da sua epocha e do seu tempo, como que, permitta-se o simile, um massiço eruptivo, que, formado em remotas éras geogenicas, domina e destroe os afloramentos sociaes de mais recente formação.

A Universidade moderna, como todo o nosso systema de instrucção, é a obra do constitucionalismo, o instrumento de cultura e civilização por elle fabricado e que precisava de ser tanto mais perfeito na sua contextura, livre nos seus movimentos, e consciente da sua impulsão, quando, pelo estabelecimento do novo Estado sob o regimen representativo, a nação renascia para a democracia, e para a democracia tinha de ser educada. Como e em que principios assentou o constitucionalismo, a Universidade e a instrucção superior? Qual foi o seu ideal educativo e onde se inspirou? É o que vamos vêr.

Existem tres typos de Universidade; todas as universidades desenvolvidas no decurso do seculo XIX, nos diversos paizes da Europa e presentemente na America, podem ser referidas a um de tres typos fundamentaes: inglez, allemão e francez ou napoleonico.

Na Inglaterra, tão livre e progressiva como tradicionalista e conservadora, as Universidades conservaram quasi intacta a fórmula original da sua organização primitiva.

Oxford e Cambridge, as antigas e celebradas Universidades inglezas, disfructam hoje ainda o seu opulento patrimonio e rendas senhoriaes, administrando-se e governando-se livremente na independencia mais absoluta do poder. São verdadeiras corporações autonomas — *self-governing* e *self-supporting* — instituições nacionaes fazendo corpo com o Estado, sem terem sido absorvidas por elle. Com dotações não menos opulentas, com a mesma autonomia e independencia, mas com outra flexibilidade pedagogica, se têm desenvolvido e estão erguendo em nossos dias, edificadas pela munificencia dos millionarios, pela iniciativa das corporações e dos estados, as liberrimas Universidades dos Estados-Unidos.

O regimen interno, os costumes prevalecentes são ainda essencialmente semelhantes aos dos tempos medievais.

Oxford e Cambridge encontram-se ainda rodeados de *kalls* e *collegas*, onde sob a direcção de um principal, os *fellows* e os simples estudantes (*undergraduats*) vivem em commum uma especie de existencia monacal pela sua feição historica, mas inteiramente transformada segundo as exigencias da civilização moderna.

A organização pedagogica é a da antiga Universidade, especialmente na Faculdade das Artes, cujo quadro de estudos, *curriculum*, comprehende as linguas, litteratura, philosophia, mathematica, e só recentemente as sciencias naturaes. De mais, os cursos publicos, as lições magistraes são pouco numerosas e, em grande parte, a educação e o ensino são dirigidos individualmente nos *colleges*, pelos *lecturers* e *tutors*.

Em Inglaterra as Universidades foram conservadas nas suas formas tradicionaes, como corporações autonomas, *self-supporting* e *self-governing*, verdadeiras instituições nacionaes fazendo corpo com o Estado mas não absorvidas por elle.

Persistencia do regimen collegial e da educação humanista. Ensino privado individual: *lecturers* e *tutors*.

Assim, a Universidade ingleza não é uma corporação constituída para a investigação original e descobertas scientificas, missão que pertence ás academias e reaes sociedades, nem organisada para a habilitação ao exercicio das profissões liberaes, ensino que na Inglaterra está domiciliado junto dos grandes hospitaes para a medicina, nos tribunaes para as carreiras da magistratura. São na realidade instituições de educação tradicional, frequentadas, ou mais rigorosamente habitadas pelos descendentes da nobreza e grande burguezia, abertas a todos os jovens intelligentes e de merito, por meio das bolsas de estudo — *fellowships* —, que attraem os alumnos mais brilhantes das escolas médias do paiz.

A instrucção, encyclopedica, como a nós concebemos, é irrealisavel n'este regimen. Na Inglaterra entende-se porém que não deve attribuir-se uma importancia exclusiva a educação intellectual e os seus philosophos qualificam de grave erro dos continentaes o que elles chamam a *overvaluation of theaching*.

Importancia attribuída á educação phisica no desenvolvimento da personalidade e formação do character.

A educação geral, litteraria e scientificas que ahi se ministra é a cada passo interrompida pelos longos intervallos consagrados aos exercicios phisicos, além dos numerosos dias expressamente designados no calendario academico para as grandes provas e desafios sportivos. Não ha estudante inglez que se não entregue á pratica militante de um *sport*, *College* que não possua vastos campos de jogos, clubs athleticos e gymnicos, e cada Universidade publica regularmente um *Magazine* onde, ao lado das noticias propriamente escolares, regularmente se registam a composição das equipas, a successão dos pontos das longas partidas de *cricket*, ou os resultados dos famosos *matches* nauticos travados nas placidas aguas do Cam e do Isis.

Na realidade, as velhas Universidades inglezas, devem considerar-se não tanto escolas destinadas a coroar a instrucção intellectual e a ministrar os mais elevados diplomas scientificos como vastas e formosas estancias de viricultura, onde a *elite* da juventude do paiz vae perfazer e ultimar o seu desenvolvimento organico e conquistar na vida ao ar livre e

pela pratica dos exercicios athleticos, as fórmãs staticas e definitivas da virilidade.

É no campo do *cricket*, nas luctas ardentes do *foot-ball*, na pratica de todos os exercicios viris, que o jovem estudante inglez tempéra o character n'aquellas quantidades altamente britannicas — vigor, tenacidade, sangue frio, confiança em si proprio — que são o orgulho e o apanagio da raça, ao mesmo tempo que na vida em *commum* do collegio, onde a disciplina se baseia no forte sentimento da propria responsabilidade, e as festas, reuniões, debates se entremeiam com os estudos, elle faz como que a aprendizagem da vida publica preparando as suas faculdades para a conducta social.

Não é para surprehender que o ensino universitario assim concebido e realisado não produza homens de sciencia. Os sabios mais eminentes, os pensadores mais profundos e originaes da Inglaterra, Bacon, Hobbes, Hume, Ricardo, Bentham, Gibbon, Stuart Mill, Darwin, Spencer e Carlyle, não foram universitarios e muitos d'elles não o poderiam ter sido.

Em compensação das Universidades vieram e nellas se formaram Palmerston, Pitt, Gladstone . . . , e os mais notaveis estadistas.

Alguem definiu as Universidades inglezas «seminarios de homens de estado» e na verdade ellas podem ser definidas — instituições nacionaes destinadas a educar a *élite* social segundo normas tradicionaes e por fórmula a produzir certos typos staticos de character, nos quaes a Inglaterra recruta os seus *rulers* e dirigentes politicos.

O que é uma Universidade allemã? Tal como a definiu W. Humboldt, sabio e estadista de actos e idéas e fundador intellectual da Universidade de Berlim, creada em 1809 em memoraveis circumstancias:

— Uma Instituição educativa do Estado para a instrucção das profissões scientificas, e uma corporação privilegiada de sabios, cujas supremas funções devem ser a livre investigação dos conhecimentos humanos.

Na vida em *commum* da Universidade se educam e preparam as faculdades em vista da conducta futura na vida publica.

Universidade allemã: instituição educativa do Estado e corporação privilegiada de sabios, com a suprema função da livre investigação scientifica.

— O ensino confundido na sciencia; um gremio de sabios independentes, trabalhando pela sciencia e simultaneamente encarregados pelo Estado de instruir a juventude da Nação.

Fundadas em grande numero desde o seculo XIV pelas casas reinantes e grandes senhores ducaes (*Heidelberg, Leipzig, Fribourg, Tubingue*), erigidas outras pelos principes lutheranos e calvinistas (*Marbourg, Iena, Giessen e Kiel*) ou já no seculo XVIII pelos estados germanicos (*Halle, Erlangen e Göttingen*), todas as Universidades allemãs foram conservadas pelo Imperio nas suas formas tradicionaes e corporativa, e animadas pelo espirito da livre critica da Reforma, organisaram-se, ao entrar no seculo XIX, segundo a concepção pedagogica de que a investigação e a sciencia estão intimamente unidas ao ensino.

E não só as vinte e uma Universidades allemãs, as dos paizes de lingua allemã ou dominados pela influencia teutonica — Austria, Suissa, Paizes-Baixos, Scandinavia, e Russia do Norte, — todas existem e funcionam como Instituições do Estado destinadas a habilitar para as suas carreiras e como corporações autonomas de investigadores, onde o professor não vive para o estudante ou o estudante para o professor, mas um e outro para a sciencia, collaborando incessantemente na promoção dos conhecimentos.

Não existem no mundo mais formosos monumentos para celebrar a alliança da tradição com os mais altos ideaes da civilisação moderna.

Como corporações autonomas, as Universidades allemãs elegem as autoridades academicas, — Reitor, Decanos e Senado consultivo, — e administram e governam independentemente os seus negocios internos, sob a superintendencia discreta do poder.

Os seus professores ensinam livremente em cursos publicos e privados, conforme a sua vocação ou a direcção livremente escolhida da sua actividade scientifica e segundo programmas pessoaes e flexiveis.

Com egual liberdade seguem os estudantes os cursos universitarios, sem nenhuma compulsão á frequencia ou ordem imposta á successão de estudos. Nem *curriculum* fixo de cadeiras, programmas fixos, compendios officiaes ou apertados regulamentos. A mais completa liberdade de ensinar e de

aprender. Na realidade, o Estado, na Allemanha, não se reconhece competencia pedagogica; esta pertence á Universidade, que baseia a sua existencia na liberdade e na independencia.

Humboldt na primeira memoria dirigida ao Rei da Prussia, sobre a Universidade de Berlim, proclamou:

«O Estado não tem outro dever que o de fornecer ás universidades os meios necessarios á sua existencia e escolher os homens apropriados. Não deve intrometer-se nos negocios internos da Universidade e deve ter sempre presente ao espirito que isso não é, nem pode ser, da sua competencia e que quando interfere é sempre com prejuizo».

Por esta norma ficaram de vez definidas as relações do Estado com as Universidades allemãs. Fiel ao sabio principio, formulado por Humboldt, o Estado limita-se a sancionar as propostas da Universidade para a nomeação de professores e a satisfazer com uma liberalidade desconhecida entre nós as suas necessidades economicas, as dotações incessantemente crescentes das suas bibliothecas, museus, seminarios, laboratorios, que são os poderosos instrumentos da sua actividade scientifica.

Assim organisadas as Universidades allemãs têm sido verdadeiras officinas de producção scientifica e a séde, o lar sagrado, de toda a vida intellectual da Nação.

Os seus professores são em geral sabios e investigadores e reciprocamente os mais eminentes homens de sciencia, os grandes creadores originaes pertenceram ou pertencem ao professorado. *Fichte, Hegel Schelling e Sleiermacher*, os grandes philosophos do começo do seculo, ensinaram em Iena e Berlim e exerceram a sua influencia mental das cadeiras do professorado. Quasi todas as suas obras foram publicadas depois da sua morte pelo *syllabi* das lições ou segundo as notas dos seus discipulos.

Professores universitarios foram os creadores da Philologia moderna e dos estudos neo-classicos *Wolf, Haupt, Curtins* em Berlim, *Niebhur, Diez* em Bonn, além de *Herman* em Leipzig, *Tierch* em Munich e *Iacob e Wilhelm Grimm* que fundaram e ensinaram a Philologia germanica em Göttingen.

Na Allemanha as Universidades são a séde quasi exclusiva da actividade intellectual e os professores—philosophos, historiadores, homens de sciencia,—os dirigentes da nação.

Identicamente todos os grandes historiadores — *Von Steim, Mommsen e Waitz* — que pela sua situação nas Universidades tão poderosamente influíram na vida da Nação e para a unidade politica do Imperio. No campo da Mathematica e das Sciencias historico-naturaes basta referir *Gauss e Weber* que ensinaram em Göttingen, *Liebig* em Giessen, *Müller, Dubois Raymond, Helmholtz e Virchow* em Berlim, assim como hoje *Koch* ensina em Berlim, *Roengten* em Iena, *Ostwald* em Leipzig e em Marburg, *Behring*.

Ao passo que na maioria dos paizes os grandes pensadores só indirectamente influem na educação nacional pela sua obra escripta, na Allemanha, em virtude da concepção do ensino universitario que lhe é peculiar, são os homens de sciencia, philosophos, historiadores, mathematicos, naturalistas que, em pessoa, educam a juventude, assumindo por esse facto a direcção effectiva da vida intellectual da Nação.

Creados num ambiente de productividade scientifica, elevados ao magisterio pela sua aptidão para as descobertas e creações originaes, os professores universitarios educam a juventude no mesmo espirito chamando os estudantes a collaborar nos seus trabalhos, até elles proprios poderem proseguir independentemente as investigações a que se entreguem.

O ideal universitario allemão é fazer de cada estudante um instrumento capaz de fazer avançar as descobertas scientificas.

É o ensino assim concebido, tendente a transformar cada estudante n'um instrumento capaz de fazer avançar as sciencias, que produz a multidão de jovens especialistas de que as Universidades allemãs legitimamente se orgulham e que no campo das investigações phylologicas e historicas ou no dominio da chimica e das sciencias biologicas, nos Seminarios e Bibliothecas ou nos Laboratorios e Institutos, consomem pacientemente a sua actividade, em procura de uma verdade nova, minuscula que seja, para accrescentar ao capital illimitado dos conhecimentos humanos. Neste labor incessante se preparam e geram silenciosamente as grandes descobertas, surgindo para a sciencia e para a humanidade, quando um cerebro mais poderoso, systematisado e vendo de uma maneira nova esses resultados parciaes, os capitalisa de chofre n'uma grande concepção philosophica

ou scientifica, convertivel em novas fontes de riqueza, bem estar material, ou em futuros progressos sociaes e politicos.

Em 1809, a Prussia vencida fundava a Universidade de Berlim segundo as indicações intellectuaes dos seus philosophos eloquentemente expressas pela voz de Fichte nos *Discursos á Nação allemã*. A Universidade seria a salvação.

Universidade napoleonica. Concepção cezarista do ensino superior, collocado na dependencia absoluta do Estado, sem espirito de criação scientifica.

Um anno antes, em 1808, Napoleão havia edificado na França vencedora a Universidade Imperial.

A primeira foi o mais poderoso instrumento de unidade allemã e é hoje a base mais segura da sua supremacia politica e economica.

A segunda decahiu na improductividade scientifica e acompanhou a França até Sedan, porque só a terceira Republica restaurou as velhas Universidades francezas.

E por que? Porque uma foi fundada sobre a liberdade e autonomia, a outra sobre a centralisação e o despotismo.

Emquanto que na Allëmanha o Estado vencido respeitava a autonomia cooperativa das Universidades e appellava para ellas, Napoleão destruiu-as e substituiu as velhas Universidades por faculdades de Direito, Medicina, Sciencias e Lettras, sem cohesão e espirito cooperativo, dispersas pelas provincias de França.

Cada faculdade foi estabelecida com um plano determinado de cadeiras segundo uma ordem prescripta; a actividade do professor sujeita á obrigação de repetir em cada anno a exposição systematica do corpo de doutrinas da sciencia que professa; a liberdade dos alumnos aprisionada em rigorosos regulamentos, tendo-se em vista não a instrucção genuina, mas a preparação para os exames finaes. Na Allemanha unia-se indissolvivelmente a instrucção academica á investigação scientifica, partindo do principio que ninguem pode ensinar melhor as sciencias do que aquelles que as criam e fazem progredir. Nas faculdades napoleonicas separava-se o ensino da sciencia, ficando reduzidas a meras escolas do Estado destinadas á preparação para as carreiras liberaes e dos funcionarios do Imperio, *bureaux* de exame para o bacharelado, unica coisa que na verdade lhes restava da antiga organização universitaria.

A Universidade, no sentido tradicional, deixaria de existir, e a propria palavra teria desapparecido, se a dictadura napoleonica, coroadando a sua obra, não tivesse reunido Faculdades, Lyceus Imperiales, Escolas primarias num todo unico, symmetricamente construido e militarmente hierarchisado — a *Universidade de França*.

Toda a instrucção ficou sob a direcção de um Grão-Mestre, delegado da auctoridade imperial, e com o fim social e politico de educar a juventude da França, por meio d'uma instrucção uniforme, em principios fixos. Porque, proclamava Napoleão, — sem uniformidade de pensar e de sentir o Estado jámais será Nação e descansará em bases pouco seguras, exposto a desordens e a revoluções.

A vida intellectual fugiu das Universidades, especialmente das de provincia, outr'ora tão activas e laboriosas como a de Montpellier, onde desde a Renascença vivia o espirito emancipado de Rabelais.

Nas Faculdades de letras e de sciencias, correspondentes á soberba Faculdade Philosophica das Universidades allemãs, os professores muitas vezes sem alumnos, faziam os seus cursos para auditorios fluctuantes de ociosos e burguezes, declamando aquellas lições brilhantes, de parada, apenas destinadas a impressionar, que por tanto tempo pesaram sobre o ensino francez.

Restava Paris. Mas ahi mesmo era fóra da *Sorbonne*, nas escolas superiores que escaparam á reorganisação napoleonica, a *Escola Normal* fundada no anno III da Convenção, no *Collegio de França* oriundo da Renascença, que o espirito de investigação e livre critica se refugiava nos Laboratorios de Claude Bernard e Sainte Clare Deville e nas cadeiras magistraes de Renan e Quinet. Fóra da Universidade creou Pasteur a sua obra genial.

Fico, sem receio de que no espirito de alguém subsista a idéa de que ainda hoje assim são as Universidades francezas.

A terceira Republica regenerou-se. Desde 1871, todos os ministros de instrucção publica e directores do ensino superior — Ferry, Bane Rente, Goblet, Fallieres, Bourgeois, Girard, proseguiram numa mesma linha de politica pedagogica o ideal de reconstrucção universitaria; refizeram os seus edificios,

bibliothecas, laboratorios e museus; ampliaram os seus quadros; restabeleceram a sua personalidade civil; e, por fim, crearam as Universidades modernas, á medida que em cada um destes estabelecimentos se reconstituia de facto a Universidade pelo renascimento da livre investigação scientifica.

Banido da propria França, cujos estadistas, mesmo antes da guerra de 1870, tiveram o sentimento de que a experiencia condemnava o seu regimen imponente e grandioso mas sem alma e sem vida, o regimen napoleonico, sobrevive hoje ainda fóra do seu berço de origem.

As Universidades hespanholas, affirma o illustre professor Giner de los Rios, deformadas em 1845 pelos moldes da França, conservam-se ainda embalsamadas na estructura napoleonica.

E no nosso paiz?

Não só a Universidade, toda a nossa instrucção superior, tal como foi organizada pelos estadistas do constitucionalismo na subordinação absoluta do Estado, quer sob ponto de vista administrativo, como uma dependencia burocratica do ministro do reino, sem autotomia e liberdade de governo, quer sob ponto de vista pedagogico, como estabelecimentos apenas destinados ao ensino profissional, sem intuitos mais altos de producção original e investigação scientifica é, na realidade, uma *Instituição napoleonica*, vasada nos moldes pedagogicos do primeiro Imperio, ainda que não inspirada no mesmo pensamento politico.

Dir-se-ha que a propria existencia da Universidade protesta contra esta affirmacão, pois que o regimen napoleonico implica a dispersão das faculdades academicas.

Essa unidade, a nossa existencia universitaria, é méramente ficticia.

Analysem-se os celebres decretos de Passos Manuel (1836), que reorganisaram a Universidade, crearam as Escolas Medicas de Lisboa e Porto, a Academia e Escola Polytechnica, os Lyceus Nacionaes, e constituem a carta fundamental do nosso ensino medio e superior. Em Coimbra, as faculdades de Theo-

A Universidade constitucional é uma Instituição napoleonica, assim como as outras Escolas superiores. Orientação cezarista do constitucionalismo na organisação do ensino.

logia, Direito (resultante da fusão das de Canones e Leis), Mathematica e Philosophia, foram organisadas segundo a concepção napoleonica, como méras escolas profissionaes, sem cohesão e existencia universitaria, apenas destinadas a preparar para o exercicio das profissões scientificas livres ou das carreiras do Estado e d'onde, por uma selecção nem sempre feliz, deviam sahir os dirigentes da Nação.

Até as Faculdades de Philosophia e Mathematica, por indole naturalmente reservadas a altos estudos theoricos e investigações scientificas, foram organisadas como escolas profissionaes, com quadros semi-scientíficos e semi-technicos, cujos diplomas equivaliam a carta de engenheiro civil e abriam além d'isso aos seus possuidores as carreiras do exercito e na armada, e até os cargos da fazenda publica.

As Faculdades, as Escolas e Academias, reduzidas a meras escolas profissionaes. O ensino separado da sciencia.

Quanto ás Escolas e Academias, expressamente organisadas como escolas profissionaes, com quadros semelhantes aos das Faculdades de Medicina, Mathematica e Philosophia, providas em grande parte de pessoal docente universitario, ficaram *ab initio*, verdadeiras faculdades academicas e, como taes, as Escolas Medicas se consideram, reclamando o privilegio de concessão de graus.

Apenas este pormenor as diferenciava.

Na realidade, Faculdades coimbrãs e Escolas de Lisboa e Porto foram identicamente vasadas nos moldes napoleonicos, com *curriculum* fixo de estudos, successão predeterminada de cadeiras e o mesmo regimen de frequencia obrigatoria e exames annuaes.

Numas e noutras, o ensino adstricto á instrucção profissiona ficou naturalmente subalternizado á exposiçãõ annualmente repetida do mesmo corpo de doutrinas, divorciado como nas faculdades napoleonicas da livre investigação e da elaboraçãõ sciëntifica. Para que a semelhança com o antigo regimen francez em tudo fosse completa, a Instrucção superior, secundaria e primaria, constituindo um todo unico, foi collocado sob a auctoridade immediata do ministro do reino, assistido por um corpo consultivo — o Conselho superior de Instrucção publica —, primitivamente com séde em Coimbra, a breve trecho deslocado para Lisboa, para funcionar juntamente com a Direcção geral de Instrucção publica, creada em

1859, como a suprema expressão da centralisação burocratica do ensino.

Neste regimen de centralisação o Estado não só assumiu a superintendencia administrativa dos estabelecimentos de ensino mas outorgou-se competencia e infallibilidade pedagogica.

Centralisações administrativas. Infallibilidade pedagogica do Estado.

Assim, por exemplo, em 1836 como a Faculdade de Medicina impossibilitada de executar por completo a reforma, abrisse as aulas segundo o plano da sua escolha, logo o governo lhe significou que não podia alterar a seu talante a ordem dos estudos, ordenando-lhe que organisasse o seu curso em stricta conformidade com o decreto reformador.

Facto analogo succedeu em 1861 com a Faculdade de Mathematica, rejeitando o governo a proposta academica de distribuição de cadeiras para lhe impôr plano seu inexequivel na pratica e inconveniente para o ensino. Representou a Faculdade respeitosa ao governo que immediatamente replicou extrahando que a Faculdade a pretexto de representar não cumprisse as ordens de Sua Majestade. Quantas vezes o professorado se não tem encontrado na necessidade de responder como o conselho da Faculdade de Mathematica em 1861:

«As Faculdades devem ás ordem do governo e de sua Majestade não obediencia cega, mas intelligente, respeitosa e discreta, como convem que seja a de homens livres, por interesse do mesmo governo que não tem o dom da infallibilidade».

Além de não reconhecer ás Faculdades auctoridade e competencia para ordenar e dispôr livremente o curso dos seus estudos, o Estado reservou-se o direito de approvar em ultima instancia os livros escolhidos para o ensino. E até que ponto foi levada essa tutella? Quem lêr as *Memorias historicas*, publicadas em comemoração do centenario da Faculdade de Medicina depára com o facto unico na historia moderna das Universidades, de uma Faculdade se dirigir ao parlamento pedindo auctorisação para reformar e substituir os compendios officiaes!

Effectivamente, dentro do compendio se moveu quasi exclusivamente, durante muito tempo a actividade do professorado. Fóra d'elle a sua missão limitava-se a dar conta das

ultimas descobertas ou a discutir os grandes problemas controvertidos, com espirito critico, ságaridade e elevação, mas sem elementos de investigação pessoal que lhe permittissem dirimir as controversias ou sequer esclarecel-as.

Assim foi organizado o ensino superior pelo Estado constitucional. Auctoritario e centralizador como todos os Estados occidentaes collocou a Instrucção superior sob a sua tutela administrativa e pedagogica e, attendendo apenas ás necessidades sociaes mais instantes, fez dos estabelecimentos de ensino meras escolas profissionaes, desinteressados da pura investigação scientifica, verdadeiras fabricas de diplomados, donde havia de sair em grande parte o exercito dos funcionarios publicos e os dirigentes politicos da Nação.

E facto singular. Passos Manuel e Costa Cabral, os dois grandes *leadres* politicos do constitucionalismo, os *representative men* dos dois principios oppostos entre os quaes decorreu pendularmente a vida dos primeiros trinta annos do regimen, assentaram justamente nas mesmas bases o nosso systema de ensino. Levado o primeiro ao governo pela Revolução de setembro e governando em nome da Soberania nacional, o segundo á frente da restauração cartista, sediciosamente proclamada pela guarnição do Porto, viéram a final a reconciliar-se no campo da Instrucção publica, collaborando a oito annos de distancia na realisação da mesma obra pedagogica e politica.

Não obstante a centralisação esterilificante do Estado, nas várias Faculdades ha penetrado o espirito scientifico. A Faculdade de Medicina tem-se regenerado e communga o moderno credo scientifico, mas por exclusivo esforço dos seus professores.

Caracterisadas as nossas instituições do ensino e definido o espirito pedagogico em que foram concebidas, é necessario fazer justiça áquelles que as têm servido, e a justiça ordena que se diga, que, graças ao esforço, iniciativa e ao espirito de progresso que subsistiu no professorado, o ensino superior tem realisado modernamente progressos decididos, a dentro, claro é, do ambito da instrucção professional que lhe foi assignalado.

Tivemos effectivamente maus dias, em que a actividade das Faculdades quasi exclusivamente se reduziu á escolha dos compendios officiaes e a um ensino meramente expositivo e verbalista, a que a elevação oratoria e a agudeza de engenho de celebrados pro-

fessores deu, por vezes, um falso esplendor e uma sonora repercussão, mas na realidade esteril e improductivo.

Mas saímos delle, mercê de Deus, em todas as escolas e em todas as Faculdades e vou exemplificá-lo com a historia moderna da Faculdade de Medicina.

A historia desta Faculdade é, com effeito, a demonstração completa de como, dentro do nosso viciado systema pedagogico, uma corporação de ensino se pôde regenerar pelo seu proprio esforço, movida pela iniciativa intellectual do professorado, nem sempre auxiliado pelo Estado, ampliando os seus estudos, creando e desenvolvendo os seus laboratorios por fórma a transformar em poucos annos o ensino oral e expositivo em ensino technico e demonstrado.

Nunca as faculdades de sciencias naturaes abandonaram o ensino pratico e ao lêr as suas *Memorias historicas*, logo resalta como nota sympathica a registrar, o cuidado, o zelo amoroso com que sempre se houveram em conservar e desenvolver os estabelecimentos que tinham a seu cargo: a Faculdade de Mathematica — o Observatorio Astronomico; a Faculdade de Philosophia — o Museu de Historia Natural, o Jardim Botânico, o Gabinete de Physica e Laboratorio Chimico; e a de Medicina, os seus hospitaes, Theatro Academico e Dispensatorio Pharmaceutico, unica e valiosa herança que haviam recebido da Reforma Pombalina.

No Theatro Anatomico, onde desde 1782, com maior ou menor regularidade, se faziam demonstrações nos cadaveres dos justicados na Relação do Porto, que uma provisão Pombalina ordenava ahi fossem conduzidos com diligencia, cautela e segurança, o dr. Carlos José Pinheiro, primeiro como demonstrador e mais tarde professor da Faculdade, implantou de vez, em 1822, o ensino pratico da Anatomia, organisando simultaneamente uma extensa collecção de peças de anatomia normal e anatomia pathologica, que serviram de nucleo aos museus actuaes. Honra lhe seja.

O Dispensatorio Pharmaceutico, que, no principio do seculo, a Faculdade recebeu em ruinas, foi tambem zelosa e diligentemente restaurado e posto em condições de activa laboração, quer como orgão de ensino da cadeira de materia medica, quer como auxiliar dos serviços hospitalares. Quanto a estes, foram sempre uma escola activa de ensino clinico, onde a actividade dos professores era naturalmente chamada

ao campo de observação, e muitas vezes se exerceu no sentido de investigação systematica e verificação critica dos grandes methodos therapeuticos.

A verdade, porém, é que até o meado do seculo passado, vivendo a Medicina sob o dominio e influencia das grandes doutrinas systematicas e das especulações philosophicas, o ensino propriamente magistral, as lições oratorias e as controversias apaixonadas distrahiam e entretinham a curiosidade mental de professores e alumnos, offuscando com o seu falso esplendor a actividade d'estes estabelecimentos de ensino onde, aliás, o genuino espirito scientifico se abrigava e obscuramente vivia.

Na realidade, a nova era da Faculdade de Medicina data de 1866, da longa e curiosa viagem scientifica que o emerito professor dr. Antonio Augusto da Costa Simões, o primeiro fundador intellectual da Faculdade Moderna, realisou pelos centros universitarios allemãs, onde, sob a influencia propulsora de Müller e a direcção militante de Dubois-Reymond, Helmoltz, Lagenbek e Virchow, a Medicina, emancipada das velhas especulações philosophicas, se lançava abertamente no campo da investigação scientifica.

Logo após o seu regresso, o joven professor da nova cadeira de Histologia e Physiologia Geral installa o Laboratorio de Histologia com o melhor material da epoca e á allemã, isto é, não só para exercicios praticos e demonstrações do curso, mas tambem para a livre investigação scientifica.

Não menos decisivo para a transformação moderna da Faculdade foi o acto do dr. Augusto Rocha, essa vigorosa individualidade de professor, que em 1882, no anno em que Kock, descobrindo o bacillo da tuberculose, conquistava a immortalidade, fundou em Coimbra um modesto gabinete de Bacteriologia com exiguos recursos e sem domicilio proprio, mas que, na sua simplicidade, representava a inauguração das investigações bacteriologicas na Faculdade e no paiz, e, pelo seu largo desenvolvimento ulterior, nos incorporou na renovação Pasteuriana da Medicina.

Relembre-se ainda a criação autochtona da grande Cirurgia moderna gynecologica e obstetrica, pelos eminentes professores Sousa Refoios e Daniel de Mattos, honra e gloria do nosso professorado, a fundação do Museu e Laboratorio de

Hygiene, do Gabinete de Radiographia, as nossas reconstruções hospitalares, e eis os passos seguros da Faculdade no caminho do progresso scientifico e do incessante aperfeiçoamento do seu ensino profissional.

Cada um d'elles representa a iniciativa d'um professor; nenhum é obra deliberada do Estado, que muitas vezes tolheu a sua realisação.

Que o diga a historia do Laboratorio de Bacteriologia, estabelecido com uma subvenção de 70\$000 réis, distrahida da magra dotação da Faculdade, que em 1890 ainda não tinha installação propria no Museu, não obstante reiteradas solicitações da Faculdade, e só em 1901, dezenove annos depois da sua fundação, foi oficialmente reconhecido e dotado no orçamento. E, no entanto, este Laboratorio logo em 1888 fazia uma campanha epidemiologica em Coimbra, intervinha seguidamente na solução scientifica da maior parte dos problemas epidemiologicos levantados no paiz, constituia-se em auxiliar indispensavel das clinicas hospitalares e escola pratica de educação bacteriologica de todas as modernas gerações de medicos que passaram pela Faculdade.

Referi-me á Faculdade de Medicina como exemplo e não para exemplo, que d'elle não necessitam as outras Faculdades academicas nem as adeantadas escolas de Lisboa e Porto.

Umias e outras, conforme a sua indole, em condições diversas mas igualmente servidas pelo esforço e espirito de iniciativa do seu professorado, igualmente desajudadas pelo Estado, têm briosamente progredido.

Em todas o ensino *ex-cathedra* tem decrescido na razão inversa do desenvolvimento da demonstração e da verificação experimental.

Deixamos de ser o *magister legens*, no sentido historico do termo; as vestes talares passam a ser substituida pelo avental e pela *blouse*. Todo o nosso progresso tem porém sido limitado pela concepção official do ensino que a todos nos domina. Demonstramos a sciencia, verificamos as suas conclusões, ensaiamos os seus inventos, e temos sabido acompanhar passo a passo o moderno movimento scientifico. Mas não creamos; só verificamos e reproduzimos.

O nosso ensino já não é a *echolalia*, mas é ainda a imitação,

O ensino superior tal como está organizado encontra-se impotente para a criação científica.

A verdade é que a Universidade e Escolas Superiores, tal como fôram concebidas e organizadas pelo Estado, sem independência corporativa e para fins meramente profissionaes, não têm podido desempenhar a função mais elevada e nobre do ensino: crear e fazer progredir os conhecimentos humanos e educar as novas gerações no espirito de investigação scientifica.

A Universidade e as Escolas têm preparado e preparam excellentes profissionaes; medicos praticos habilitados a empregar os mais delicados meios semioticos, ou a realizar as mais ousadas intervenções therapeuticas; engenheiros com uma alta cultura mathematica e technica; advogados notaveis, que em breve tempo conquistaram fortuna e gloria nos debates do fóro. Nellas se têm affeiçoado os dirigentes da Nação, os estadistas parlamentares, em que tantas vezes nos revêmos com desvanecido orgulho. Sómente não têm produzido investigadores e homens de sciencia, no verdadeiro sentido da palavra, physicos, chimicos e naturalistas, philologos, historiadores e philosophos, emfim creadores originaes que tenham accrescido o numero das descobertas e invenções humanas.

As manifestações de actividade scientifica, os trabalhos de investigação por que se afere a vida intellectual e social do paiz, encontram-se ordinariamente fóra do ensino superior e são de pensadores independedtes e de auto-didactas.

Alexandre Herculano, o historiador das origens e da formação da Nacionalidade, e das nossas Instituições civis, era auto-didacta e não teria talvez realisado a sua obra se, accedendo ás instancias de D. Pedro V, tivesse trocado a regencia conscienciosa de uma cadeira pelas solitarias meditações de Valle de Lobos.

Auto-didacta foi Oliveira Martins, o prodigioso evocador de sociedades, que resuscitou algumas das nossas melhores épochas historicas, e Anthero de Quental, o mais poderoso cerebro de philosopho que porventura temos produzido, exerceu a sua influencia mental fóra do ensino.

A obra historica do sr. Gama Barros, a do sr. Adolpho Coelho no campo das investigações philologicas são extradocentes, e identicamente quasi toda a obra monumental do

sr. Theophilo Braga — a historia scientifica da evolução da nossa litteratura nas suas relações com a vida social e politica do paiz.

No dominio das sciencias physico-chimicas, e historico-naturaes; no campo da Anthropologia, da Physiologia experimental e da Microbiologia, acclimada no nosso paiz pelos professores Costa Simões, Augusto Rocha e Camara Pestana, tõem-se feito trabalhos de merito, investigações promettedoras, mas ainda não se conseguiu realisar uma descoberta original.

Poderemos continuar assim, inhabilitados de collaborar na criação scientifica, na invenção e na descoberta, subalternizados á função de expôr e transmittir a sciencia constituida ou as novas verdades que cada dia, em volta de nós, o espirito scientifico conquista para o pensamento humano?

Não. Urge que nos elevemos de altas escolas profissionaes ao verdadeiro ensino superior, regenerando em Portugal as Universidades modernas, baseadas na independencia corporativa e na liberdade de ensino, na qual a missão de investigar se allie á função de instruir e a sciencia concilie com o ensino:

a) Dando á Universidade liberdade e independencia do Estado;

b) A professores e alumnos, liberdade de ensino ou de aprender dentro da Universidade;

c) Tornando possivel o uso proveitoso d'essa liberdade pela instituição ou desenvolvimento de Bibliothecas, Seminarios, Institutos e Clinicas, liberal e generosamente dotadas.

O reconhecimento da autonomia e independencia da Universidade como corporação scientifica, dentro das normas geraes que definam as suas relações com o poder politico como instituição do Estado, deve ser a nossa primeira aspiração.

Autonomia universitária.

A reforma ultimamente realisada do Conselho Superior de Instrucção publica e de Instrucção superior, concedendo personalidade moral ás Faculdades e maior latitude na direcção da sua actividade docente, inspira-se n'este salutar principio e a liberdade restricta que nos concede deve ser empregada em reclamar e conseguir o reconhecimento de novos direitos e a realisação de mais largas aspirações. O

primeiro e fundamental direito de todas as Universidades inglezas e allemãs, que evolucionaram dentro das suas fórmulas originaes, ou mesmo as francezas, que d'ellas se desviaram para n'ellas se reconstituirem, é o de eleger as proprias auctoridades academicas. Não faz sentido e só como situação de transição póde ser comprehendida a que foi creada pelo ultimo decreto, pois que, se, por um lado, nos concede a autonomia, por outro a inutilisa, mantendo a nomeação régia da primeira auctoridade académica.

Nas Universidades allemãs, que só conservaram uma parte das suas funções corporativas, o Reitor — *Rector Magnificus* — é annualmente eleito pelo *Claustro Pleno* dos professores ordinarios e extraordinarios, e só nominalmente recebe a sanção do chefe do Estado.

Do mesmo modo, em cada faculdade, os professores elegem annual ou semestralmente o seu decano e director; as auctoridades que constituem o Senado, além do Reitor e decanos, seus membros natos, são egualmente electivas.

Nada mais necessitamos a este respeito do que regressar ás nossas tradições universitarias.

Elejamos o nosso Reitor. «O Reitor eleito é o symbolo visivel da independencia corporativa da Universidade».

Liberdade de ensino.

Depois destrua-se o quadro rigido que prende e separa methodicamente as nossas cadeiras magistraes, a successão predeterminada que encadeia os nossos cursos; emancipemo-nos da forçada repetição annual das nossas exposições oraes ou demonstraões de Laboratorio e, ainda que um pouco anarchicamente, fundemos toda a nossa actividade docente na *plena liberdade do ensino*.

Foi nessa base, liberdade e independencia de ensinar e de aprender, que Humboldt fundou, na Prussia vencida, a Universidade de Bérlim, um anno sobre a data não menos memoravel, em que Napoleão edificou, na França vencedora, a Universidade imperial. Mudemos de companhia. A liberdade é a primeira condição fundamental para que o professor possa ser uma auctoridade scientifica e uma capacidade docente, e a Universidade simultaneamente um estabelecimento de ensino e um centro de alta cultura.

Sob a apparencia de paradoxo, é uma profunda verdade o

dizer-se que, tal como está organizado o ensino, a primeira condição para ser homem de sciencia é não ser professor.

Cingido á tarefa de expôr systematicamente, todos os annos, aos cursos que se succedem, segundo um programma invariavel, o corpo de doutrinas de uma sciencia determinada, ao professor não sobra tempo nem actividade para se consagrar á livre investigação, collaborando d'uma maneira efficaz na elaboração das novas verdades scientificas.

Em cada faculdade, cada um ensine livremente dentro do campo livremente escolhido em que se exerça a sua actividade scientifica, chamando os alumnos a collaborar na sua obra, inculcando-lhes no espirito o mesmo desejo de investigar e descobrir.

E nessa orientação chegaremos á especialização, que é hoje a base indispensavel para a producção scientifica e progresso da sciencia. Á medida que se fôr contrahindo o campo de estudo de cada um, irá augmentando o numero de trabalhadores. Criar-se-hão cadeiras para aquelles homens de merito que se tenham revelado capazes de enriquecer o corpo dos conhecimentos humanos ou que, dotados d'um espirito verdadeiramente original, souberem observar os factos sob um ponto de vista novo e conduzir-se por caminhos inéditos á conquista de novas verdades. Criar-se-ha a cadeira para o professor ou o professor para a cadeira, em vez de cada um ser investido na primeira que o acaso lhe destina.

Porque não conceder aos novos doutores que ambicionem o professorado o *jus docendi*, que os Estatutos Pombalinos lhe conferem? Seria a maneira de a Universidade a conseguir, sem encargos, numerosos auxiliares, creados no mesmo espirito de productividade scientifica, e multiplicar os seus cursos publicos e privados, satisfazendo largamente as variadas necessidades do ensino.

Nas Universidades allemãs, especialmente nas faculdades de Medicina e Philosophia, o numero de *privat-docentes* é egual e por vezes excede o quadro dos professores ordinarios e extraordinarios, isto em virtude da crescente especialização dos differentes ramos scientificos.

Não será possivel instituir entre nós o *privat-docentismo* que, aliás, existe até nas mais pequenas Universidades allemãs e do qual o antigo regimen universitario da *longa opposição* se approxima? Chamem-se ao ensino os directores de

Laboratorio, os assistentes chefes de clinica, que se reconheçam com vocação e capacidade docente. É necessario aproveitar todas as vocações, estimular todas as actividades.

Liberdade de aprender.

Da liberdade de ensinar é corollario a *liberdade de aprender*. O regimen de frequencia livre deve ser considerado uma aspiração pedagogica a realizar em correlação com os outros principios em que assenta a Universidade moderna. Esta aspiração é naturalmente a que se torna mais sensivel ao espirito dos estudantes, nos paizes, e poucos são, que vivem como o nosso no regimen pedagogico francez; não serei eu que a interprete malevolamente como desejo da *liberdade de não estudar e nada fazer*.

Nas Universidades allemãs, o curso de estudos é baseado inteiramente na liberdade de frequencia — *Lernfreiheit* — que constitue uma das caracteristicas mais essenciaes da sua organização. Depois de matriculado, o estudante allemão apenas é obrigado a inscrever-se, dentro de certo praso, num curso publico ou privado, num seminario ou num laboratorio de investigação. É livre na escolha dos cursos e frequenta-os livremente. Algumas vezes, guia-se ou determina-se na sua escolha pelas indicações de estudantes mais antigos ou d'algum professor. Outras, abandona-se inteiramente á sua inspiração e vae para onde o leva a curiosidade scientifica. O regulamento do exame final, com provas em determinadas materias, contribue para imprimir uma direcção geral á sequencia dos cursos e exercicios.

Este regimen tem certamente inconvenientes. Alumnos ha que, attrahidos pelo renome dum professor, pela originalidade do seu curso, dão uma feição unilateral á sua educação ou se prejudicam por uma especialização precoce. Ha os versateis e inconstantes, e um grande numero reconhece no fim do curso que poderia ter ordenado duma maneira mais efficaz os seus estudos, alcançando com menor esforço um maior rendimento pedagogico. Mas a Universidade allemã pensa que *é impraticavel a liberdade sem a impossibilidade de abusar d'ella*.

Nas Universidades austriacas e na Baviera, outr'ora dominados pela influencia jesuitica, experimentou-se em tempos remotos, o systema de estudos obrigatorios, e os resultados obtidos foram contraproducentes.

Na Universidade moderna é desconhecido o systema, cada vez mais complexo, de exames annuaes e por cadeiras, oraes e escriptos, praticos e theoricos que caracterizam o nosso ensino. Exames ou ensino?

Na Allemanha ha apenas um exame final de doutoramento, — unico grau que as Universidades conferem, depois de um periodo de estudos de seis semestres — o *triennium academicum* —. Certo é que o grau de doutor tem apenas valia scientifica e aquelles que pretendem exercer uma profissão são sujeitos a novo exame, — o exame do Estado —, pelo qual se faz a selecção, á entrada de todas as carreiras.

Entre nós, não. Os exames são outros tantos marcos equidistantes no itinerario que conduz ao diploma final e representam a fiscalisação annual pela qual um systema pedagogico, que se impõe pela auctoridade e se baseia na desconfiança, verifica o aproveitamento do alumno. Quando este systema é levado ao exagero, observa o celebre historiador inglez Freeman, a Universidade transforma-se numa corporação cujos membros se occupam respectivamente, não em estudar, mas em examinar e ser examinados. O exame é a grande preoccupação do professor e do alumno, e os cursos são considerados como intervallos estrictamente necessarios á preparação para elle.

O exame, diz ainda Freeman, é bom, quando *occasional, simples e espontaneo*; pessimo quando regulamentado, mechanico e solemne, isto é, justamente quando se chama exame.

O systema de exames pouco vale em si, e só serve para prejudicar o professor, o alumno e a instrucção.

Entre nós, como está organizado, é um empecilho e obstaculo ao accesso da livre actividade scientifica nos nossos estabelecimentos de ensino e, como o notavel pedagogo Giner de los Rios, a proposito das Universidades hespanholas, poderei dizer: *ou exames ou ensino*.

A Universidade de Coimbra teve sempre um alto significado na vida intima da Nação. A Universidade Medieval.

O acto da fundação, por carta real de D. Dinís, de um *Studium generale* em Lisboa (1288), mantido com as rendas ecclesiasticas generosamente doadas pelos grandes

abbades e priores do Reino, que por duas vezes se reuniram em Monte-mór para esse fim, com as tres Faculdades medievas — Leis, Medicina, Artes, e a sua *Universidade* ou gremio corporativo de estudantes, mestres e doutores — pôde considerar-se como o ultimo acto necessario á formação da nossa nacionalidade e á suprema e definitiva consagração da sua independencia.

«Nada ha mais real on pontificio que a fundação de uma Universidade», disse Luthero, e D. Dinís exerceu essa suprema prerogativa da soberania, sem esperar auctorização da Curia, que só dois annos depois, pela Bula de Nicolau IV, confirmou o novo *Studium* de Lisboa e a applicação das rendas que lhe haviam sido doadas, concedendo-lhe o *jus ubique regendi* e o fôro ecclesiastico.

O *Studium* de Lisboa, que segue na peninsula a fundação dos *studia* de Palencia (1212?), Salamanca (1215?), Sevilha (1254) e Valladolid (1260), todos erigidos por carta regia, foi organizado, como a maior parte das Universidades medievas, com a faculdade menor das Artes e as faculdades maiores de Leis e Medicina, sem a de Theologia, cujo ensino pertencia privilegiadamente, por concessão pontificia, á Universidade de Paris a *Alma Mater Studiorum*.

Cada faculdade tinha um pequeno numero de professores que liam successivamente ás seis horas da manhã — *hora prima*, ás nove — *hora tertia*, ás tres — *hora nona*, concluindo ás cinco — *vespera*.

O ensino baseava-se inteiramente na auctoridade infalível da Igreja e dos philosophos, especialmente de Aristoteles, que exerceu uma verdadeira dictadura intellectual em toda a Idade-Media, e os professores liam e comentavam os textos, concebendo a sciencia como um circulo finito de conhecimentos totalmente explorado pelos antigos.

Aos sabbados, discutiam entre si e em presença dos discipulos (*disputationes*), esgrimindo a dialectica subtil e engenhosa que caracterizou o escolasticismo, com aquella paixão de controversia que era o unico refugio deixado á liberdade de espirito.

A Faculdade *subtillissima*, das Artes, comprehendia a Grammatica, Logica e Philosophia, distribuidas conforme a pedagogia escolastica no *trivium* e *quadrivium*.

Aprendiam pelas *Sumulas Aristotelicas* do grande esco-

lastico portuguez Pedro Hispano, mais tarde Papa João XX, obra que até ao seculo XVI foi adoptada em quasi todas as Universidades europêas.

Os licenciados em Artes podiam passar á Faculdade de Medicina — *saluberrima* — cujos estudos, por muito tempo, se reduziram á leitura de Hippocrates, Galeno e dos seus comentadores arabes, e viveram em Coimbra na dependencia de Salamanca e Montpellier, donde devia saír com Chauliac, no seculo XIV, a renovação de cirurgia.

A Faculdade mais importante era a *consultissima* Faculdade de Leis, cujos doutores e jurisconsultos desempenharam um importante papel nos conflictos do poder real com a Igreja e definição dos novos direitos regios. Em Coimbra, ensinava-se não só o direito canonico emanado dos Papas e Concilios, mas tambem o direito romano de Justiniano, sob o influxo Juridico de Bolonha, e com a protecção dos Reis que encontraram nos civilistas os melhores conselheiros e defensores da sua anctoridade, perante o poder Papal.

Assim na Faculdade de Leis se ia elaborando o espirito juridico que havia de conduzir á secularisação do Estado.

No seculo XVI, a Universidade Joanina, onde vieram professar com Pedro Nunes e Garcia da Horta, afamados doutores de Salamanca, Bolonha e Paris, em sustentada convivencia intellectual com os centros de cultura da Europa renascida, integrou-nos definitivamente no movimento intellectual do *humanismo*, ao mesmo tempo que, pelo brilho do seu ensino que a Coimbra attrahia numeroso concurso de estudiosos e descendentes da nobreza, pela primeira vez interessada na cultura intellectual, a difundiu largamente no paiz, cooperando na elaboração da nossa Renascença litteraria e artistica.

Póde dizer-se que todos os homens de letras e sabios portuguezes educados nas Universidades estrangeiras, que foram o berço da Renascença — Pedro Margalo, Alvaro Paes, Garcia da Horta, Sá de Miranda — influíram no renascimento humanista da Universidade, especialmente André de Rezende e Damião de Goes, que frequentaram Louvaina e ahi se educa-

A Universidade no seculo XVI e a Renascença. Diogo de Gouvêa, o fundador intellectual da Universidade Joanina.

ram na preciosa convivência e amizade de Erasmo—o grande Erasmo, que foi rogado por D. João III a vir reger uma cadeira nos novos estudos de Coimbra.

Porém o verdadeiro fundador intelectual da Universidade Joanina foi o insigne pedagogo Diogo de Gouvêa, que fez os seus estudos em Paris, sob a protecção de D. Manuel e se doutorou e professou na Sorbona, alcançando celebridade como principal do velho collegio universitario de Santa Barbara, que governou auxiliado por seus sobrinhos André, Antonio, Diogo e Marcial, uma verdadeira dinastia de humanistas.

Foi por intermedio do Provincial Gouvêa, estimado pelos homens mais celebres da Renascença, muitos dos quaes lhe prestaram homenagens de consideração, que foram convidados nas mais adeantadas Universidades europeas os professores que D. João III mandou vir para reger os novos estudos, ao mesmo tempo que no seu collegio de Santa Barbara, onde elle havia introduzido abertamente o humanismo em opposição ao collegio rival de Montaigu, se educavam e instruíam «em todos os generos das novas disciplinas», os melhores estudantes portuguezes, subsidiados pelo Rei, para depois regressarem a Portugal e por sua vez educarem a juventude.

Sob o principalato de Gouvêa, o collegio de Santa Barbara, com os seus cincoenta *bolseiros* de El-Rei, foi como que uma colonia universitaria, um Seminario pedagogico do professorado portuguez.

Da legião *barbista* vieram os professores para a Faculdade das Artes ensinar a alta latinidade, o grego, os poetas e oradores latinos, que pela primeira vez eram estudados em Portugal, e o sobrinho e successor do velho Gouvêa, André de Gouvêa, organizou em Coimbra o *Collegio Real*, pelo modelo do *Collège de France*, fundado pelo celebre Budens, que, com Erasmo e Vives, formou o triangulo espirital da Renascença.

Os novos «Estudos de Coimbra» do seculo XVI, foram na verdade uma Universidade Real, assente no principio da soberania do Rei, sob o ponto de vista ecclesiastico e civil.

O seu ensino foi classico e humanista e o estudo do latim, do grego e hebreu, o gosto e curiosidade pela leitura das obras classicas nos seus originaes, mataram a velha instrucção escolastica. As imitações poeticas e oratorias da antiguidade, os

poemas e orações compostos em latim e enfaticamente declamados nos actos solemnes, substituíram as velhas controversias dialecticas.

Até o antigo estudante de trajés clericães e de condição humilde que vinha a Coimbra conquistar os graus para seguir um officio ecclesiastico ou civil, cedeu o logar ao estudante nobre, cavalleiro, instruindo-se desinteressadamente ou por exigencia de condição social, conservando na Universidade os habitos de cõrte e estadeando vida folgada e aventureosa.

A Universidade Pombalina ou reformada (1772) é o producto e a expressão mais typica da nossa concepção politica do Estado no seculo XVIII: — a soberania real exercendo-se por delegação num ministro irresponsavel, como uma providencia governativa e tutelar, abrangendo todos os ramos da vida publica. O despotismo ao serviço dos interesses geraes da Nação.

A Universidade Pombalina reflecte, na sua organização e concepção politica do Estado no seculo XVIII. Ribeiro Sanches, seu fundador intellectual.

Expulsos os jesuitas, que se haviam apoderado em Coimbra do Collegio universitario das Artes e Humanidades, o Marquês de Pombal, que por este mesmo acto reivindicava para o Estado o direito de governar e dirigir o ensino, apresentava-se a reorganisal-o desde as Escolas menores até á Universidade, sob o principio da secularização.

Primeiramente cria a Direcção geral dos Estudos, como orgão central da nova instrucção secular. Mais tarde, passando a Direcção dos Estudos para a *Mesa Censoria* é lançado um imposto — *subsídio litterario* — para prover ás despêsas da Instrucção como função do Estado.

Finalmente, em 1772, findos os trabalhos da *Junta de Providencia Litteraria*, que em longas sessões havia forjado o celebre *Compendio historico do estado da Universidade* e elaborado em segredo os novos *Estatutos*, é o proprio Marquês que vem a Coimbra como logar-tenente do Rei e visitador da Universidade, outorgar e fazer jurar solememente os *Estatutos* novos, deixando entregue ao grande Reitor Reformador D. Francisco de Lemos, a execução rigorosa do seu plano pedagogico.

Em toda a organização da nova Universidade se manifesta

a concepção do Estado providente e tutelar. Nos *Estatutos*, tddo se encontra disposto, previsto e regulamentado; a composição das Faculdades, a successão e disciplina dos cursos, o methodo a que deve obedecer o ensino, assim como o formulario das cerimoniaes e actos solemnes. É o Marquês de Pombal, que, por seu proprio punho, marca na *Carta topographica* da Universidade e dos collegios o assento dos novos estabelecimentos — gabinetes, laboratorios, hospitaes, e a traça em que hão-de ser levantados. Acode a todas as necessidades, supre todas as faltas com incessantes Provisões e Ordens Reaes, em tudo interferindo, tudo regulando, até aos mais insignificantes pormenores.

Os estudos universitarios soffrem completa transformação.

Na Faculdade de Mathematica são creadas novas cadeiras a par da sciencia contemporanea, onde professaram Monteiro da Rocha e Anastacio Cunha e foi além disso creado o Observatorio Astronomico.

O ensino da Medicina foi organizado tendo por base as sciencias positivas e orientado num sentido pratico, cemeçando desde logo a fazer-se demonstraões no Theatro Anatomico, e a funcionar os hospitaes da Faculdade, installados no velho Collegio dos Jesuitas.

O que caracteriza, porém, sob o ponto de vista pedagogico a Universidade reformada, é a nova Faculdade de Philosophia natural, a Faculdade Pombalina, onde foram largamente introduzidas as sciencias de observação — physica experimental, chimica, sciencias naturaes, installando-se provisoriamente em espaçosos locaes, um gabinete de machinas, o gabinete dos tres reinos, o laboratorio chimico e mais tarde o horto botanico, onde ensinaram Vandelli e Felix Avelar Brotero.

A contextura estatual da nossa Universidade é obra do Marquês, mas este espirito pedagogico que animou a Universidade reformada, foi Ribeiro Sanches, o insigne medico e pedagogo portuguez, que lh'o incutiu do seu exilio de Paris.

Nas celebres *Cartas sobre a educação civil e politica da juventude*, de Ribeiro Sanches, dirigidas ao Principal Mendonça, se inspirou o Marquês para a criação do *Collegio dos Nobres*, onde pela primeira vez foi introduzido em Portugal o ensino scientifico moderno.

Porventura essas cartas representam uma primeira e lon-

ginta suggestão pedagogica da reforma de 1772, e certo é que a organização dos novos estudos, em grande parte do que diz respeito á Faculdade de Philosophia e completamente quanto á de Medicina, assenta no *Methodo para estudar a Medicina e apontamentos para a fundação de uma Universidade Real*, que Ribeiro Sanches elaborou em Paris, a pedido do Marquês, e enviou para Lisboa por intermedio do embaixador D. Luiz da Cunha.

Ribeiro Sanches, christão novo, passou uma enfermiceira mocidade em casa dos seus, em Penamacôr, minado pelas quartãs de Riba-Douro, educando o seu espirito livremente na leitura de classicos e philosophos.

Impellido por decidida vocação, veio mais tarde estudar medicina a Coimbra, graduando-se em Salamanca e, depois de a ter exercido alguns annos numa comarca ribatejana, começou de viajar e percorrer os principaes centros medicos da Europa, como que impulsionado por um atavico instincto de deambulação. Visitou os collegios de Londres, esteve nas Faculdades de Montpellier, Tolosa e Paris, estudou tres annos em Leyde, onde foi o primeiro discipulo de Boerhave e condiscipulo de Van Swieten, e passou longos annos na Russia, como medico da Camara Imperial, director do Hospital do Collegio dos Nobres Militares, fazendo ainda, como cirurgião dos exercitos imperiaes, uma ardua campanha na Polonia.

Independente por natureza e naturalmente propenso á observação, tendo desenvolvido as suas faculdades de investigação e critica numa extensa e quasi sempre livre carreira profissional, Ribeiro Sanches, que além disso, privou com os melhores espiritos da sua epoca — Boerhave, Euler, d'Alembert — e viveu por muito tempo no ambiente do encyclopedismo, é um espirito emancipado pela independencia mental e livre critica e muito acima da sociedade portugueza do seu tempo.

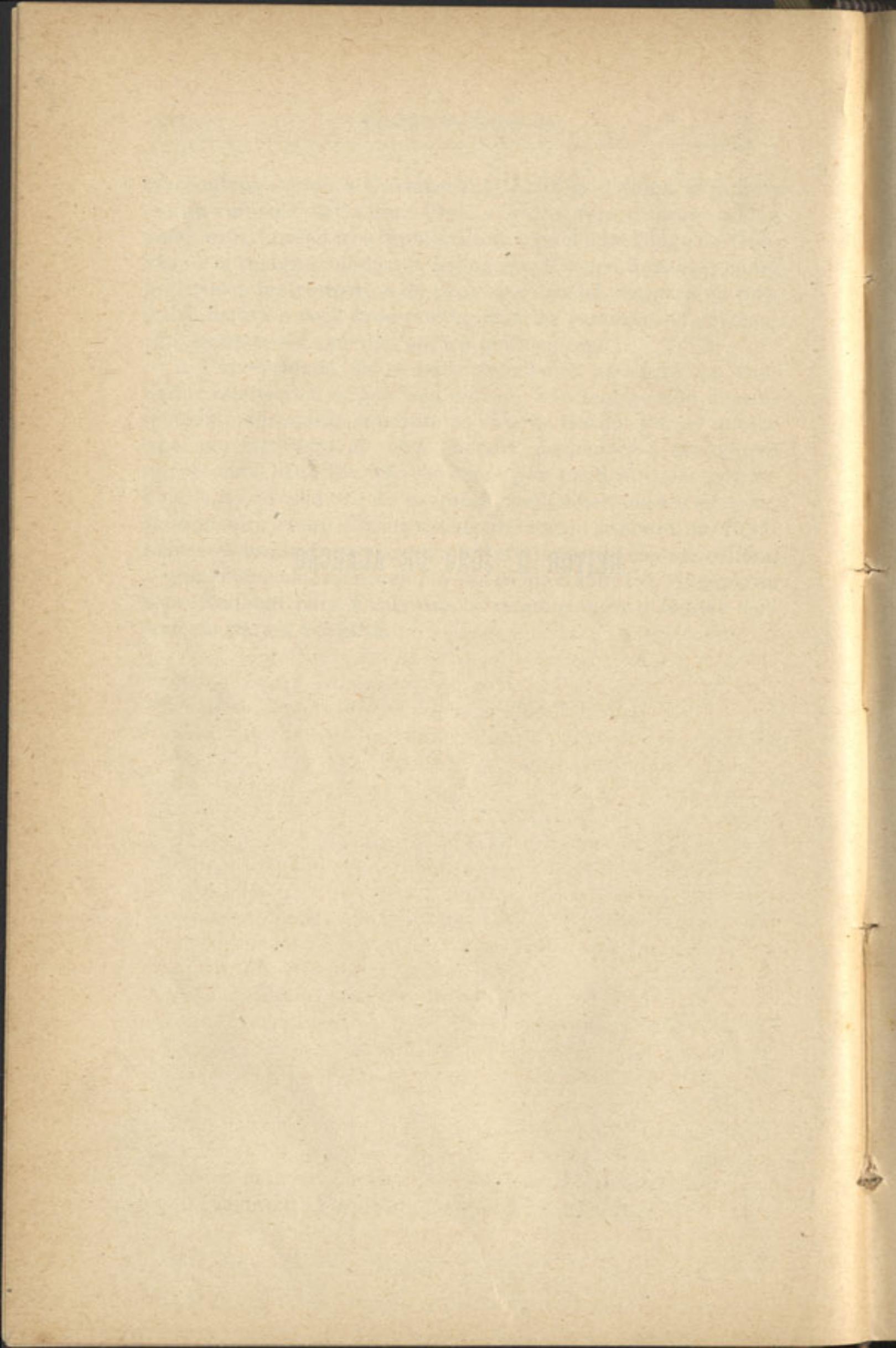
Por isso mesmo era mal visto na côrte e em Portugal, e o Marquês de Pombal que o sabia, mas não queria desaproveitar os seus conselhos e indicações, apresentou maliciosamente com o pseudonimo de João Sachetti, as memorias e relatorios que Ribeiro Sanches enviára de Paris para a elaboração dos novos *Estatutos*.

A Universidade Pombalina foi subvertida pela reacção ul-

tramontana, como a Universidade Joanina o tinha sido pela contra-reforma catholica. Uma e outra foram organizadas pelos seus fundadores intellectuaes, o principal Diogo de Gouvêa e o insigne medico e pedagogo Ribeiro Sanches, como poderosos instrumentos de progresso social, capazes de propulsionarem a sociedade portugêsa no caminho da civilização, levando-a a par das nações mais cultas.

A Universidade do constitucionalismo não teve um fundador intellectual e, por isso mesmo, não tem podido desempenhar uma missão superior na vida da Nação. Faz-se mister que, por um acto de viril energia, despedace a estrutura napoleonica, que lhe não pertence por tradição nem por indole, e, inspirando-se no exemplo das Universidades allemãs, se regenere como Universidade moderna, assente na dupla base — autonomia corporativa e livre investigação scientifica, — por fórma a desempenhar a sua triplice função: — preparar o professional para a carreira, o cidadão para o Estado e o homem para a Sciencia.

REITOR D. JOÃO DE ALARCÃO



REITOR D. JOÃO DE ALARCÃO

Mercê de causas que não será muito facil, nem muito opportuno, deslindar neste momento a Universidade atravessou, no anno lectivo ultimo, uma crise gravissima de desordem, a qual assumiu proporções extraordinarias, sem parallelo com os mais recentes conflictos academicos, mesmo os mais ruidosos. Parece que uma grande desorientação subjugou os espiritos, de alumnos e até talvez de professores, porque houve phases desse conflicto em que a serenidade abandonou muitos de uns e de outros, com prejuizo de todos; d'ahi proveio um estado de inquietação que preoccupou o paiz inteiro, pois sabido é que os conflictos universitarios desasocegam muita gente, toda a que aqui traz os seus entes mais queridos em procura de educação litteraria e scientifica. Foi no meio desta agitação e do mal-estar correspondente, que D. João de Alarcão teve de vir tomar conta da Reitoria da Universidade, de vir occupar um cargo que, não sendo nunca tentador, naquella delicadissima conjuntura só a um homem de comprovados merecimentos e de experimentadas qualidades de dirigente devia confiar-se. Os factos vieram mostrar quanto a escolha foi feliz, correspondendo inteiramente á confiança que a determinou. O sacrificio exigido de D. João de Alarcão foi aspero; mas elle soube supporta-lo com inexcedivel brilho e cavalheirismo.

O nome de D. João de Alarcão possui neste meio de Coimbra um alto e nobre prestigio, que as tradições de familia lhe designam inconfundivelmente por pertencer a uma casa, em cujos representantes a fidalguia do porte e do character jámais

conheceu tibieza ou macula, accentuando-se essas qualidades sempre por forma a merecerem a veneração e o respeito de todos; elle por si continua com requintada galhardia estas qualidades da sua raça, o que mais accresce o seu prestigio individual. É o mais tolerante dos fidalgos, e é um homem do seu tempo, trabalhador e activo a valer; entrou na Reitoria da Universidade cheio de nobreza pelo nascimento, mas tendo percorrido tambem um caminho cheio de trabalhos nos Governos Civis que occupou, na Procuradoria Geral da Corôa, na Camara dos Pares, nas Cadeiras Ministeriaes; e se a sua grande actividade ainda carecesse de alguma confirmação ou consagração, tinha-as tido plenissimas na forma como occupou a Reitoria da Universidade, durante a sua gerencia de alguns mezes.

A sua longa pratica dos negocios publicos, conjugada com o desembaraço natural do seu espirito, faz com que elle dê a maior presteza ao expediente dos negocios, sem deixar de reflectir nelles o sufficiente mas não ficando de mãos atadas perante cada difficuldade que apparece, nem deixando prender a attenção com as pequenezes de que os espiritos excessivamentemeticulosos fazem outros tantos enleios ás suas resoluções; as suas determinações teem a firmeza necessaria para se transformarem em actos, e se nesta transformação a sua energia tiver de intervir, intervem sempre por modo efficaz. Mas effectua tudo isto com uma gentileza de maneiras e uma finura de trato, que prende sem excepção os que com elle hajam de lidar, ainda que elle tenha de os contrafazer nas suas ideias ou nas suas tendencias; quer dizer, a lealdade das suas intenções e do seu procedimento resalta tão nitida e tão clara nos seus propositos e nos seus actos, que a todos ella se impõem com incontestada evidencia.

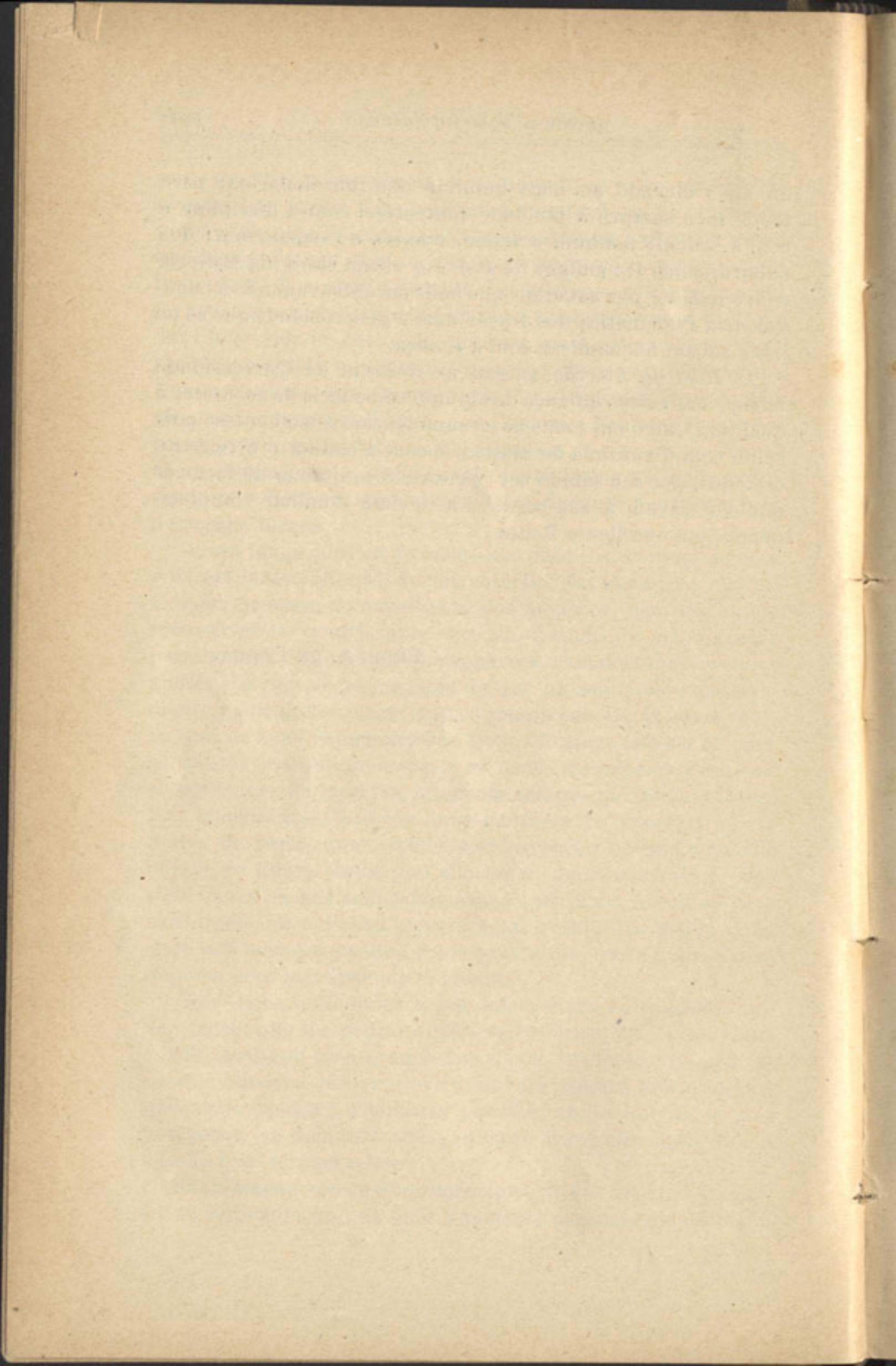
Com estas qualidades a sua intervenção no conflicto universitario, que lhe pediram para vir serenar, foi deveras util e feliz. Acalmou uma grande desordem, tratando com professores e alumnos tão cavalheirosamente quanto uns e outros poderiam desejar; e tambem por isso uns e outros se não pouparam em demonstrar-lhe, quanto apreço lhes mereceu a missão que desempenhou.

Simultaneamente, e como consequencia das mesmas causas, fez-se estimadissimo de todo o restante pessoal universitario,

do mais elevado ao mais humilde dos funcionarios; para todos teve sempre a bondade compativel com a disciplina e com a ordem; nenhum o temia, e todos o respeitavam; dos subordinados fez amigos; e todos o viram sahir da Reitoria com saudade, por saberem que nelle encontravam não a benevolencia systematica dos fracos mas a generosidade que só os bons sabem harmonisar com a justiça.

D. João de Alarcão entrou na Reitoria da Universidade talvez com a desconfiança de alguns, como teria de acontecer a qualquer outro em todas as circumstancias semelhantes; pois sahiu com a amizade de muitos, e com a estima e o respeito de todos, por ter sabido ser, perante o conjuncto de factores que norteavam a sua acção e a deviam dominar completamente, um excellente Reitor.

PROF. A. DE PADUA.



BICENTENARIO DE LINNEU NA SUECIA

NOTICE OF THE BOARD OF SUPERVISORS

UNIVERSITATI CONIMBRICENSI

S. P. D.

UNIVERSITAS REGIA UPSALIENSIS.

Praeterierunt hoc anno duo saecula, postquam natus est

CAROLUS LINNAEUS,

decus illud Universitatis Upsaliensis et totius patriae nostrae. Consentaneum est hoc potissimum tempore grato animo nos ea recordari, quae vir ille ad arcana naturae revelanda et maxime quidem ad botanices scientiam adaugendam atque promovendam felici labore perpetravit, eamque ob rem in animo habemus diebus XXIII et XXIV mensis Maii huius anni memoriam natalis clarissimi viri ea, qua par est, pietate renovare atque celebrare. Spes autem est fore, ut Vos, Viri Doctissimi et Illustrissimi, hoc consilium nostrum benigne approbetis et sollemnibus, quae instituere decrevimus, interesse velit. Itaque rogamus, ut unum aliquem ex Vestro numero legetis, qui hospitio nostro usus festos illos dies nobiscum agat. Quem legaveritis, ante Idus Martias, si placeat, rescribite.

Valete et nobis favete.

Dabamus Upsaliae die x m. Ianuarii a. 1907.

SENATUS ACADEMICI NOMINE

(L. ✠ S.)

Henrik Schück

Universitatis Upsaliensis h. t. Rector.

Johannes von Bahr

Univ. Upsal. Secretarius.

REGIA ACADEMIA SCIENTIARUM SUECICA
UNIVERSITATI CONIMBRICENSI

S. P. D.

Sub finem Maii huius anni duo secula erunt, postquam
lumen illud scientiae

CAROLUS LINNAEUS

in vitam est ingressus. Cuius nomen cum universae patriae
illustrissimae memoriae sit, tum Academiae nostrae praecipue
celebrandum erit, quippe quae eius studio atque operae ori-
ginem suam magnam partem debeat. Itaque constituimus
natalem eius bisecularem, quo par est, honore prosequi.

Qui ut rite habeatur, opus erit adesse, si non corporibus,
at certe animis exteros eos, qui, Linnaeus quid contulerit ad
rerum naturalium scientiam perficiendam, penitus perspexe-
rint eiusque memoriam pie servent. Fuit ille quidem civis
noster, sed idem universo generi humano vixit et e floribus
totius orbis terrarum sedulae apis modo congegit, quidquid
posset rerum naturae ordinem habitumque investigantibus
lucem afferre. Et est certe inter eos, qui ubique doctrinae
literisque operam dant, societas quaedam studiorum, quae
locorum distantia eos impediri non sinit, quominus coniunctis
viribus eodem tendant eademque promoveant. Quod cum ita
sit, speramus fore, ut vos etiam nobis Linnaei memoriam
celebraturis mente ac voluntate faveatis atque, si modo fieri
poterit, unum aliquem e Vestro numero mittatis, qui coram
adsit sollennibus nataliciis, quae agentur Holmiae de xxv
Maii, rogamusque velitis ante Kalendas Apriles nobiscum per
litteras communicare, quem adlegaveritis.

Valete nobisque favete.

Dabamus Holmiae die 1 m. Februarii a. 1907.

ACADEMIAE SCIENTIARUM NOMINE

(L. ✕ S.)

Peter Klasoun

Academiae scient. h. t. Praeses.

Chr. Auriuilius

Secretarius perpetuus.

REGIAE UNIVERSITATI UPSALIENSI

S. P. D.

UNIVERSITAS CONIMBRIGENSIS

Litteras vestras humanissimas libenter accepimus, quibus de fausto inceptu clarissimi *CAROLI LINNAEI* natalem, duo post saecula peracta, laudibus efferendi nos certiores fecistis.

Tanti viri, inter excultas totius orbis gentes notissimi, memoriam celebrare aequum quidem ac decorum; nosque omnes, qui praestantissimi naturae perscrutatoris nomen maxima veneratione colimus, illud patriae vestrae decus atque scientiae lumen extollendi propositum laeto approbamus animo.

Honorificae invitationi vestrae obsequentes, clarissimum doctorem *JULIUM AUGUSTUM HENRIQUES*, egregium in Conimbrigensi Universitate Botanices professorem, e senatu nostro legimus, qui adventantis mensis Maii XXIII et XXIV dies festos Upsalae vobiscum agat.

Pro benevolentia vestra erga nos dignas persolvimus grates.

Valete.

Dabamus Conimbrigae, die XXVIII m. Martii a. 1907.

SENATUS ACADEMICI NOMINE

(L. ✕ S.)

Dr. A. dos Santos Viégas
Universitatis Conimbrigensis Rector.

Emmanuel da Silva Gayo
Univ. Conimbr. Secretarius.

REGIAE ACADEMIAE SCIENTIARUM SUECICAE

S. P. D.

UNIVERSITAS CONIMBRIGENSIS

Litteras vestras humanissimas libenter accepimus, quibus de fausto inceptu clarissimi *CAROLI LINNAEI* natalem, duo post saecula peracta, laudibus efferendi nos certiores fecistis.

Tanti viri, inter excultas totius orbis gentes notissimi, memoriam celebrare aequum quidem ac decorum; nosque omnes, qui praestantissimi naturae perscrutatoris nomen maxima veneratione colimus, illud patriae vestrae decus atque scientiae lumen extollendi propositum laeto approbamus animo.

Honorificae invitationi vestrae obsequentes, clarissimum doctorem *JULIUM AUGUSTUM HENRIQUES*, egregium in Conimbrigensi Universitate Botanices professorem, e senatu nostro legimus, qui adventantis mensis Maii xxv diem festum Holmiae vobiscum agat.

Pro benevolentia vestra erga nos dignas persolvimus grates.

Valete.

Dabamus Conimbricae, die xxviii m. Martii a. 1907.

SENATUS ACADEMICI NOMINE

(L. ✕ S.)

Dr. A. dos Santos Viégas
Universitatis Conimbrigensis Rector.

Emmanuel da Silva Gayo
Univ Conimbr. Secretarius.

INSIGNI VNIVERSITATI REGIAE VPSALIENSI

RECTOR, SENATVS ET PRAECEPTORES

REGIAE VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

S. P. D.

Pergratum quidem nobis et acceptissimum, ut nostrum Archigymnasium per vestras honorificas literas ad mittendum legatum benigne invitaretur, qui, duobus revolutis saeculis, natalicia

CAROLI LINNAEI

auspicatissima solennia rite vobiscum agat.

Fuit namque ille notissimus Vir splendidum sidus miro inter vos fulgore emicans, quod totum terrarum orbem larga luce complevit, naturae arcana, et in primis herbariae doctrinam, a se prospere explicatam, edocens. Eiusdem claritas cito ad nos pervenit, et nostri praedecessores, huius Conimbrigensis Vniversitatis Magistri, per literas cum eo de rebus botanices saepe colloquebantur, atque ex ipso documenta capiebant. Haec verba ad unum ex illis scripsit clarissimus LINNAEVS: — *Litterae tuae me tecum duxere per tempe Lusitaniae, ubi tecum quasi in blando somnio legi pulcherrimas plantas . . . Postquam tota Europa calcata est a botanicorum pedibus, restat etiamnum sola Lusitania, quae India europaea dicenda, et felicissima terra . . . Anne ullus sit in toto regno pulcherrimo, qui possit orbi literato dare genuinam florum regionis? Bone Deus! Quam pulchrum et desideratum opus praestaret ille, qui eiusmodi florum sisteret.*

Nobis ergo nihil est potius aut antiquius, quam huius praestantissimi Viri ac sapientiae Antistitis nomen et memoriam maxima veneratione colere, debitaque religione collaudare. Quapropter omnes nos, licet absentes, gaudiis vestris congaudebimus gratulabundi, et solennia natalicia, quae ista

alma Academia instituere decrevit, per nostrum legatum simul
vobiscum libentissime celebrabimus.

Valete, Viri doctissimi.

Dabamus Conimbrigae IV. Non. Maias a. D. M.DCCCC.VII.

VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS NOMINE

(L. ✕ S.)

D. Ioannes d'Alarcão

Vnivers. Rector.

Emmanuel da Silva Gayo

Vnivers. Conimbr. Secretarius.

INSIGNI ACADEMIAE REGIAE SCIENTIARVM SVECICAE
RECTOR, SENATVS ET PRAECEPTORES
REGIAE VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

S. P. D.

Pergratum quidem nobis et acceptissimum, ut nostrum Archigymnasium per vestras honorificas literas ad mittendum legatum benigne invitaretur, qui, duobus revolutis saeculis, natalicia

CAROLI LINNAEI

auspicatissima solennia rite vobiscum agat.

Fuit namque ille notissimus Vir splendidum sidus miro inter vos fulgore emicans, quod totum terrarum orbem larga luce complevit, naturae arcana, et in primis herbariae doctrinam, a se prospere explicatam, edocens. Eiusdem claritas cito ad nos pervenit, et nostri praedecessores, huius Conimbrigensis Universitatis Magistri, per literas cum eo de rebus botanices saepe colloquebantur, atque ex ipso documenta capiebant. Haec verba ad unum ex illis scripsit clarissimus LINNAEVS: — *Litterae tuae me tecum duxere per tempe Lusitaniae, ubi tecum quasi in blando somnio legi pulcherrimas plantas . . . Postquam tota Europa calcata est a botanicorum pedibus, restat etiamnum sola Lusitania, quae India europaea dicenda, et felicissima terra . . . Anne ullus sit in toto regno pulcherrimo, qui possit orbi literato dare genuinam floram regionis? Bone Deus! Quam pulchrum et desideratum opus praestaret ille, qui eiusmodi floram sisteret.*

Nobis ergo nihil est potius aut antiquius, quam huius praestantissimi Viri ac sapientiae Antistitis nomen et memoriam maxima veneratione colere, debitaque religione collaudare. Quapropter omnes nos, licet absentes, gaudiis vestris congaudebimus gratulabundi, et solennia natalicia, quae ista

alma Academia instituere decrevit, per nostrum legatum simul vobiscum libentissime celebrabimus.

Valete, Viri doctissimi.

Dabamus Conimbrigae IV. Non. Maias a. D. M.DCCCC.VII.

VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS NOMINE

(L. ✕ S.)

D. Ioannes d'Alarcão

Vnivers. Rector.

Emmanuel da Silva Gayo

Vnivers. Conimbr. Secretarius.

(L. ✕ S.)

Omnibus, quicumque in festo Linnaeano bisaeculari, quod nuperrime celebravimus, universitatem nostram tot ac tantis benevolentiae humanitatisque documentis prosecuti sunt, gratias quam maximas ea qua par est observantia agimus.

Dabamus Upsaliae m. Maio a. MCMVII.

VNIVERSITATIS REGIAE UPSALIENSIS NOMINE

Henrich Schück

Rector.

Iohannes von Bahr

Secretarius.

Á Universidade de Coímbra.

**Relatorio da viagem à Suecia do Dr. Julio A. Henriques,
representante da Universidade de Coimbra nas festas
do bicentenario de Linneu.**

Ex.^{mo} Snr.

Tendo recebido a honrosa missão de representar a Universidade de Coimbra nas festas que a Suecia e em especial a Universidade de Upsala e a Sociedade das sciencias da Suecia celebrariam por occasião do bicentenario do nascimento de Linneu, embarquei no dia 9 de maio com destino a Hamburgo, seguindo d'ahi por Copenhague e Stockolmo para Upsala. Desejando aproveitar esta occasião para visitar alguns jardins e museus botanicos importantes, no regresso passei por Berlim, Amsterdam, Bruxellas e Paris. Desta forma pude encontrar elementos de instrucção e firmar relações uteis sob todos os pontos de vista.

Desta rapida viagem tenho a honra de dar a V. Ex.^a circumstanciada noticia.

Deus guarde a V. Ex.^a — Ex.^{mo} Snr. Reitor da Universidade.

DR. JULIO A. HENRIQUES.

RELATORIO

A Suecia, apesar de ter produzido consideravel numero de sabios distinctos nos diversos ramos dos conhecimentos humanos, considera Carlos Linneu como o primeiro e por elle tem quasi um culto. O nome do celebre naturalista é conhecido e respeitado em toda a parte e em toda a parte se encontram estatuas, bustos ou simples retratos que a todos fazem recordar a memoria do sabio, que foi e ainda é uma das maiores glorias nacionaes. Sam conservadas, com maximo cuidado, a casa onde nasceu, a casa e pequena quinta em Hammarby onde passou os ultimos tempos da sua vida e ahi e nos museus nacionaes sam guardados religiosamente todos os objectos, mesmo os mais insignificantes, de que elle se serviu.

Já em vida Linneu recebeu as maiores considerações a que um homem pôde aspirar. As honras que como professor lhe fôram conferidas compensaram de certo as agruras das primeiras epochas da sua vida.

Não admira pois que a Suecia quisesse celebrar dignamente o dia em que marcava o bicentenario do nascimento de Linneu e celebrou-o de modo distinctissimo, como só o pôde fazer uma nação que pelo seu grau de civilização liga a devida importancia à sciencia e àquelles que com distincção a cultivam.

Está nesse caso a Suecia. A instrucção ahi é diffundida com proveito por toda a parte. Para se conseguir isso quasi se pôde dizer que nada tem sido esquecido. Os governos, diversas associações e os particulares teem empregado todos os meios para que a todos, normaes e anormaes, chegue a instrucção, litteraria, industrial e physica.

Para isso ha um numero consideravel de escolas, muitas moveis, a fim de que o professor vá levar a instrucção ao discipulo, que por qualquer circumstancia não possa facilmente ir a qualquer escola fixa.

A instrucção é gratuita e obrigatoria a ponto de os filhos puderem ser sequestrados aos paes negligentes para serem entregues a quem d'elles cuide.

Para as creanças pobres ou mais ou menos abandonadas,

ha escolas especiaes nas quaes sam recolhidas e ahi recebem a instrucção conveniente e aprendem a praticar pequenas industrias, que mais tarde lhes poderám dar meios de vida. Pelos trabalhos executados recebem paga e para adquirirem o bom habito de economia, parte do estipendio recebido é posto a render numa caixa economica. D'aqui resulta que não se encontra na Suecia um rapaz roto e sujo a pedir esmola. Destas escolas só em Stockolmo ha 12 frequentadas por 1500 alumnos.

Para os adultos ha as escolas populares superiores, muitas dellas nos campos, destinadas a dar uma educação patriotica, civica e pratica. A essas escolas vam por vezes professores de escolas superiores fazer conferencias e os alumnos formam associações, reunindo-se frequentas vezes no edificio escolar para discutirem sobre diversos assumptos.

O ensino official é, como em toda a parte, de tres graus — instrucção primaria, secundaria e superior.

A instrucção primaria é dada em 11.713 escolas, sendo moveis 1898 destinadas aos campos e mais especialmente ao norte da Suecia onde a população é mais rara e as difficuldades de caminho maiores.

Estas escolas estam dependentes das auctoridades e commissões parochiaes, e nellas, além da instrucção litteraria, é ensinada a gymnastica, o canto e trabalhos manuaes e em muitos casos os alumnos recebem alimentações preparada pelas alumnas, que assim se educam convenientemente. D'esta organização escolar resulta que é limitadissimo o numero dos analphabetos. Em 1898 as estatisticas davam no exercito a relação de 1 por 1.000. Com a instrucção primaria em 1898 o estado dispendeu 18.478.838 coroas (1).

O ensino secundario é dado em 79 lyceus de ordem diversa conforme as localidades (grandes lyceus, cujo curso é de nove annos; pequenos lyceus de tres a cinco annos; *pedagogicos* de um a tres annos), tendo os grandes lyceus 600 a 700 alumnos e os pequenos 200 a 400. O orçamento da despesa com

(1) É muito digno de ser lido o Relatorio sobre a instrucção popular na Suecia, escripto pelo Dr. Antonio Feijó, embaixador de Portugal na Suecia, publicado em 1901.

o ensino secundario em 1897 foi de 3.433.947 coroas. Estes lyceus teem edificios com todas as commodidades para o ensino, material de estudo importante e campo para exercicios gymnasticos e militares. O valor destes estabelecimentos era em 1897 de dez milhões de coroas.

A instrucção superior é dada nas Universidades de Upsala e de Lund, em Stockolmo no Instituto Caroliniano (escola medica), na Hogskola de iniciativa particular e num estabelecimento analogo em Gothenbourgo. O numero dos alumnos d'estas escolas em 1898 foi de 2.566.

A Universidade de Upsala fundada em 1477 é a primeira. O edificio central de construcção moderna (inaugurado em 1887) é magnifico (*fig. 1*). Está situado quasi num dos extre-



Fig. 1— Universidade

mos da cidade, perto da cathedral e numa pequena elevação. O acesso principal para o edificio é por um grande e elegante escadorio. No andar terreo do edificio ha um amplo atrio (*fig. 2*), recebendo luz pelo tecto, dando acesso para a *aula* esplendido salão das grandes cerimonias academicas, para varias salas e repartições universitarias e por duas magnificas escadas de marmore para o andar nobre, que comprehende uma galeria, que dá acesso a algumas salas dos cursos, para os salões do chancellor e das faculdades.

Nesses salões encontra-se mobilia optima, quadros de valor, dando ao conjuncto um aspecto sumptuoso (*fig. 3*).

A sala das festas academicas, a — *aula* — (*fig. 4*) é de fôrma semi-circular, tendo trinta metros de diametro, ampla-

mmente illuminada, de dia pela luz que entra pelo tecto envidraçado, de noite por centenas de lâmpadas electricas.

Duas galerias, uma pouco superior ao pavimento da sala e outra a meia altura d'esta, sustentada por columnas de

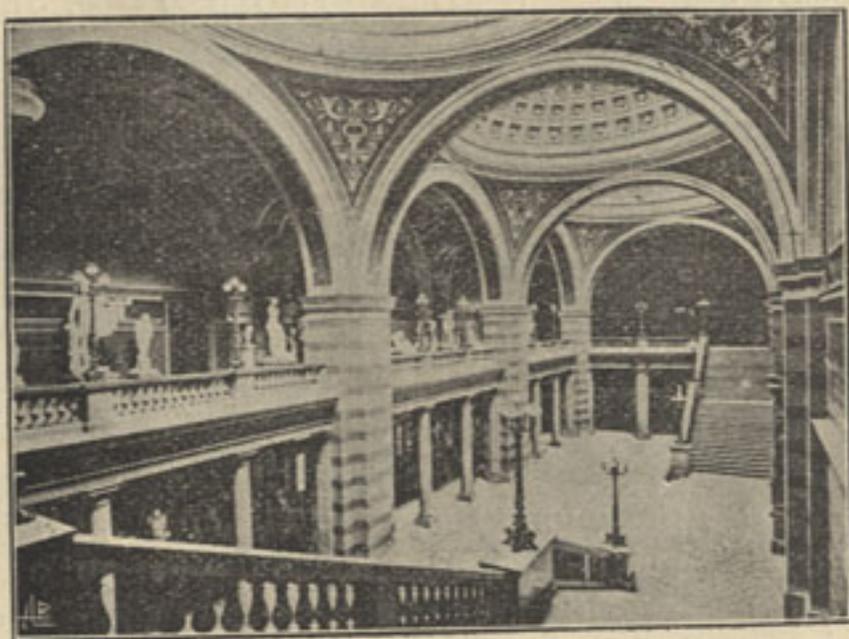


Fig. 2 — Atrio da Universidade

marmore, dam logares às pessoas, especialmente senhoras, que desejam assistir às festas. Um appenso em frente da en-

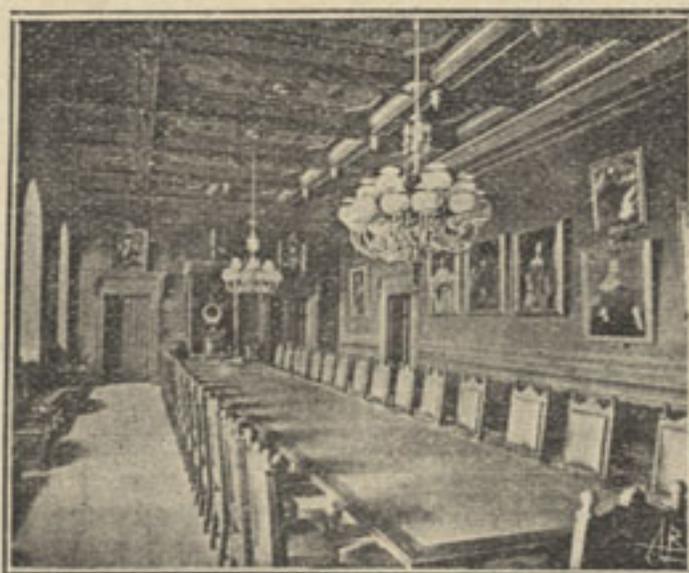


Fig. 3 — Sala das sessões academicas

trada é destinado à orchestra, que sempre se faz ouvir nas festas solemnes.

Diversos estabelecimentos fazem parte da Universidade, — o jardim botânico, os laboratorios de physica e chimica, os observatorios astronomico e meteorologico, o museu zoológico e os estabelecimentos de medicina. Não longe da Universidade fica a bibliotheca (*Carolina rediviva*) (fig. 5), edificio moderno (1841) que substituiu a antiga Academia Caroliniana, com 330.000 volumes e 12.500 manuscritos. Encontra-se ahi uma grande preciosidade, o *Codex argenteus*, traducção gothica de partes dos evangelhos feita talvez no anno de 500 pelo arcebispo Ulfilas, cujas folhas sam de pergaminho vermelho e as letras de prata.

Nesta Universidade como na de Lund ha quatro faculdades — a de Theologia, de Direito, de Medicina e de Philosophia, esta com duas secções — uma de letras e outra de sciencias. Para o ensino ha professores *titulares*, *adjunctos*, *preparadores*, professores *aggregados* e *instructores* para a gymnastica, musica e desenho.

O ensino universitario é auxiliado ou completado pelo ensino em 15 seminarios.

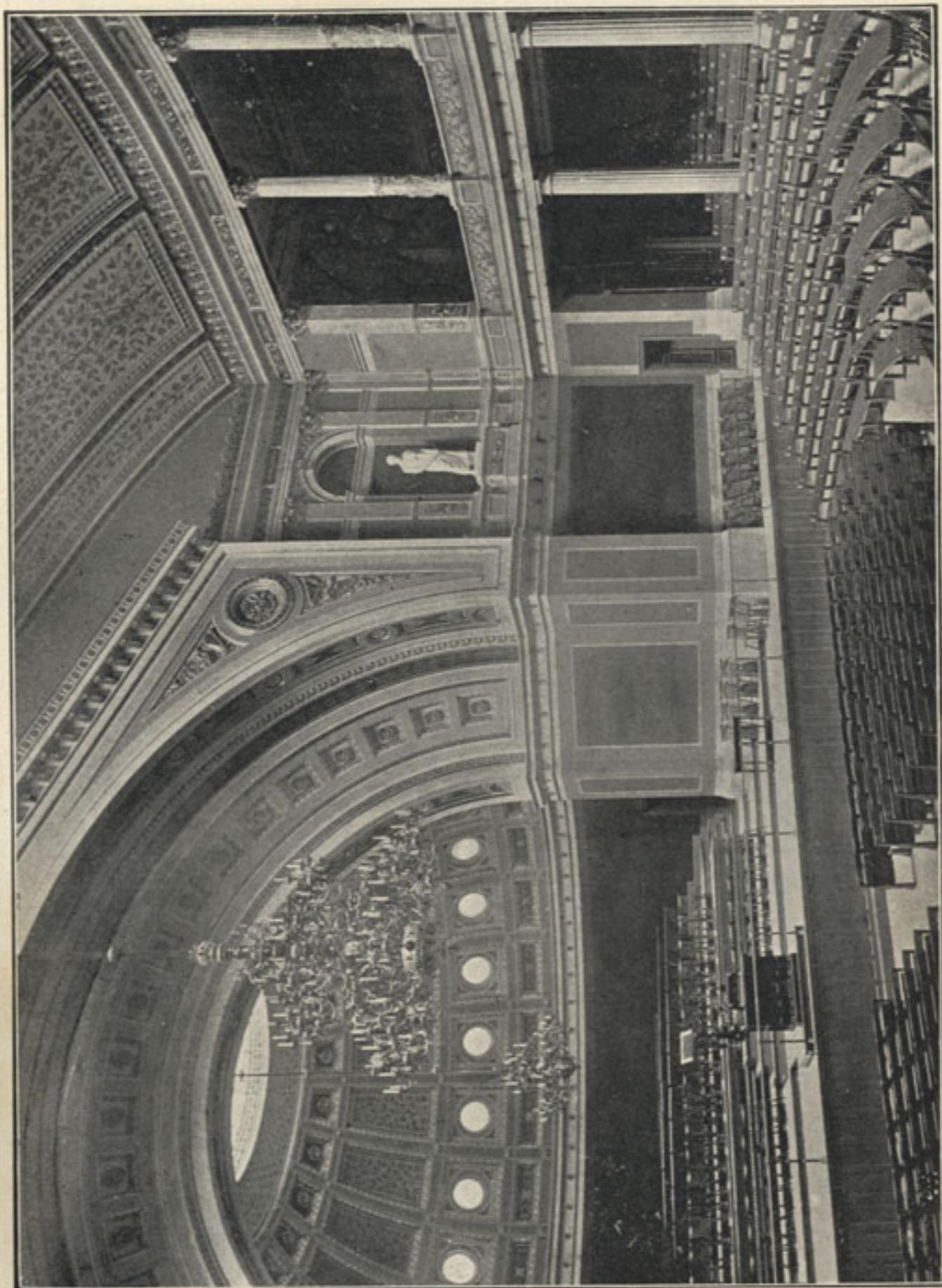
Em 1898 o numero total de professores dos tres estabelecimentos de ensino superior era de 280, sendo 74 titulares, 64 adjunctos, 20 preparadores e 123 aggregados (1).

Os tres estabelecimentos estão sob a direcção d'um chanceler e nas Universidades o reitor é eleito por dois annos por todos os professores e os directores de faculdades (decanos) sam eleitos por um anno pelos professores de cada faculdade.

As despesas com os estabelecimentos de instrucção superior em 1898 foi de 1.607.195 coroas.

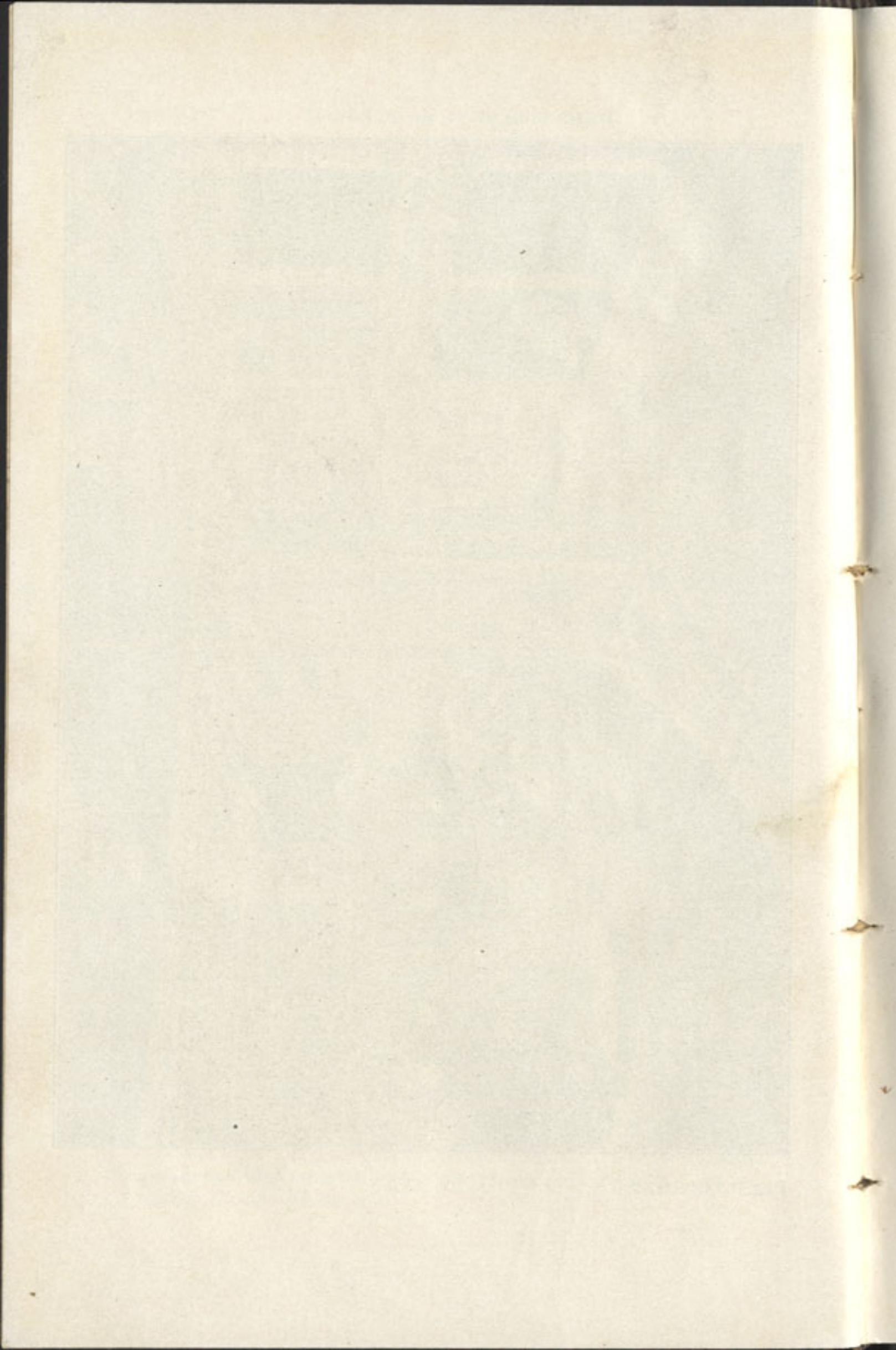
Estas instituições teem rendimentos proprios e recebem subsidios valiosos de pessoas ricas e que teem dedicação pelos progressos da sciencia. Só a Universidade de Upsala possui 360 propriedades ruraes, que lhe foram doadas pelo rei Gus-

(1) Os titulares recebem 6 000 coroas; os adjunctos 4.500, tendo dous augmentos de 500 coroas, um ao fim de 5 annos de serviço e outro aos 10. Os preparadores de medicina recebem 4.500 coroas, os de philosophia 3.000. Os aggregados não teem ordenado, mas ha subsidios (bolsas) de 1.200 ou 1.500 coroas que podem ser concedidos aos que melhor serviço prestarem.



Pag. LXXXVIII, a

Fig. 4 — Aula



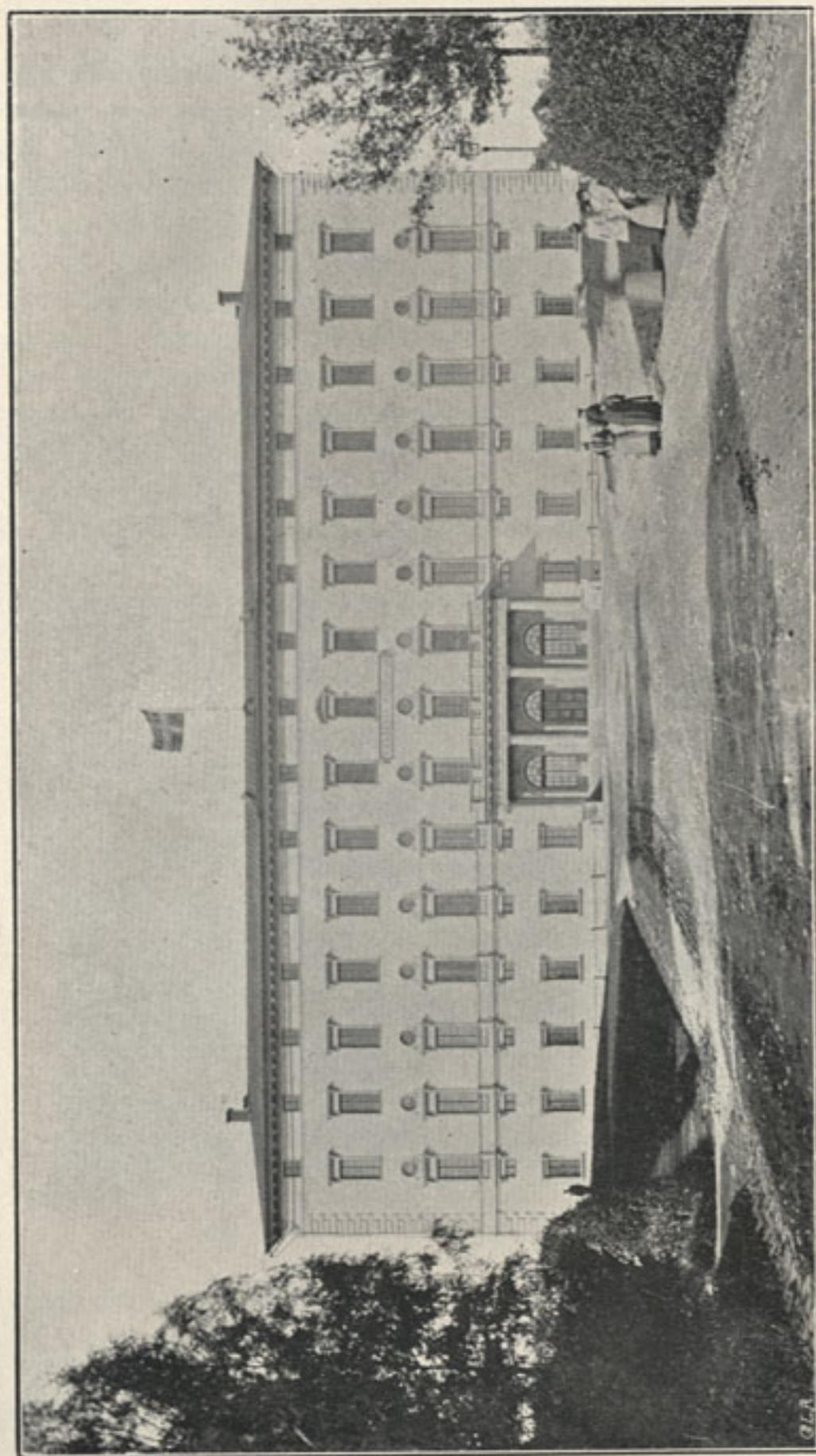


Fig. 5 — Bibliotheca

1875
No. 10
1875
No. 10
1875
No. 10
1875
No. 10
1875
No. 10

tavo II. Os auxilios pecuniarios que esta Universidade têm recebido sam extraordinarios. Só a faculdade de Medicina desde 1873 até 1885 recebeu de Anders Fredrik Regnell 9.000.000 coroas e d'outros doadores 184.060 (1).

Além d'estas doações tem a Universidade recebido outras para fins diversos, taes como premios, viagens de estudo, compra de instrumentos, etc. Desde 1872 até 1888 esses donativos sommaram 1.926.206 coroas.

Nas Universidades a corporação dos estudantes tem uma organização especial. Aggregam-se por provincias, constituindo o que chamam *nações*, cada uma das quaes toma o nome da respectiva provincia. Estas nações teem casas proprias (*figg. 6 e 7*) e capitaes consideraveis. Cada uma tem



Fig. 6 — Edificio da nação Nowlands

uma direcção presidida por um professor da Universidade eleito pelos estudantes da respectiva nação.

Os estudantes de Upsala deram-me a melhor impressão. Apresentam-se sempre perfeitamente bem, com uma correcção

(1) A receita da Universidade em 1904 foi calculada em 1.002.880 coroas.

admiravel. Não teem fardamento especial e apenas se distinguem pelo bonnet branco. Nas festas solemnes vestem casaca. Compreendendo os seus deveres e o fim a que se destinam, reconhecem o valor da sciencia. Demonstra isso o respeito pela sua Universidade, à qual por vezes as nações teem dado quantias importantes (1). Foram elles tambem que offereceram a estatua de Linneu que se encontra na sala principal do edificio do jardim botanico.



Fig. 7 — Um salão da casa da nação Smålands

Com tantos e tão variados meios de instrucção a Suecia occupa um dos primeiros logares entre as nações mais cultas. Não admira pois que tivesse empenho em manifestar o respeito e consideração que consagra à memoria d'um sabio, que é uma das suas maiores glorias.

*

A celebração do bicentenario teve lugar na Universidade de Upsala, da qual Linneu tinha sido professor, e na Aca-

(1) Em 1877 a nação Vastgota deu 3.420 coroas; em 1978 a nação Kalmar deu 6.876.

demia das sciencias da Suecia, da qual tinha sido um dos fundadores e primeiro director.

Tanto a Universidade, como a Academia não quiseram reduzir a celebração do centenario simplesmente a festas. Reeditaram algumas das mais valiosas e hoje já raras obras do grande naturalista e ainda actualmente se trabalha para continuar publicações importantes, como a que comprehenderá a maior parte da correspondencia de Linneu.

Foram dirigidos convites às Universidades, Academias, Sociedades scientificas e a alguns sabios para se fazerem representar nas festas solemnes. A este convite corresponderam quasi todas as nações da Europa e até a America de Norte, reunindo-se 50 delegados, entre os quaes se encontravam as principaes summidades scientificas de diversos países. A Suecia, como era natural, tinha uma representação numerosa e distincta.

Para o brillantismo das festas até parece que a propria natureza quis concorrer, como prestando culto à memoria de quem tanto culto lhe tinha dedicado.

Um ceu limpo de nuvens, uma temperatura agradavel e a vegetação primaveral intensa davam à paisagem brilho notavel.

As grandes festas de Upsala e Stockolmo foram precedidas e seguidas doutras, por assim dizer, complementares. Deu principio às festas a Universidade de Lund, convidando os delegados para visitarem no dia 21 em Råshult a casa na qual tinha nascido Linneu.

No dia 23 teve logar a grande festa em Upsala, aonde um comboio especial conduziu a maior parte dos delegados que foram recebidos na estação do caminho de ferro pelos estudantes. Foi a primeira manifestação, e essa imponente, da grandeza e esplendôr das festas. A corporação dos estudantes, que tomou parte em todas as festas, sendo mesmo algumas realizadas exclusivamente por ella, apresentou-se soberba de aspecto e delicada pela forma como recebeu os hóspedes da Universidade.

Ao meio dia teve principio a sessão solemne na *aula* da Universidade.

Muito antes começaram a reunir-se no bello edificio universitario os delegados, professores, convidados e grande

numero de senhoras, sendo recebidos nos magnificos salões das faculdades. Á hora marcada todos se dirigiram para a *aula* em prestito, caminhando dous a dous. Cada delegado tinha um numero que lhe indicava o logar que devia occupar.

O aspecto da sala era deslumbrante; as galerias estavam completamente repletas de damas. A corporação dos estudantes lá estava com os seus ricos estandartes. Dessa corporação eram os *auxiliares* elegantemente vestidos com o bonnet branco caracteristico e com uma larga faixa com as côres nacionaes como distinctivo.

Durante a entrada uma orchestra magnifica executou uma marcha triumphal.

Os lugares, dispostos em amphitheatro ficaram todos occupados e depois de ter entrado o principe regente e pesseas da cõrte começou a sessão, recitando o reitor um discurso allusivo à vida e obras de Linneu e um outro em latim dirigido aos delegados estrangeiros.

Estes foram depois, seguindo a ordem das nações, dispostas por ordem alphabetica, dirigir felicitações ao reitor e entregar os diplomas, de que eram portadores (1).

Entre estes diversos actos a orchestra e bons cantores executaram musica excellente em parte composta expressamente para esta occasião.

Finda esta sessão, que durou umas quatro horas, fez-se a saida ao som da musica e seguiu-se a recepção dos delegados pelo principe regente no salão do chanceller.

Das quatro às seis horas da tarde foi a festa dos estudantes no jardim botânico com enorme concorrência, constando de musica e canto, no que os estudantes sam eximios. Era a *festa da primavera*, que todos os annos é celebrada nos fins de maio. O principe regente assistiu a esta festa.

Ao fim da tarde houve banquetes, offerecidos um pelo arcebispo e outro pelo reitor, numa das casas das nações, aos delegados e a outros convidados e ao qual assistiram 170 pessoas.

Á noute houve recepção no palacio da Universidade.

(1) No programma recommendava-se que os discursos não levassem mais de 3 minutos.

O dia 24 foi destinado para as promoções ao grau de doutor dos alumnos que tinham terminado o curso nas diferentes faculdades e de diversos delegados aos quaes o grau era conferido *honoris causa*. O dia official das promoções é o ultimo de maio. Neste anno anteciparam esta cerimonia por causa do bicentenario.

O dia das promoções é de grande gala em Upsala. Toda a cidade, que tem grande consideração pela sua Universidade, toma parte nas principaes ceremonias do dia. Uma salva de 21 tiros e o som do sino grande da Cathedral annunciam logo de manhã a toda a cidade que é chegada a occasião de coroar aquelles que por seus estudos adquiriram direito aos graus academicos.

Pouco depois das 11 horas da manhã começaram a reunir-se no grande atrio da Universidade as pessoas que deviam fazer parte do cortejo, seguindo ao meio dia para a cathedral, todos dous a dous, pela ordem seguinte: á frente o primeiro bedel, que corresponde ao nosso guarda-mór, depois a grande bandeira da brilhante corporação dos estudantes, que a ella se seguia em rigorosa fórma, disposta por nações, cada uma precedida pela sua bandeira: a seguir a pequena bandeira dos estudantes, depois os decanos (promotores) das diversas faculdades, philosophia, direito, medicina, seguidos pelos doutorandos e por ultimo o arcebispo (promotor em theologia) seguido pelos doutorandos nomeados por graça do Rei.

Seguiam-se os bedeis, a corporação universitaria, os membros doutras universidades, e de corporações scientificas, os proximos parentes dos doutorandos, os delegados estrangeiros, os delegados e convidados suecos, ministros, presidente, vice-presidente e delegados da camara (Riksdag) os cavalleiros da ordem dos Seraphins, militares de graduação superior, membros das camaras, auctoridades e corporações da cidade, ecclesiasticos, professores do lyceu e outros convidados.

Cada um destes grupos era precedido de dous commissarios.

O cortejo assim formado seguiu da Universidade para a cathedral por entre duas densas alas de povo.

A entrada na bella e ampla cathedral (*fig. 8*) de architectura

gothica, e na qual repousam os restos do sabio Linneu, fez-se ao som duma marcha triumphal magnificamente executada por uma grande e excellente orchestra. As pessoas que formaram o cortejo occuparam a nave central; as naves lateraes eram occupadas por grande numero de senhoras. Na parte correspondente à capella mór estava o estrado no qual eram dados os graus, ficando perto os logares destinados à familia real e ao chancellor.

Logo que as pessoas reaes tomaram seus logares o côro entoou cantos especiaes, admiravelmente executados, sendo a letra de V. Rydberg e a musica de J. A. Josephson. Parte



Fig. 8—Cathedral

deste canto é por assim dizer uma introdução á cerimonia das promoções, havendo partes especiaes, que sam cantadas antes de começar a promoção em cada uma das faculdades.

A promoção em cada faculdade era annunciada por um tiro de peça.

O decano respectivo tomava o seu logar, recitava um discurso appropriado.

O decano de Philosophia, que foi o ultimo, disse o seguinte:

I

Nomine ordinis ad hanc regiam academiam philosophorum primum vos affari juvat, senes venerandissimi, sacra semisaecularia

hodie facientes. Impense lætamur, vos tam frequentes huc convenisse.

Deinde me converto ad vos, celeberrimi viri, quibus dignitas philosophiæ doctorum mox deferetur. Quod honorem oblatum accipere dignamini, gratias vobis agimus sinceras. Sunt inter vos, qui ad memoriam Caroli Linnæi concelebrandam advenerunt et hæc sollemnia mirum in modum ornant.

Ad extremum vos adhortor et compello, philosophiæ licentiati, ad philosophicos honores nunc promovendi. Vobis, quorum eruditionis laces jam pretium meritorum desiderat, nunc licet ad lætissima præmia accedere.

Primum dabo lauream coronam ut signum veteris baccalau-reatus in philosophia gradus. Deinde annulum vobis tradam aureum, qui vobis in memoriam reducat, vos nunc cum scientia matrimonio quasi conjunctos esse. Denique publico diplomate vos a me creatos philosophiæ doctores, iis privilegiis, quæ huic gradui constitutiones regiæ adjungunt, ornatos testatum faciam.

Quod bonum felix faustumque sit!

II

EGO, TYCHO TULLBERG

ad hanc regiam academiam Zoologiæ professor regius et ordinarius; ordinis philosophorum hoc tempore decanus, eoque nomine legitime constitutus promotor, ipse philosophiæ doctor et artium liberalium magister, ratione muneris quod sustineo, et auctoritate qua polleo, nunc vos philosophiæ doctores et artium liberalium magistros creo, creatos renuntio, renuntiator promoveo; jam progredimini et vos, quibus post semisæculum itereum, et vos quibus honoris causa, et vos, quibus propter specimina rite peracta, laurea collata est, accedatis velim.

Salvete, philosophiæ doctores jubilares. Utinam hæc rediviva laurea canitiem vestram diu ornet in placida tranquilla que senectute.

Salvete, philosophiæ doctores honorarii, nunc cum hac alma litterarum universitate Upsaliensi artissimo vinculo in sempiternum conjuncti.

Salvete, ornatissimi juvenes, nunc philosophiæ doctores, quo nomine mihi primo compellari licet. Utinam hujus temporis memoria animis vestris semper obversetur

Valeatis!

Dixi.

Em seguida o secretario fazia a leitura dos nomes dos respectivos doutorandos, que depois iam sendo chamados por um auxiliar, que estava à direita do decano, indo cada um até este que lhe entregava o anel ⁽¹⁾, o chapéu e aos de philosophia a coroa de louros.

Ao passar em frente do secretario este entregava ao novo doutor a carta respectiva.

Foi longa esta cerimonia por que foi grande o numero de promoções. Na faculdade de Theologia foram 30 os graduados, na de Direito 1 ordinario e 7 honorarios; na de Medicina 1 ordinario e 24 honorarios; na de Philosophia 34 delegados estrangeiros e 22 suecos entre os quaes se contava o principe Eugenio da Suecia e a celebre litterata sueca Selma Lagerlöff e o grau de doutor ordinario a 24 estudantes suecos.

Terminadas as promoções o côro entoou o hymno de Luthero, que começa pelas palavras — *Vår Gud är oss enväldig borg*. — Todos se levantaram e todos os suecos, pois que todos sabem cantar, acompanharam o côro. Foi dum effeito verdadeiramente extraordinario. Tantas vozes enchiam a ampla cathedral dando ao acto um grau notabilissimo de gravidade e de respeito.

Terminado o canto o cortejo seguiu para a Universidade pela mesma ordem em que tinha vindo, ficando a corporação dos estudantes em frente da cathedral.

Depois de ter o cortejo dado entrada na Universidade teve logar a mais delicada e commovente cerimonia a que tenho assistido; foi, como já escreveu o sabio director do jardim de Kew — the most beautiful and impressive of the ceremonies of the Linnéfest —.

Consistiu nas felicitações dirigidas aos novos doutores pela corporação dos estudantes.

Para isso os novos doutores collocaram-se em frente da entrada nobre do palacio universitario. O quadro era magnifico. Via-se d'ahi a maior parte da cidade, a pequena distancia a cathedral, ao longe os montes, que Linneu tinha percorrido com seus discipulos, entre a cathedral e a Univer-

⁽¹⁾ O anel representa uma coroa de louros e tem gravado na face interior o nome do doutorado, a data da promoção e a indicação da faculdade.

sidade a estatua do grande historiador sueco Erik Geijér-cujo aspecto imponente parecia significar satisfação por ver sua patria tão grata à memoria de quem tanto tinha trabalhado, os pavilhões das nações representadas nas festas fluctuavam levemente agitados por ligeira viração e dos lados do caminho seguido pelo prestito todo o espaço era coberto de gente, por entre a qual os chapéus multicolores das senhoras davam ao conjuncto o aspecto dum grande jardim.

A corporação dos estudantes, que estava postada em frente da cathedral pôs-se com garbo militar, em marcha para a Universidade, todos os estudantes de gala e as estudantes vestidas de branco e com o bonnet característico. Era de bello effeito a faixa branca sinuosa, como o caminho que seguiam, produzida pela côr dos bonnets.

Subiram até ao penultimo patim do grande escadorio, os porta-bandeiras dispuseram-se dum e doutro lado desse patim e em seguida foi brilhantemente executado um cantic, findo o qual todos os estudantes se descobriram e um, adiantando-se um pouco, dirigiu aos novos doutores em nome de seus companheiros um discurso felicitando-os pela honra recebida. A esse discurso um dos novos doutores, — o principe Eugenio — respondeu nos termos seguintes :

«Estudantes de Upsala!

«Vindes trazer vossas saudações a todos os que hoje receberam o grau de doutor, uns representantes de diversas nações, outros nossos compatriotas. Muito reconhecidos todos nós estamos pela subida honra que nos conferiu a vossa antiga Universidade, tão cheia de tradições honrosas, e commove-nos e alegra-nos muito particularmente ver a mocidade academica sancionar e rebustecer essa honra.

«É sempre motivo de commoção, tanto para aquelles que já na tarde da vida ainda podem contemplar os que estam cheios de actividade, como para os que a meio caminho ainda teem força para trabalhar, ver a mocidade vir ao seu encontro. Por todos é amada a mocidade, tanto pelos que já a perderam, como por aquelles que a possuem ainda.

«Não me refiro á mocidade que se mede por annos e dias, mas sim ao sentimento especial da juventude, sentimento poderoso, que comprehende a belleza da vida, que tem fé

na possibilidade de se nobilitar, e no poder humano, que, apesar de limitado, pode imprimir á vida o cunho de sua originalidade.

«Este nosso dia de honra fica ligado de modo indissolúvel à memoria de Linneu, daquelle que mais que todos teve clara crença na vida, direito primacial da mocidade e que possuía o que a mocidade sempre tem — um pouco da alegria universal.

«Permanecerám eternamente fundidas numa harmonica visão a imagem de Linneu e a desse rancho de jovens, que neste lindo dia de primavera nos vêm apresentar sua saudação cordeal, pois creio bem que todos os que agora se desenvolvem e fortalecem na Suecia possuem um pouco da sã seriedade e sã alegria, que distinguiram Linneu, assim como desse claro optimismo, que, conhecendo a realidade, e, possuindo um amor quente e acrisolado por tudo que vive, se desenvolve e se renova — o que foi o sentimento fundamental do grande Linneu —, continúam cheios de fé trabalhando.

«Agradecemos-vos, pois, estudantes de Upsala, e significamo-vos nossa profunda gratidão; e todos fazemos votos pela felicidade da mocidade que agora com prazer vemos ao pé de nós, e tambem pela que está longe, e pela que de futuro virá a apparecer em toda a Suecia».

De novo os estudantes executaram outro canto, retirando-se em seguida pela mesma ordem por que tinham vindo, com todo o brilho duma corporação digna, optimamente educada.

Este notavel dia terminou com um grande banquete dado na *aula* ao qual assistiram 356 convivas, entre os quaes se encontravam os principes, e presidido pelo principe regente.

Foi grande a animação. As saúdes officiaes ao Rei, ao principe regente, aos convidados suecos, aos novos doutores e aos delegados estrangeiros foram sempre acompanhadas de cantos especiaes desempenhados pela orchestra. Todos sabem cantar e cantam bem e teem cantos especiaes para todas as scenas da vida!

Foram numerosas as saúdes particulares. Do sabio di-

rector do jardim botanico de Copenhague, o Dr. Warming, que estava longe de mim, recebi um cartão com o seguinte — «Bebo à sua saude, Senhor. Viva o Sr. Dr. Henriques» —. Uma saúde em portuguez e offerecida por tão distincta pessoa, foi-me extremamente agradável.

Á noute houve ainda na mesma sala um baile offerecido pelos estudantes. Para esse effeito todos os salões da Universidade estavam patentes e illuminados. Era enorme o numero de damas e de cavalheiros. Dansava-se na grande sala, cujas tribunas estavam cheias.

Aqui, como em todas as phases das festas, nas ruas, nos cafés, admirei a perfeita correcção dos estudantes, perfeitos homens de boa sociedade.

Assim terminaram estas inolvidaveis festas com as quaes Upsala e mais particularmente sua antiga Universidade celebraram a data memoravel do nascimento dum homem que pela sciencia occupou no mundo tão superior logar.

O dia 25 foi destinado para a celebração do bicentenario em Stockolmo.

De manhã e pouco depois de chegar a esta cidade teve logar a visita ao jardim botanico, a convite do sabio director o Dr. Wittrock. O comboio transportou a Frascati um grupo de delegados, que foram muito amavelmente recebidos pelo Dr. Wittrock, o qual apesar de sua pouca saúde, nos conduziu por todo o jardim.

A pequena jornada de Stockolmo até Frascati, passando-se perto da Escola agricola, fez-nos ver um pouco das visinhanças da cidade.

Ás 2 horas da tarde teve principio a sessão da Academia das sciencias no grande salão da Academia real da musica.

Á entrada do edificio estava postada a *guarda de Flora*, lindo grupo de meninas, cujos vestidos eram da côr da *Linnaea borealis*, com bastões enfeitados com verdura e que graciosamente cortejavam os convidados que passavam.

A sala estava ornada com flores e plantas, dentre um grupo das quaes sobresahia um busto do grande botanico.

Foi enorme a concorrência. Á sessão assistiram o principe regente, os principes Gustavo Adolpho, Carlos e Eugenio, as princessas Ingeborg e Theresa e o principe Bernardotte.

Á entrada das pessoas reaes a orchestra executou o hymno

real, que foi ouvido por todos em pé. Em seguida o conde de Morner, presidente da Academia, tomou o seu lugar e leu



Fig. 9. — Medalha do bicentenario (anverso)

um discurso saudando os delegados, lastimando que a doença impedisse o rei de assistir às festas e agradecendo aos representantes dos poderes constituídos o interesse que sempre tem manifestado pelos progressos da sciencia e a seguir á execução primorosa duma composição musical, recitando um outro discurso sobre a vida e trabalhos scientificos de Linneu, fazendo salientar os meritos de naturalista e do medico, mostrando como elle previu, por assim dizer, as descobertas dos fins do seculo passado, referentes às fermentações e à origem microbiana de varias doenças.

Ao findar annunciou que a Academia tinha conferido a grande medalha de ouro do bicentenario ao sabio botanico inglês Sir J. Dalton Hooker, bem merecida distincção para quem na sua já muito longa vida tem mostradq grandissimo valor, como botanico. Infelizmente Sir Hooker não estava presente. A todos seria bem agradavel vê-lo ali para poderem significar-lhe a alta consideração, que a todos merece.

O programma seguido foi em tudo igual ao de Upsala.

Ao fim da tarde teve logar o banquete offerecido pela Academia, no qual tomaram parte 306 convivas com a assis-

tencia da familia real: nessa occasião foi offerecida aos convivas uma bella medalha commemorativa (*fig. 9*).



Fig. 9. — Medalha do bicentenario (reverso)

Ao terminar o jantar os estudantes saudaram os convivas e todos seguiram para o Skanzen, lindo parque, que se achava illuminado e onde houve dansas até tarde.

No dia 26 muitos delegados foram a Hammarby, antiga propriedade de Linneu (*fig. 10*) e na qual se conserva a casa



Fig 10. — Hammarby

do sabio, o jardim e dependencias. Na casa ha um pequeno museu formado com os objectos de uso do grande botanico. Tudo ahi é conservado com maximo cuidado, tal é o respeito pela memoria do antigo proprietario.

Á tarde houve um chá e musica nos jardins e atrio do palacio real, offerecido pelo principe regente com grande concorrencia de cavalheiros e damas, dispensando os principes amaveis attenções a todos.

Esta serie de festas, quasi ininterrupta, foi encerrada pelo professor Jacob Eriksson com um almoço offerecido no Skanzen aos delegados botanicos. Esse almoço foi servido no Hoganloft, uma das curiosas construcções deste curiosissimo parque e que corresponde a uma das formas da architectura do norte da Suecia. O serviço foi feito por lindas raparigas da Dalicarlia com seus elegantes vestidos; a musica era tambem executada por individuos do norte em curiosos instrumentos.

Ao almoço não faltaram senhoras e entre todos os convivas reinou a mais alegre harmonia, sendo para todos de grande amabilidade o professor Erieksson. As saúdes foram feitas em muitas linguas sendo a ultima a do professor Borodin em russo. Estou bem certo de que em todos os convivas a recordação desta reunião da familia botanica será perduravel.

Á noute tomei o comboio, que devia conduzir-me a Trelleborg para seguir para Berlim.

*

A estação do anno na qual fiz a rapida viagem nos países do norte foi optima. Começava lá a primavera e a vegetação apresentava-se já esplendida. Os campos, as florestas e os jardins offereciam magnifico aspecto e muito motivo dariam para interessante estudo, se para isso houvesse possibilidade de dispôr do tempo necessario.

Era tentadôr o aspecto dos campos da Dinamarca e da Hollanda com as lindas habitações dos lavradores e com o gado que nelles pastava. Seria interessante o estudo da vida agricola destas regiões, mas o tempo era curto e o comboio corria rapido.

Em Hamburgo, Copenhague, Stockolmo, Upsala, Berlim, Amsterdam, Bruxelas e Paris fiz pequenas paragens e pouco mais vi além dos jardins botanicos e da vegetação das visinhanças d'algumas dessas cidades.

Em todas estas localidades o culto das plantas e especialmente das arvores é geral. Por toda a parte relvas viçosas e de um verde brilhante cobrem a terra. Arvores magnificas bem tratadas, respeitadas como entidades uteis, expandem-se livremente e por toda a parte se manifesta igualmente a protecção às pequenas aves, auxiliares poderosas do lavrador. Nos jardins e nas florestas encontram-se pequenas caixas bem dispostas para nellas as avesinhas encontrarem abrigo para si e para a sua prole. Por isso quando em qualquer restaurante ou em qualquer parque o visitante toma uma refeição ao ar livre, essas avesinhas, familiarizadas com os homens, são seus commensaes.

O respeito pelas plantas e pelos animaes é geral. Nos jardins e nos passeios publicos ninguem toca numa planta. Uma fina cadeia, ou mesmo uma delgada corda marca o logar ou caminho reservado e ninguem deixa de respeitar taes signaes. Em mais dum passeio vi grandes grupos de creanças, guiados por senhoras ou por homens, correr alegres e admirar as flores, mas sem que cortassem uma só. Tal é o grau de educação dos que frequentam estes logares de estudo ou de recreio, que até quasi nem guardas serão necessarios. Se os ha, não cheguei a vê-los. Nas visinhanças de Hamburgo, guiado pelo professor Zacharias, actual director do jardim botanico, tive occasião de ver esplendidos exemplares de carvalhos, e em numero consideravel.

De Copenhague a Stocholmo a paisagem é pouco variada. Florestas de abetos, de faias e tambem de vidoeiros cortam donde a onde as extensas planicies e os lagos numerosos. Em volta das cidades a paisagem é bella e a vegetação arboorea vigorosa. O mesmo se observa nas visinhanças de Upsala.

Os jardins de Hamburgo, Copenhague, Stockolmo, Berlim sam grandes sob todos os pontos de vista; menores os de Upsala e Bruxellas. Com pesar deixei de visitar o de Amsterdam, pois estava fechado por ser domingo o dia que passei nessa cidade.

Em todos elles ha similhaça na disposiçaõ das culturas e pode dizer-se que predominam duas formas especiaes, que teem por fim mostrar o caracter botanico das diversas regiões da terra, e as diversas adaptações da organizaçaõ das plantas aos meios que as cercam.

Sam meios excellentes para a comprehensãõ da organizaçaõ e vida das plantas.

Os jardins de Hamburgo, Copenhague, Stockolmo e Berlim sam grandes parques, perfectamente arruados, muito bem arborizados e com abundancia d'agua. As arvores estam dispostas methodicamente de modo a servir tanto para estudo, como para recreio.

As plantações systematicas sam dispostas em logares apropriados, encontrando-se ahi as plantas por familias e tambem segundo os usos ou applicações que podem ter.

O jardim de Hamburgo (*fig. 11*) está situado nas visinhan-



Fig. 11—Plano do jardim de Hamburgo

ças da cidade e occupa uma área de 9,4 hectares sendo o terreno accidentado com um grande lago na parte mais baixa. Na parte mais alta estam as plantações systematicas, ecologicas,

de plantas uteis, as estufas e as casas de habitação de alguns empregados, bem como as repartições da administração, laboratorios, salas de cursos ou de conferencias.

Estas edificações, bastante modestas serão em breve substituídas por um grande e bello edificio, que agora deve estar terminado e no qual ha tudo quanto é para desejar nesse estabelecimento de primeira ordem.

Tive a felicidade de visitar o jardim na companhia dum dos botanicos que fazem parte da administração e pude ver e admirar a riqueza e boa disposição de tudo. Começava-se então a formar grupos geographicos, expondo ao ar livre plantas, que até este tempo eram conservadas nas estufas. Esses grupos eram muito instructivos.

O jardim tem um director, que actualmente é o Dr. E. Zacharias, botanico muito distincto; um inspector, dous ajudantes chefes, 6 ajudantes subalternos e 27 trabalhadores. O orçamento para o anno de 1801 foi de 62.974 marcos (mais de 15 contos).

Para dar ideia da utilidade do jardim bastará indicar o numero de plantas fornecido às escolas da cidade, a particulares e a outros jardins; esse numero em 1904 foi de 675.166 exemplares e em 1905 de 679.055.

O museu botanico está na cidade num edificio, que apesar de grande, mal comporta tudo quanto faz parte desse museu. Tudo deve passar, se não passou já, para o novo edificio construído no jardim botanico e ao qual já alludi.

Foi o director do museu, o Dr. A. Voigt, quem com maxima amabilidade me mostrou todas as partes do museu, que é riquissimo, tendo collecções preciosas muito especialmente de plantas uteis, taes como a canna de assucar, tabacos, cacau, café, etc. É extremamente instructiva a visita a estes estabelecimentos.

Annexa ao museu está a repartição de exame de sementes e de fructos, tendente a evitar as fraudes e a obstar à importação de germens de molestias das plantas. Estas repartições executam um grande trabalho e prestam revelantes serviços.

Além do director do jardim botanico o museu tem um director especial, 2 naturalistas adjunctos, 2 ajudantes, 1 preparador, 2 guardas e 3 empregados para a conservação e limpeza das collecções.

O orçamento para 1901 foi de 65.710 marcos (16 contos de réis aproximadamente).

O numero de exames de sementes a que aqui se tem procedido desde 1891 até 1901 foi de 9.906. Egualmente os exames de fructos frescos e seccos foi enorme. Bastará dizer-se que de 1899 a 1900, foram feitos 418.452 exames.

Este serviço, hoje adoptado em muitas nações, é de primeira utilidade.

O jardim botanico de Copenhague, dirigido actualmente pelo sabio botanico Dr. Eugenio Warming, offerece grande interesse.

As familias das plantas estam dispostas em grupos e associadas por forma que é facil reconhecer o grau de parentesco que entre elles ha. A parte mais interessante é porém constituida pelos grupos biologicos, que dam a conhecer as formas vegetaes, as modificações, que o meio, a cultura, os processos de fecundação nellas podem ter produzido. Tudo quanto se refere à constituição e vida das plantas está representado por variados exemplares. Parte destes grupos sam representados por plantas cultivadas nas estufas. Natural era que esta disposição fosse tão completa, tendo sido o Dr. Warming quem primeiro fez considerar a parte biologica como fundamento da geographia botanica.

Percorri todo o jardim na companhia do bem conhecido professor francês Mangin e guiado pelo Sr. W. Johannsen, que occupa como botanico um dos primeiros logares no jardim.

O museu botanico occupa um grande edificio; noutros edificios estam os laboratorios, e algumas estufas conteem numerosas plantas, perfeitamente tratadas.

Este grande estabelecimento botanico tem tres secções distinctas, — o jardim, — a bibliotheca, museu e herbario, e — o laboratorio de anatomia e physiologia.

Em cada uma destas secções ha pessoal numeroso e convenientemente habilitado.

Cada secção tem dotação especial sendo a do jardim de 3.666 coroas para expediente e de 11.600 coroas para ordenados; a da bibliotheca, museu e herbario de 3.900 coroas para expediente 8.600 coroas para ordenados, e a do laboratorio de 5.230 coroas para expediente e de 4.000 coroas para ordena-

dos, ao todo 71.090 coroas, correspondente aproximadamente a 16.000\$000 réis da nossa moeda.

O jardim de Stöckolmo de amplas dimensões, muito accidentado, tem formas e aspectos variados e está numa situação lindíssima, quasi cercado pelo grande lago Maelar. Se o jardim em si é bello, a paisagem que o cerca não é menos interessante.

Como nos jardins, aos quaes me tenho referido, as diversas especies estão distribuídas em grupos que mostram a natureza, affinidades e distribuição geographica dellas.

Parte do terreno, e não pequena é destinada a culturas experimentaes para o que ha disposições particulares bem combinadas. Citarei a parte reservada para verificar se para a fecundação de certas plantas se torna necessaria a acção dos insectos. As plantas sujeitas à experiencia sam cultivadas numa especie de grande gruta fechada por uma rede de arame de malha estreita, que impede a entrada de qualquer insecto. Entre outras cousas interessantes vê-se no jardim o corte duma turfeira, que dá a conhecer o modo de formação e as plantas que nella entram.

O Dr. Wittrock, actual director, foi nosso guia amavel, chamando a attenção para tudo quanto a merecia e em especial para os vegetaes modificados pelo meio, sobre o que ali se tem feito estudos de valor.

Ao meio do jardim e numa das partes mais altas está a casa de habitação do director. Ahi se encontra talvez a maior collecção de retratos de botanicos, mas nenhum portuguez. Essa falta está preenchida já.

No mesmo edificio está religiosamente conservada a mobilia de que usava Peter Bergius fundador do jardim.

Os trabalhos executados pelo pessoal do jardim e por botanicos suecos sam publicados nas —*Acta Horti Bergiani*, de que ha já quatro volumes luxuosamente impressos e contendo escriptos muito importantes.

Em Stockolmo, a convite do professor Nathorst, tive occasião de ver o museu de paleontologia vegetal, organizado por este sabio paleontologista. É riquissima esta collecção encontrando-se nella exemplares admiraveis.

Mostrou-me o professor Nathorst magnificas preparações microscopicas de diversos fosseis vegetaes, bem como os

resultados de experiencias por elle realizadas para a interpretação de variadas impressões encontradas em varios terrenos e que por muitos sam consideradas como representantes de vegetaes e que o professor Nathorst considera como sendo produzidas pela acção de animaes, ou por outros agentes.

Sam muito curiosos e instructivos os exemplares resultantes dessas experiencias.

O primitivo jardim botanico de Upsala creado em 1655 por Olof Rudbeck e no qual Linneu fez seus profundos estudos, estava e é conservado ainda dentro da cidade. Depois da morte do grande botanico foi estabelecido o actual jardim, em 1807, nos terrenos pertencentes ao antigo palacio real.

É um terreno de forma quadrangular tendo 460^m de comprimento por 170^m de largo e sensivelmente plano, todo dividido em canteiros mais ou menos regulares, nos quaes estam dispostas as plantas por familias. Ha nelle, como tambem no do Stockolmo, abrigos interessantes formados por massiços de abetos, tratados como o buxo nos nossos antigos jardins (*fig. 12*).

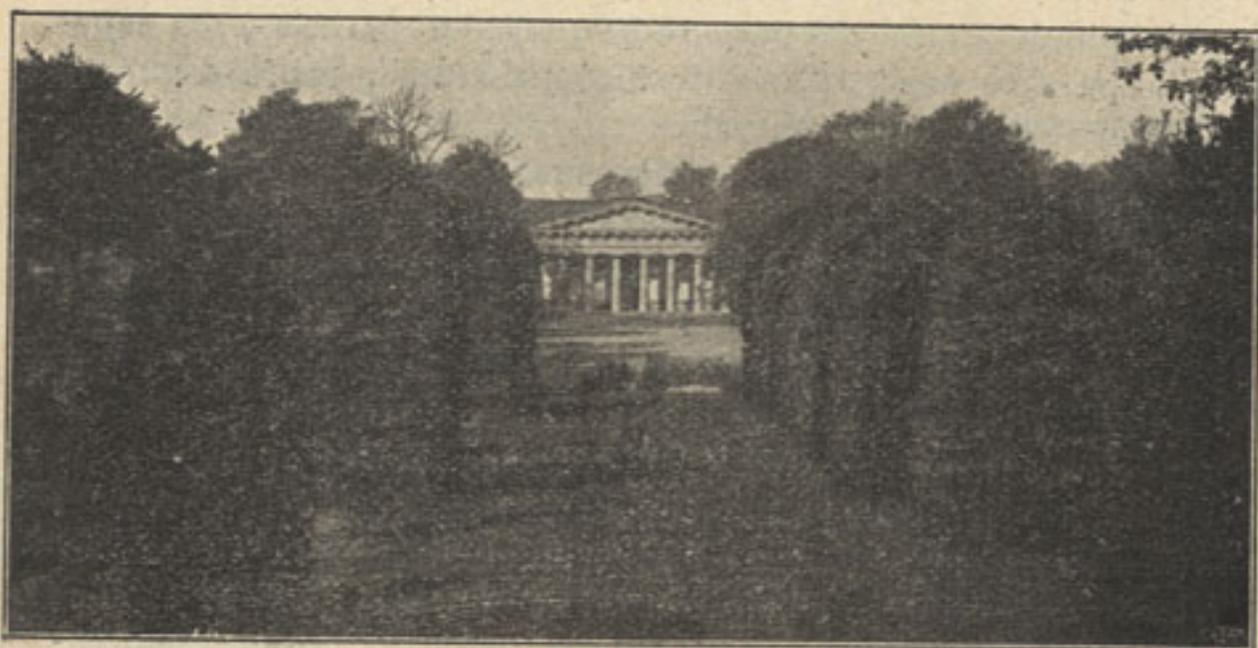


Fig. 12 — Jardim botanico

Quasi a meio do jardim ha um grande edificio (*fig. 13*) no qual estam as collecções botanicas, que sam muito importantes, laboratorios, sala para os cursos, etc.

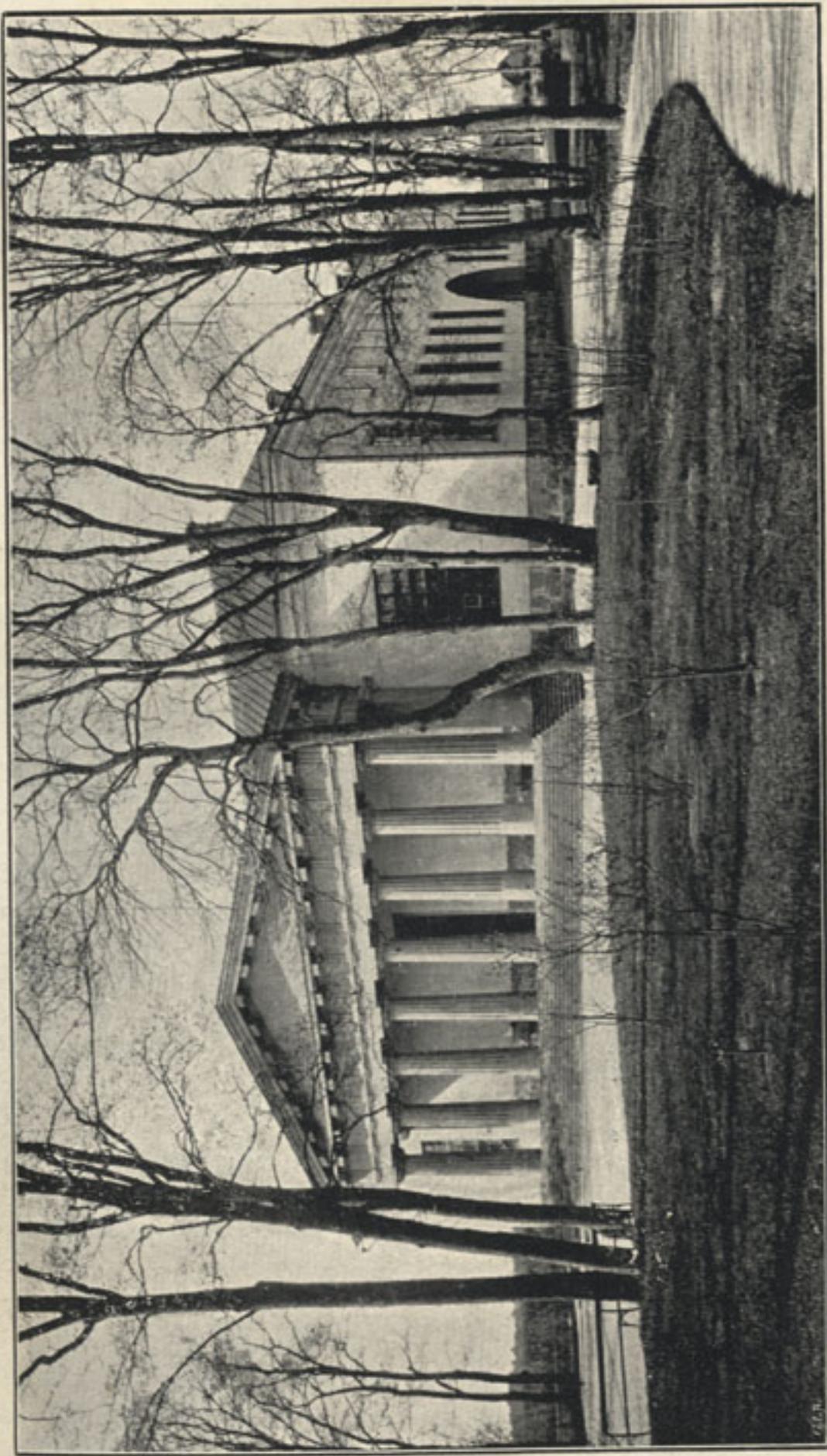
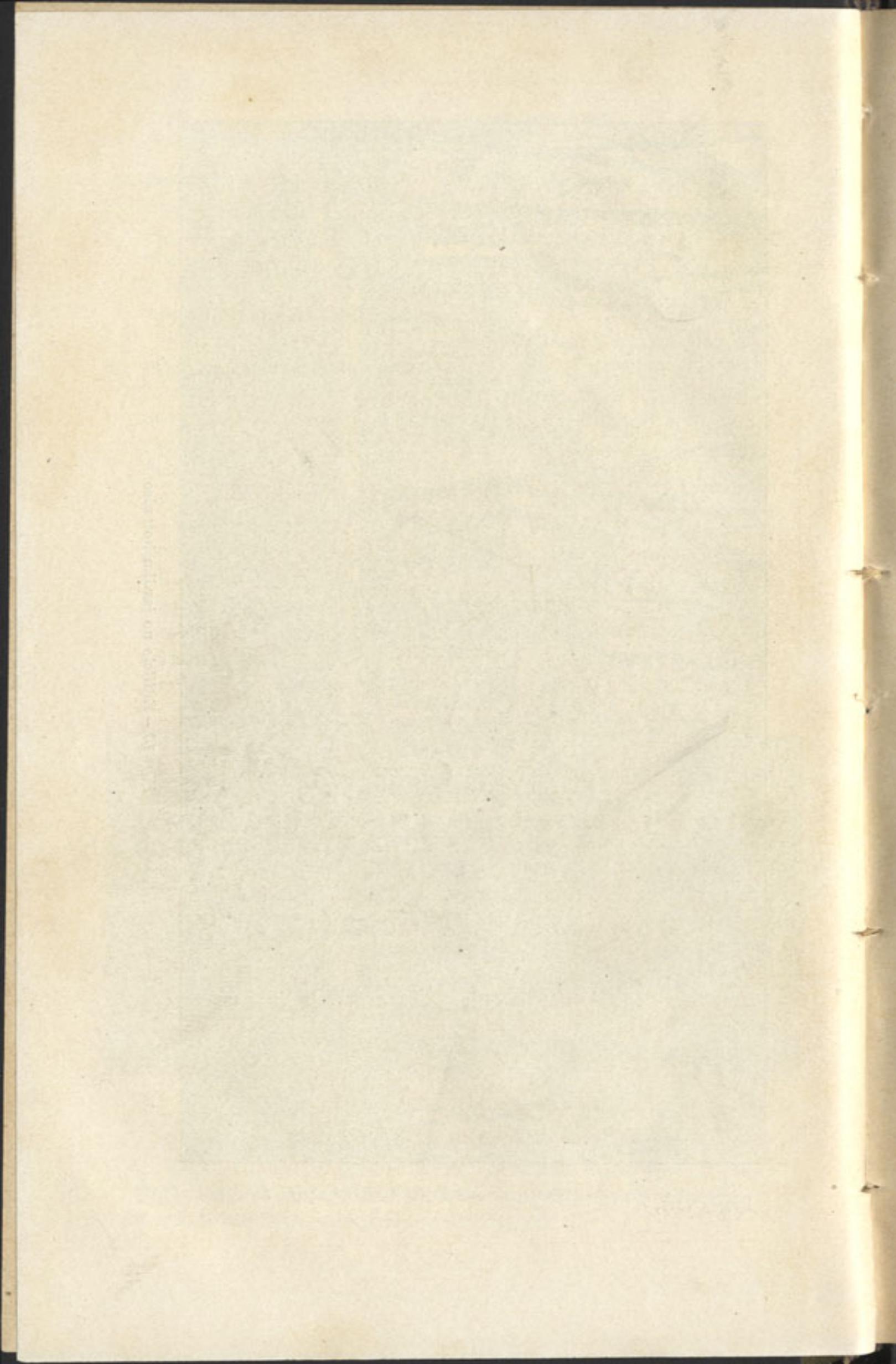


Fig. 13 — Edifício no jardim botânico



O vestibulo deste edificio, denominado—salla de Linneu—contem parte do museu botanico e no logar de honra está uma estatua em marmore de Linneu, executada por Byström e offerecida pelos estudantes, como já indiquei. Bustos doutros botanicos suecos estam dispostos nesta salla.

Este jardim é disposto quasi pelo antigo modelo e differe quasi por completo dos jardins modernos.

O novo jardim botanico de Berlim (*fig. 14*), situado em

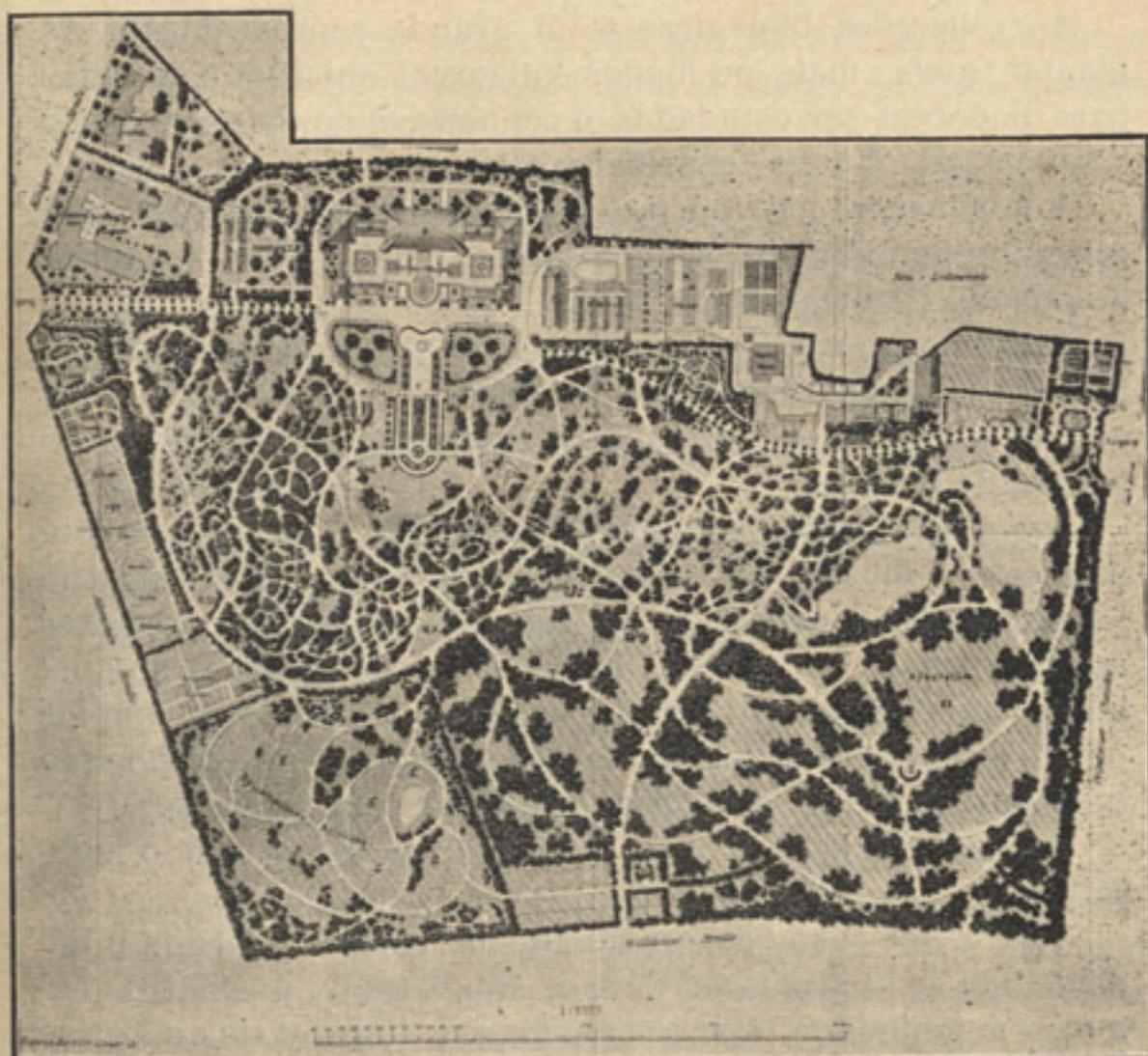


Fig. 14.—Plano do jardim de Berlim

Dahlem, a distancia da cidade, em substituição do antigo jardim, que situado no interior da cidade não tinha capacidade sufficiente, nem mesmo condições favoraveis para a vegetação, não está ainda terminado, mas num grau consideravel de adiantamento.

O jardim tem aproximadamente 37 hectares. As estufas sam numerosas e uma de grandes dimensões.

Grande parte do jardim é occupada pelas collecções de arvores (*arboretum*) agrupadas segundo as regiões botanicas.

Esta collecção é já muito importante. A distribuição geographica das plantas está bem organizada, havendo até uma curiosa disposição para representar as principaes montanhas de terra, tendo ahi a alturas diversas plantas proprias de diversas altitudes.

As collecções biologicas teem grande representação. As plantas uteis, mais ou menos vulgares, ahi sam cultivadas para poderem ser estudadas e conhecidas de todos. A parte *systematica* é muito consideravel.

A jardinagem não foi posta de parte, pelo contrario tem certo desenvolvimento, sendo representados os diversos typos de jardins (italiano, francês, etc.).

Junto do jardim biologico encontra-se um modesto monumento com o busto do sabio botanico A. Braun erigido pelos amigos e discipulos do que tinha sido professor e director do jardim de Berlim.

Junto do jardim está um grande edificio no qual se está dispondo o museu em sallas proprias, onde está o herbario já extraordinariamente rico, contendo collecções preciosas entre os quaes se conta o herbario de Wildnow, e no qual ha sallas para os cursos de botanica e gabinetes amplos para o pessoal scientifico numeroso, que tem à sua disposição tudo quanto é necessario para trabalhar com proveito.

No mesmo jardim teem habitação o director e o sub-director.

Tive a boa sorte de ser guiado na visita ao jardim e dependencia pelo professor Urban, subdirector, que foi de extrema amabilidade. Por circunstancias imprevistas não tive occasião de me encontrar com o sabio director Dr. A. Engler, auctor e factor do progresso deste jardim, que em pouco tempo será de certo o primeiro da Europa.

O numeroso pessoal ⁽¹⁾ scientifico do jardim é de grande

(1) Um director, sub-director, três empregados superiores do jardim, um inspector, dous jardineiros principaes, tres auxiliares, seis empregados superiores do museu, tres assistentes e um collaborador.

actividade, sendo aquella que mais tem produzido nos ultimos tempos. Seria longa a enumeração das publicações feitas, sendo as seguintes as principaes: *Notizblatt der Königl botanisches Gartens und Museums zu Berlim*; *Botanische Jahrbücher*; *Die Pflanzenfamilien*; *Das Pflanzenreich*.

O jardim, além da parte scientifica, tem uma parte utilitaria importante, pois é d'elle que sahem para as colonias allemãs plantas, sementes, conselhos e mesmo pessoal dirigente.

Senti não poder demorar-me em Berlim para melhor e mais detidamente instruir-me com o exame de tudo quanto este jardim offerece aos estudiosos.

Bruxellas tem um jardim botanico relativamente pequeno, mas muito elegante e instructivo.

Tinha-o visitado em 1878. Agora encontrei-o profundamente modificado. Datam essas modificações de 1902. O jardim, dirigido pelo professor Th. Durand, comprehende quatro secções:

I secção dos herbarios, tendo por conservador o Dr. E. de Willdeman;

II secção dos museus e de paleontologia vegetal, tendo por conservador o Sr. Ch. Bommer;

III secção experimental e colonial, tendo por conservador o Sr. Ch. Bommer;

IV secção das cryptogamicas (Bryophyta e Thallophyta) tendo por conservador o Sr. M. P. Nipels.

Além do pessoal destas secções ha dous chefes de cultura e um empregado auxiliar. Na primeira secção entram as estufas; na terceira as escolas e as estufas frias. A secção dos herbarios comprehende quatro secções, que em 1902 eram assim formadas:

- | | | | |
|----|--------------------------|----------|----------------------|
| 1. | Herbario geral | (240.000 | folhas de herbario). |
| 2. | » da Europa | (30.000 | » ») |
| 3. | » da Belgica | (26.000 | » «) |
| 4. | » da Africa tropical (| 18.000 | » ») |

As estufas quentes, que entram nesta secção, sam muito interessantes, sendo a maior, que contém palmeiras e fetos arborescentes magnificos, muito artistica. Uma outra estufa,

em que é cultivada a *Victoria regia*, tem optima vegetação. Já por ocasião da minha visita a *Victoria* começava a expandir as suas folhas gigantescas.

A secção dos museus, ainda não completa, é ja interessantissima e instructiva. O museu florestal, que se encontra na primeira sala, dá muitos elementos para o conhecimento das essencias florestaes belgas, da pathologia, da technologia e do commercio das madeiras.

Amostras de madeiras, indicação do crescimento e cubagem das essencias vegetoes, photographias mostrando a estructura fornecem aos visitantes noções muito variadas.

No jardim e nas estufas, optimamente tratadas, ha plantas numerosas e de valor, perfeitamente dispostas methodicamente, havendo em parte do jardim collecções ecologicas e phylogenicis muito consideraveis.

Uma novidade ahi se encontra, que consiste na cultura das bryophytas, já representadas por bastantes hepaticas e musgos, havendo para isso pequenas estufas convenientemente adaptadas. Para maior utilidade dos visitantes estam publicadas guias muito completas, com as quaes o jardim pode ser visitado com proveito.

A direcção do jardim publica um Boletim e ao pessoal scientifico do mesmo jardim é devida quasi exclusivamente a publicação dos *Annales du Musée du Congo*, bem como doutros escriptos sobre plantas tropicaes.

Na minha rapida passagem por Paris tive apenas occasião de cumprimentar os sabios professores Van Tieghem Constantin e Gravier, do Museu e de visitar o jardim colonial de Nogent-sur-Marne. A visita foi curta porque o tempo estava mau. O jardim é novo ainda e as plantas estam ainda mal desenvolvidas. Duas estufas, offerecidas uma pelo Sr. G. Meunier destinada ao estudo do cacaeiro, e outra pelo Sr. Hamelle para o estudo de cafeseiro conteem bastantes plantas interessantes.

O jardim tem um museu de productos e objectos coloniaes muito curioso e muito elegante.

Este jardim é destinado a fornecer plantas, sementes e instrucções ás colonias francesas e apesar de novo tem já feito larga distribuição de plantas uteis tanto para as colo-

nias, como para diversas escolas, onde teem servido para lições de botanica.

Na occasião da minha visita havia uma exposição colonial, podendo ver-se indigenas das diversas colonias mostrando o seu modo de viver, os seus animaes, etc. Era muito interessante. A chuva impertinente mal deixava examinar essas pequenas colonias.

*

Além dos estabelecimentos scientificos, que directamente me interessavam, muito havia que observar nas cidades que visitei. Tudo quanto se referia ao movimento commercial em Hamburgo era digno de exame. Para dar tal qual ideia desse movimento basta ver o que se passa no porto e na Bolsa.

Nesta cidade é digno de ver-se o jardim zoologico, muito rico, e é magnifico o aspecto do grande lago Alster cortado em todos os sentidos por barcos de todas as formas.

Alli vi o enorme monumento erigido em honra do chanceler de ferro, cuja estatua rigida e secca deve representar bem o character de Bismark.

Em Copenhague pude visitar dous museus de bellas artes de grande merecimento, o *museu Thorvaldsen* e a *Glyptotheca moderna*.

O primeiro é quasi destinado a guardar as preciosas obras do esculptor dinamarquês Thorvaldsen. É enorme a quantidade de obras executadas por este grande artista, que no seu tempo passou por ser o primeiro esculptor da Europa.

Duma dellas, — a idade do amor — executada durante o tempo que elle passou na Italia, conta-se que o papa vendo-a, ficou tão impressionado que até ao retirar-se deixou de dar a benção ao esculptor, como costumava.

A *Glyptotheca moderna*, organizada por M. C. Jacobsen, é um palacio rico sob todos os pontos de vista e perfeitamente adaptado ao fim para que é destinado. Contém obras d'arte, principalmente esculptura, de todas as epocas da historia da humanidade, começando na idade da pedra até ás obras de esculptura da epoca actual.

No domingo do Espirito Santo depois da visita ao jardim botânico, dei um bello passeio com o professor Mangin no Dysekane, grande floresta nas proximidades da cidade. Era nesse dia enormissima a concorrência, uma verdadeira festa da primavera, que ahi começava então. As faias estavam admiraveis com as folhas primaveraes. Todos se adornavam com ramos dessas arvores e com flores de primaveras, que por toda a parte se encontravam. Os carros, as bycicletas e automoveis eram enfeitados com ramos de faias. Ahi ouvi pela primeira vez o canto dos estudantes, que num grande grupo divagavam pela floresta.

No caminho para a cidade encontram-se lindas habitações com jardins e as casas, ainda as mais modestas, todas eram ornadas com plantas.

É notavel o vigor da vegetação quasi até junto do mar.

Em Stockolmo é digno de ver-se o museu nacional creado por Gustavo III. Tem tres secções, uma de pintura e esculptura, outra de desenhos e gravuras e outra de industrias artisticas.

Esta ultima, muito notavel, tem 10.700 objectos. No museu ha uma collecção importante de objectos do uso de Linneu.

A media dos visitantes por anno regula por 160.000.

O museu biologico, collocado já fóra da cidade e perto do jardim zoologico, é muito digno de ser visitado. Neste museu procurou-se representar variados animaes nas diversas manifestações do seu modo de viver e conseguiu-se isso com grande perfeição.

Outro museu muito interessante é o *museu do norte* (Nordiska Museet) com o seu complemento o — *Skansen*.

O novo edificio está concluído, mas as collecções ainda não estam todas dispostas de modo a ser visitado.

Os objectos contidos neste museu representam a ethmographia e bem assim a archeologia do norte. Para se fazer ideia da riqueza destas collecções bastará dizer-se que em 1900 o catalogo geral continha 84.000 numeros, (muitos delles com consideravel numero de objectos). Uma boa bibliotheca, arquivos, gravuras e retratos (desta mais de 25.000 folhas), moedas, estampilhas, etc., dam a este estabelecimento grande valor para se poder fazer ideia da historia, costumes, e artes dos povos de que ali ha representação.

O *Skansen* é o mais curioso complemento do museu do norte. É uma parte do grande parque, no qual está o jardim zoologico. Encontra-se alli representação de modelos diversos de architectura do norte. Ha casas completas com mobiliario e algumas até com habitantes. É, entre outras, o que se observa com relação à Laponia, que é representada por uma cabana na qual habita uma pequena familia com os seus cães, etc.

A *Oktorp-sgården* é curiosissima. Comprehende tudo quanto faz parte dum casal de lavradores. Em volta dum pateo estão dispostos os curraes, as casas de arrecadação dos fenos, dos cereaes, e a casa de habitação com tudo quanto numa casa se torna necessario.

Outras ha semelhantes, tal como a *Bollnässtugan*, na qual até as mesas de jantar estão dispostas, como se habitantes tivessem de ali se alimentar.

Além dos edificios diversos ha lapides numerosas, amostras de rochas do norte, animaes, etc.

Difficil seria dar ideia completa deste tão original como curioso museu ao ar livre. Bastará dizer que o catalogo contém 92 numeros, em muitos dos quaes sam comprehendidos objectos muito variados.

O *museu do norte* e o *Skansen* sam devidos ao genio imprehendedor e activo de Artur Hazelius, que em 1872 começou a colleccionar objectos, com os quaes já em 1873 pôde formar uma das secções do museu, que denominou *Collecção ethnographica da Scandinavia*.

O *Skansen* foi começado em 1891 sendo tudo devido à grande actividade de Hazelius, que encontrou auxilio official e particular, sem o que as suas creações não poderiam atingir o grau de desenvolvimento a que tem chegado.

Hazelius tem a sua sepultura neste curioso parque e nem podia ser collocado em sitio mas apropriado.

O ultimo museu que pude visitar foi o de Amsterdam, repleto de obras primas, especialmente em pintura, contendo os melhores quadros da escola hollandêsa, muitos de Rembrandt, entre outras a celebre — *ronda nocturna* —.

O catalogo contém 2.991 numeros, alguns com mais dum quadro. O dia passado em Amsterdam, quasi sempre com chuva, mal me permittiu ver o jardim zoologico, bastante rico tendo annexo um museu, no qual ha grande numero de

produções marinhas muito perfeitas e notaveis, e um aquario muito completo e interessante.

A cidade é linda com largas ruas optimamente arborizadas e atravessadas por largos canaes. Senti não poder visitar o jardim botanico no qual o actual director e distincto botanico H. de Vries tão curiosas experiencias tem feito sobre as transformações que as plantas podem apresentar e que tantos e tão valiosos elementos tem fornecido para o estudo das origens das especies vegetaes.

Não terminarei esta curta noticia sem me referir a dous cavalheiros que me prestaram atenções e serviços, que nunca esquecerei. Em Stockolmo obsequiou-me extraordinariamente o Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio de Castro Feijó, ministro de Portugal na Suecia. Em Paris prestou-me os melhores serviços o Ex.^{mo} Sr. Almada Nepreiros, o colonial distincto, ao qual Portugal deve serviços importantes.

Cantata executada na promoção dos doutores
na cathedral de Upsala (1)

Des temps voilés par la nuit
Vers un but caché à tes regards,
O humanité, tu t'avances
Durant des siècles sur ton sentier dans le désert.
Ton jour n'est qu'un rayon
Qui luit pâle et terne :
Vois, au-delà est la brume
Et derrière, la nuit !
Et les générations, dont tu fais partie,
Dans le désert succombent,
Et tremblant tu demandes :
Tout-Puissant, où mène ma route.

(1) Traducção do sueco.

Ce que nous voyons sur la terre révèle
Que tout ici-bas a une fin ;
Et lorsque vers le ciel s'élève
Ton regard investigateur, tu y découvres
Que les courses du soleil sont bornées
Et que des mondes sombrent
Et que des systèmes d'étoiles s'éteignent
Dans l'océan profond de l'éther.
Tu entends des voix s'écrier :
Tout passe,
Et le temps et l'espace
Sont une sombre prison sans fin.

Et cependant, si tu t'es abîmé dans le doute
Et t'es attardé sur la route, plongé dans de sombres pensées,
Tu reprends ta bannière
Et la portes résolument à travers le désert.
Que faut-il de plus, si le regard investigateur voit
Comme du firmament des milliers de soleils sont balayés ?
Quoi de plus, si des moissons d'étoiles sont fauchées
Comme des épis d'or par la faux du temps ?
Ce que tu as pensé de juste, ce que tu veux dans ton amour,
Ce que tu as rêvé de beau ne peut être détruit par le temps,
C'est une moisson qu'il ne peut atteindre,
Car elle appartient au règne de l'éternité.
Avance, humanité ! Sois joyeuse, aie bon courage,
Car tu portes l'éternité en ton sein !

Toute âme qui est embrasée
Pour ce qui est noble et vrai
Porte au fond et sent
Le gage de l'éternité.
Si ce qui est égoïste est oublié,
Si en toi l'image de Dieu
Devient plus pure
De génération en génération,
Tu atteindras enfin le Jourdain
Quelque long que soit le désert !

Si ce qui est égoïste est oublié,
 Si en toi l'image de Dieu
 Devient plus pure,
 De génération en génération,
 Tu atteindras enfin le Jourdain,
 Quelque long que soit le désert !

Theologia

(Exod. 17. 1 Kor. 10: 4.)

Doutes-tu que dans le lointain un pays de promesse t'attend ?
 Es-tu dévoré de soif et t'affaisses-tu sans espoir dans le sable
 brûlant ?

Vois, la verge de Moïse fait jaillir l'eau du rocher !
 En avant donc à travers le désert, Israël de l'humanité !
 Tu as encore la verge qui ouvre la source sacrée où elle frappe ;
 Le rocher — ô céleste miracle ! — te suit partout où tu diriges
 tes pas.

Agenouille-toi à son courant, sens comme son onde pure
 Te rafraîchit et t'anime de nouvelles forces pour poursuivre ta
 course !

Jurisprudentia

(Exod. 19.)

Ainsi que des nuages de poussière tourbillonnent, soulevés par le
 vent brûlant du désert,

Tel marche encore Israël depuis Horeb en troupes éparses.
 Ce peuple peut-il atteindre le Jourdain, quand l'ordre n'y règne
 point ?

Voici, vers le ciel se dresse alors le Sinaï d'éclairs entouré !
 Monts et vallées répercutent le grondement du tonnerre et la voix
 de la Loi :

Un écho répond amen du sein des hommes consternés,
 Et les troupes éparses deviennent, après que le droit a reçu son
 interprète,

Deviennent un grand royaume, un peuple saint.